



Cilbene Inês Falcão Barbosa

LITURGIA, REALIZAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL
A Dimensão Teológico-litúrgica na *Sacrosanctum Concilium*

Dissertação de Mestrado

Trabalho monográfico apresentado ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2022



Cilbene Inês Falcão Barbosa

LITURGIA, REALIZAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL.

A Dimensão Teológico-litúrgica na *Sacrosanctum Concilium*

Dissertação de Mestrado

Trabalho monográfico apresentado ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela banca examinadora abaixo.

Prof. Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Orientador

Departamento de Teologia Puc-Rio

Prof. Pe. Evandro Stefanello

Departamento de Teologia UNIFACC-MT

Prof. Maria Teresa de Freitas Cardoso

Departamento de Teologia Puc-Rio

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador

Cilbene Inês Falcão Barbosa

Graduou-se em Economia pela UFMT em 1982 e em Teologia pela Faculdade Católica de Mato Grosso em 2016. Especializou-se em Mariologia pela Faculdade Dehoniana em 2020.

Barbosa, Cilbene Inês Falcão

Liturgia, realização do mistério pascal : a dimensão teológico-litúrgica na *Sacrosanctum Concilium* / Cilbene Inês Falcão Barbosa ; orientador: Luiz Fernando Ribeiro Santana. – 2022.

115 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Mistério pascal. 3. Teologia litúrgica. 4. Concílio Vaticano II. 5. *Sacrosanctum Concilium*. I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Dedicatória

Ao Espírito Santo que ilumina meu caminho desde sempre.

Aos meus pais que me abriram a porta da fé.

Ao Toninho, meu marido, pela compreensão com as minhas ausências, pelo amor sincero e desejo de compartilhar comigo as minhas escolhas.

À Maria e João, Anna e Guilherme filhos que me enchem de orgulho.

À Clara, minha neta, que me tira do estudo e me refaz com nossas brincadeiras.

Agradecimentos

A CAPES e PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não seria realizado.

Ao Programa MINTER/DINTER e a todos os envolvidos neste projeto. De maneira particular, fazemos honrosa menção à Professora Maria Teresa de Freitas Cardoso pelo grande incentivo dado ao Projeto. Com muita garra e tenacidade a professora lutou para que o projeto se tornasse uma realidade.

A PUC-Rio e UNIFACC-MT instituições que me abriram as portas ao Mestrado e viabilizaram estudo com alto nível de conhecimento.

Agradeço ao padre-professor-orientador Luiz Fernando Ribeiro Santana por toda sabedoria demonstrada em sala de aula presencial, on line e nas orientações. Agradeço também por me ensinar a amar a liturgia de maneira plena, no sentido profundo da palavra. E por abrir o meu horizonte intelectual para clássicos da teologia litúrgica. Sou grata pelo convívio com sua pessoa iluminada e pela sua santa paciência.

Um agradecimento especial aos professores Pe. Abimar e Pe. Valdecir que nos acolheram na chegada, nos acompanharam no Rio e não mediram esforços para que o projeto fosse cumprido em meio a pandemia do COVID-19.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)" - Código de Financiamento 001.

Resumo

Barbosa, Cilbene Inês Falcão; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **Liturgia, realização do mistério pascal. A Dimensão Teológico-litúrgica na *Sacrosanctum Concilium***. Rio de Janeiro, 2022. 115p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A vida de Jesus de Nazaré é um mistério, desde a concepção até a sua ascensão. Na sua paixão, morte, ressurreição e glorificação o mistério de Jesus Cristo é clarificado e torna-se o núcleo central da fé cristã. No mistério pascal o desígnio salvífico de Deus se realizou uma vez por todas com a morte redentora do seu Filho, Jesus Cristo. Jesus venceu o sofrimento, o pecado, a morte e abriu um caminho de vida plena para homens. Primeiramente no Antigo Testamento temos o termo *pesah*, (passagem) para a festa da páscoa e depois no Novo Testamento as comunidades cristãs do século I a III, passaram a entender páscoa como o mistério de Cristo. Este mistério compreende toda a história da salvação, que tem seu ápice em Jesus Cristo, sua encarnação, sua morte, sua ressurreição gloriosa e depois, na espera feliz de seu retorno. As comunidades faziam memória da imolação de Jesus na cruz, o ato salvífico primordial. A crucificação de Cristo era entendida, pelos primeiros cristãos, como início da sua glorificação. Esta linha histórica, contínua e progressiva do desígnio de Deus para a humanidade e o fundamento bíblico de mistério, são as bases nas quais se elabora o conceito de mistério pascal, no século II. A teologia patrística, entre os séculos III a IV, reflete o mistério pascal de Cristo com foco nas dimensões: história salvífica, eclesial e sacramental. Anos mais tarde, um movimento litúrgico retoma a teologia com base nas fontes bíblico-patrísticas e proporciona vigor fontal à liturgia. Pio XII lentamente incorpora a teologia do mistério, pensada pelo movimento litúrgico, aos documentos pré-conciliares. Neste movimento progressivo, a teologia litúrgica do mistério pascal se concretiza na constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium* que estabelece o mistério pascal como cume e fonte da liturgia.

Palavras-chave

Mistério pascal; Teologia litúrgica; Concílio Vaticano II; *Sacrosanctum Concilium*.

Abstract

Barbosa, Cilbene Inês Falcão; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **Liturgy, fulfillment of the paschal mystery. The Theological-Liturgical dimension in Sacrosanctum Concilium.** Rio de Janeiro, 2022. 115p. Master's Dissertation – Department of Theology, Pontifical University of Rio de Janeiro.

The life of Jesus of Nazareth is a mystery, from conception to his ascension. In his passion, death, resurrection and glorification, the mystery of Jesus Christ is clarified and becomes the central core of the Christian faith. In the paschal mystery, the salvific plan of God was fulfilled once and for all with the redeeming death of his Son, Jesus Christ. Jesus conquered suffering, sin, and death and opened a path of full life for men. First, in the Old Testament, we have the term *pesah* (passage) for the Easter feast, and then in the New Testament the Christian communities from the 1st to the 3rd century came to understand Easter as the mystery of Christ. This mystery includes all of salvation history, which has its culmination in Jesus Christ, his incarnation, his death, his glorious resurrection and then in the joyful waiting for his return. The communities remembered the immolation of Jesus on the cross, the primordial saving act. The crucifixion of Christ was understood, by the first Christians, as the beginning of his glorification. This continuous and progressive historical line of God's plan for humanity and the biblical foundation of mystery are the bases on which the concept of the Paschal Mystery was elaborated in the second century. Patristic theology, between the 3rd and 4th centuries, reflects the paschal mystery of Christ with a focus on the dimensions: salvific, ecclesial and sacramental history. Years later, a liturgical movement takes up the theology based on the biblical-patristic sources and gives fontal vigor to the liturgy. Pius XII slowly incorporates the theology of mystery, thought up by the liturgical movement, into pre-conciliar documents. In this progressive movement, the liturgical theology of the paschal mystery is concretized in the dogmatic constitution *Sacrosanctum Concilium*, which establishes the paschal mystery as the summit and source of the liturgy.

Keywords

Paschal mystery; Liturgical theology; Second Vatican Council; *Sacrosanctum Concilium*.

Lista de Abreviaturas

- AA - *Apostolicam actuositatem*, Decreto sobre o apostolado dos leigos.
Documento do Concílio Vaticano II.
- AG - *Ad gentes*, Decreto do Concílio Vaticano II sobre a atividade missionária.
- CD - *Christus Dominus*, Decreto sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja.
- CEC - Catecismo da Igreja Católica. Conselho de Cardeais e Bispos, ad hoc
constituído em 1996. João Paulo II.
- CIC - *Codex Iuris Canonici*. Código de Direito Canônico. Comissão de Revisão do
Código de Direito Canônico constituída em 1963. João Paulo II.
- DC - *Dominicae Cena*, Carta sobre o mistério e o culto da Santíssima Eucaristia.
João Paulo II.
- DV - *Dei Verbum*, Constituição dogmática sobre a revelação divina. Documento do
Concílio Vaticano II.
- EE - *Ecclesia de Eucharistia*, Carta Encíclica sobre a Eucaristia na sua relação com
a Igreja. João Paulo II.
- EN - *Evangelii Nuntiandi*, Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo
contemporâneo. Papa Paulo VI.
- GE - *Gaudete et exultate*. Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no mundo
atual. Papa Francisco.
- GS - *Gaudium et spes*, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje.
Documento do Vaticano II.
- IGLH - Instrução geral da Liturgia das Horas, Documento da Congregação para o
Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.
- IE - *Inter Œcumenici* Instrução para a reta aplicação da Constituição sobre a Sagrada
Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, Documento do Vaticano II.
- LG - *Lumen gentium*, Constituição Dogmática sobre a Igreja. Documento do
Vaticano II.
- MD - *Mediator Dei*, Carta Encíclica sobre a Liturgia. Pio XII.
- OT - *Optatam totius*, Decreto sobre a formação sacerdotal. Documento do Vaticano
II.
- PO - *Presbyterorum ordinis*, Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros.
- SC - *Sacrosanctum concilium*, Constituição sobre a Sagrada Liturgia. Documento
do Vaticano II.

VC - *Vita consecrata*, Exortação apostólica pós-sinodal sobre a vida consagrada.

João Paulo II.

Sumário

1. Introdução	11
2. Páscoa: sua dimensão bíblico-patristica	17
2.1. No Antigo Testamento	15
2.2. No Novo Testamento	22
2.3. Nas homilias pascais dos Padres da Igreja	34
3. A teologia do mistério pascal na <i>Sacrosanctum Concilium</i>	45
3.1 Nota Introdutória: A novidade do Concílio Vaticano II	45
3.2. A revelação como realização do eterno plano de salvação	48
3.3. Do mistério pascal nasce o sacramento da Igreja	58
3.4. O mistério pascal como fundamento da Igreja	68
4. O mistério pascal é a vocação cristã	79
4.1. A liturgia como celebração do mistério pascal	79
4.2. A vocação pascal da Igreja	85
4.3. A existência cristã como expressão do mistério celebrado	91
5. Conclusão	101
6. Referências Bibliográficas	106

1 Introdução

Pio XII, ao longo do seu pontificado, colocou gradualmente as bases teológicas na liturgia e construiu os alicerces de uma teologia litúrgica. Os princípios teológicos, espirituais, eclesiais e pastorais da liturgia, evidenciados na carta encíclica *Mediator Dei*, não foram em vão, uma vez que ajudaram a compreender a reforma posterior provocada pelo Concílio Vaticano II. Os primeiros passos foram dados pelo pontífice ao amadurecer a implantação de uma reforma da liturgia que viabilizasse na prática as que foram surgindo naquela época. A carta encíclica *Mediator Dei* e o posterior Concílio Vaticano II, cada um a seu modo, marcaram novas etapas na vida eclesial.

Ao longo desta dissertação ficou evidente que o Concílio Vaticano II, sem dúvida alguma, foi o mais importante acontecimento eclesial dos últimos séculos. Um novo Pentecostes aconteceu no coração da Igreja. Certamente a constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium* marcou fortemente o Concílio, dando-lhe ritmo para sua continuidade e incentivo à promulgação de outros documentos. Este documento conciliar é o acontecimento fundamental da história contemporânea da liturgia e a melhor resposta ao movimento litúrgico. Além disso, foi uma consequência natural dos estudos doutrinários, dos esforços pastorais e das decisões das autoridades competentes que o antecederam. A finalidade do Vaticano II foi promover a fé católica e a renovação da vida cristã adequada ao tempo moderno. Nesse sentido moveu o Concílio Vaticano II, que fortaleceu a compreensão da liturgia como celebração da realização do mistério pascal de Cristo no tempo hodierno.

As reuniões preparatórias para o documento *Sacrosanctum Concilium* transcorreram num clima de solidificação da liturgia como ação de Cristo e mistério de salvação realizado na Igreja, isto é, no seu corpo. Assim, os padres conciliares desvelam a linha sacramental da liturgia como continuação do mistério cultural de Cristo na história da salvação, sempre em curso até que o Senhor venha no fim dos tempos. Os primeiros passos neste sentido foram dados por L. Beaudin e O. Casel que, ao estudarem as fontes antigas, deram-se conta de que o culto cristão, até aqueles dias, se desenvolvia alicerçado nos antigos textos litúrgicos. E um

movimento litúrgico foi sendo estabelecido visando a uma teologia litúrgica que contemplasse o mistério, o mistério de Cristo.

Descortinado o horizonte litúrgico, durante as aulas do Mestrado, a pergunta inicial que eu fiz a mim mesma, ainda na fase de pré-projeto, foi “o que deve ser estudado e aprofundado para bem celebrar a liturgia?” Ao afunilar e purificar as possíveis respostas, os caminhos foram revelados no documento conciliar *Sacrosanctum Concilium*. As respostas foram encontradas no documento nos parágrafos sobre a natureza da liturgia. Por isso, a consciência e o dever nos impõem a alertar aos leitores da centralização dos capítulos naquilo que eles contribuem para aprofundar a essência do tema desta dissertação.

A segunda motivação para este estudo foi a pastoral. Como catequista de adultos, percebo a importância da mística cristã e da mistagogia para uma boa iniciação cristã. Durante a pesquisa, mística e mistagogia se mostraram presentes na teologia do mistério e percebi uma relação vertical nas pontas, ou seja, quanto mais conheço a teologia do mistério mais a mística cristã e a mistagogia se tornam presentes na vida cotidiana do homem. Percebi também o mistério pascal como fundamento do processo de iniciação das pessoas na vida eclesial, sua associação para a celebração dos sacramentos da iniciação cristã e a sua vivência como vocação cristã.

Na fase da pesquisa mostrou-se necessário compreender o trabalho dos padres conciliares em relação ao termo mistério pascal nos textos do Concílio Vaticano II, era fundamental conhecer o movimento litúrgico antecedente. Nesse olhar voltado ao movimento sobressaiu, dentre muitos reformadores, o beneditino O. Casel, que recuperou da teologia bíblico-patristica a teologia do mistério. Foi necessário associar o movimento litúrgico à gênese veterotestamentária da páscoa para obter a delimitação do tema: Liturgia, realização do mistério pascal - A dimensão Teológico-litúrgica na *Sacrosanctum Concilium*.

Não temos a pretensão de esgotar o vasto e profundo mistério litúrgico, mas de apresentar o mistério pascal na essência bíblico-patristica, magisterial e pastoral. A partir deste aprofundamento procuro associar o mistério pascal como celebração da espiritualidade litúrgica na vida cristã. Este trabalho, pretende ser uma leitura da dimensão teológica central que despontou ao longo da pesquisa: liturgia, realização do mistério pascal de Cristo. Para atender este fim, a dissertação foi estruturada conforme o tripé da fé católica: Sagrada Escritura, Tradição e magistério. Estes

vértices têm diferentes ângulos complementares. A complementaridade, verificada na pesquisa, aprofundou as dimensões históricas e teológico-litúrgicas; aprofundou a dimensão mistérica da liturgia como prolongamento do momento atual da história da salvação e, enalteceu as convergências espirituais e pastorais.

Estruturamos as bases do triângulo, Sagrada Escritura, Tradição e Magistério, em capítulos. O capítulo dois está centrado em dados escriturísticos que fundamentam a base histórica da páscoa e o seu conceito salvífico. Com os padres da Igreja, desvelamos o termo mistério pascal nos primórdios da Igreja, séculos II a V. E o outro vértice, relativo ao magistério da Igreja, apresenta no terceiro capítulo o movimento litúrgico que antecedeu o Concílio Vaticano II e a base sólida que proporcionou ao documento conciliar *Sacrosanctum Concilium*. O quarto capítulo, eminentemente pastoral como o Concílio Vaticano II, versa sobre a vocação cristã. Para atender e explanar o objetivo conciliar dedicamos ao estudo do mistério pascal como núcleo central da vida espiritual guiada pelo Espírito do Cristo ressuscitado. Passamos à fase de aprofundamento da pesquisa e início da escrita dos capítulos com o segundo capítulo, "A páscoa na dimensão bíblico-patristica", dividido em três subseções. Desta forma, aprofundamos o estudo sobre a páscoa no Antigo e Novo Testamento e na formulação patristica do termo mistério pascal. Este capítulo segundo se mostra importante termômetro da gênese da páscoa, do significado do culto veterotestamentário na vida do povo de Israel e sua relação sacrificial. O povo escolhido por Deus experimentou uma profunda transformação no culto ao passar do Antigo Testamento para o Novo Testamento. Ao longo da pesquisa, discorreremos sobre os aspectos que sobressaíram no culto pascal veterotestamentário, como ato preliminar, ou seja, como um prenúncio da liturgia cristã. Mostraram-se relevantes: a dimensão comunitária do rito *pesah*; a dimensão de oferenda e sacrifício; e, por fim, a dimensão profética da travessia do mar.

Revisitar o povo de Israel, aquele que tem consciência de ser um povo eleito por Deus para uma aliança com Ele, foi fundamental para evidenciar como esta particularidade de eleição marca os ritos, as festas e atos cultuais do Antigo Testamento. Na *pesah*, objeto principal da pesquisa testamentária, destacamos a noite em que Israel foi poupado pelo sangue do cordeiro derramado nos umbrais das suas casas; nessa noite, que antecedeu a travessia do mar, comeram a ceia reunidos em casa. Este aspecto singular servirá para constatar que o ritual e o culto situam-se como comum unidade de um povo escolhido numa terra de promessa e

em um tempo próprio do desígnio de salvação. O estudo pretende apontar que a ceia pascal é o momento mais evocativo da consciência comunitária e coletiva de Israel como povo liberto do Egito. A ceia pascal é uma profissão de fé que atualiza aquele feito de *Iahweh* em favor do seu povo.

Ao longo do estudo veterotestamentário evidencia-se a prefiguração do antigo sacrifício na plenitude do verdadeiro culto oferecido pelo Filho ao Pai no Espírito Santo, sua morte de cruz. Não mais sangue de cordeiro aspergido nos umbrais das casas, mas o sangue derramado por Jesus Cristo para a salvação de todo gênero humano. Por fim, com o estudo da dimensão bíblica ensinamos apontar que Cristo cumpre a mediação prefigurativa de animais sacrificados em função de uma aliança, a figura se aperfeiçoa e interpõe-se em pessoa entre Deus e os homens. Este mediador perfeito empenha sua própria vida de modo infinitamente superior à mediação figurativa dos animais abatidos em função da aliança com *Iahweh*.

A pesquisa pretende evidenciar que os aspectos do culto na Antiga Aliança serviram de sustentação teológico-bíblica para a liturgia cristã estabelecida no Novo Testamento. O decisivo apontado pelo nosso estudo é a atitude de Cristo diante do culto judaico e, após Pentecoste, a interpretação de sua existência dada pelos discípulos à luz da morte de cruz e ressurreição, a Páscoa de Cristo. No primeiro momento após a morte e ressurreição de Jesus Cristo, a concepção de templo, sinagoga e culto sofreu uma conversão de sentido. Um novo horizonte foi aberto aos olhos dos discípulos que compreenderam que o Filho e o seu Reino são o cumprimento da promessa do Pai na dimensão de libertação do pecado, mas não mais ligada à observância da Lei e suas prescrições culturais, e sim pela fé na verdadeira páscoa.

Ao evoluirmos no estudo pascal do Novo Testamento evidenciaremos que a cruz, inseparável da ressurreição, é o núcleo central da pregação dos discípulos para perpetuar no tempo a ação salvífica de Jesus Cristo. Há um fato histórico novo a ser anunciado, a Páscoa do Reino de Deus presente entre nós, por isso, o culto no Novo Testamento não é mais um lugar geográfico, mas um lugar em Espírito e verdade. A redenção é uma ação que se realiza por meio dos sinais do culto, por essa razão se faz presente à distância, independente de tempo e lugar. Todos entram em contato com a realidade do acontecimento pascal da salvação realizada pelo Pai, no Espírito em Cristo.

A terceira parte do primeiro capítulo, o estudo dos padres da Igreja, o destaque se concretiza na expressão mistério pascal. Esta composição de mistério e páscoa apareceu na homilia atribuída a Melitão de Sardes, provavelmente do século II. O fio condutor da homilia é a paixão de Cristo, refletida como a realidade presente nas figuras veterotestamentárias e a intervenção salvífica de Deus na história, ao enviar seu Filho para a salvação de toda humanidade. O autor associa a obra da salvação a um mistério universal. Nesse sentido, o mistério da páscoa de Melitão de Sardes recolhe todo o conteúdo cristológico da expressão paulina, mistério de Cristo e envolve a história da salvação da humanidade.

Para lançar a base do capítulo seguinte sobre a teologia do mistério pascal na *Sacrosanctum Concilium* trouxemos à luz o pensamento de Agostinho de Hipona sobre o mistério pascal de Cristo. Verificamos durante o estudo da patrística, que há uma alternância teológica ora sobre a dimensão cristológica da paixão de Cristo, ora sobre a antropológica como a passagem do homem. O equilíbrio agostiniano enalteceu o significado pascal e encontrou o duplo aspecto que sintetiza paixão e passagem: é a páscoa de Cristo e a páscoa do homem. Assim, a páscoa cristã encontra seu sentido: passagem de Jesus deste mundo ao Pai, e também é Cristo e seu mistério pascal. Com o estudo da patrística foi possível concluir que o mistério aparece relacionado com Cristo e a Igreja, com a Sagrada Escritura e com a presença de Cristo nos sacramentos.

No terceiro capítulo, caminhamos em direção ao Magistério da Igreja para conectarmos a liturgia ao mistério pascal de Cristo e à história da salvação, segundo a doutrina do Concílio Vaticano II. A *Sacrosanctum Concilium*, em primeiro lugar, olha para a história da salvação e evidencia que a liturgia tem um lugar privilegiado na obra da salvação. Esta dimensão é ponto de partida e critério para a reforma litúrgica a que tinham se proposto como Concílio ecumênico. A obra da salvação é o ponto convergente para o pensar teológico do documento conciliar. Do entrelaçamento das dimensões soteriológica, histórico-profética e antropológica resulta o mistério pascal: a paixão, a morte e a ressurreição do Filho de Deus, de cujo lado ferido na cruz nasceu o admirável sacramento da Igreja. Assim, a natureza da liturgia lança luzes em direção a uma eclesiologia que se refere à salvação na dimensão pascal.

Do estudo aprofundado, da *Sacrosanctum Concilium*, verificamos que no parágrafo quinto se apresenta a relação e o posicionamento da liturgia na história

da salvação. Neste parágrafo quinto é esclarecedor que Cristo durante sua vida terrena glorifica ao Pai e santifica os homens, e que o ápice desta sua obra doxológica e santificadora se dá no mistério pascal. Os acontecimentos que pertencem ao mistério pascal de Cristo são ditos claramente: paixão, morte, ressurreição e ascensão aos céus. Com isto, encaminharemos o estudo para demonstrar que estes eventos da vida de Cristo são recapituladores dos eventos pascais judaicos. Verificaremos também como o texto do documento conciliar é eclesiológico ao afirmar que “do lado adormecido de Cristo nasceu o sacramento admirável da Igreja”. Os Padres conciliares clarificam no documento que o nascimento da Igreja tem seu início no mistério pascal de Cristo com a vocação de ser sinal-sacramento deste mesmo mistério.

Ao finalizarmos o capítulo dedicado ao mistério pascal no magistério da Igreja, o estudo apontou que a renovação refletida teologicamente pelo movimento litúrgico culminou no Concílio Vaticano II. Esta renovação, encaminhou-se para a espiritualidade litúrgica como o ponto alto e conclusivo do processo de transformação da vida cristã. A questão espiritual que sempre esteve à margem dos documentos litúrgicos, a partir da dimensão teológica da *Sacrosanctum Concilium*, proporcionou uma espiritualidade litúrgica na qual a celebração passa a ser o lugar da experiência religiosa particular que funda o caminho da fé da pessoa.

O caminho percorrido no quarto capítulo evidencia o fundamento comum do culto existencial e da ritualidade como vocação cristã. Este fundamento é o mistério de Cristo, a sua vida, morte e glorificação. Portanto, Cristo é o fundamento da existência cristã. E a liturgia é compreendida, pelo Concílio Vaticano II, como cume e fonte da vida espiritual. O nosso estudo aponta ser impossível uma existência cultural sem uma celebração litúrgica que atualize a presença do mistério de Deus, revelado em Cristo e comunicado pelo Espírito Santo. O que se mostra essencial nesta liturgia é a memória dessa existência e dessa Pessoa, a comunhão com ela e a apropriação das suas atitudes existências na vida do cristão.

O Concílio Vaticano II longe de encerrar a pesquisa sobre o mistério pascal, impulsionou, como aponta o este estudo, à nova visão cristológica, eclesiológica e litúrgico-sacramental da Igreja. É um patrimônio fecundo para todos os tempos que oferece instrumentos seguros e doutrinários que qualificam o eterno evangelizar com a dimensão mistérica de Cristo. Acreditamos que próximo a completar sessenta anos do Concílio, uma das tarefas da teologia e da pastoral ainda é consolidar na

vida da Igreja esta dimensão mistérica do bem celebrar. Quando isso acontece homens e mulheres passam a viver enxertados no mistério de Cristo.

2

Páscoa: sua dimensão bíblico-patrística

2.1.

No Antigo Testamento

O termo páscoa tem sua origem na transliteração do termo aramaico *paschā* e hebraico *pesah*. Estes termos em grego significam, “saltar”, “coxear”.¹ Deriva do contexto da última praga do Egito, quando o Senhor “saltou, omitiu” as casas onde era celebrada a páscoa.² O termo “saltar” qualifica a Páscoa israelita não com caráter expiatório, mas no sentido de sacrifício oferecido a Deus pelos pastores nômades para o bem do rebanho.

A origem e a história da celebração pascal, no Antigo Testamento, estão ligadas a duas festas celebradas na primavera, em ambientes culturais diversos e origem distintas: a páscoa, *pesah*, e a festa dos ázimos, *mazzot*.³ O ritual da páscoa é o de uma festa de pastores que assemelha aos sacrifícios primaveris dos antigos árabes para a preservação e fecundidade do rebanho. O ritual da festa dos Ázimos é uma celebração agrícola própria do tempo da colheita. De origem cananeia, mas assumiu um sentido israelita por sua aproximação à libertação do Egito.

A páscoa dos pastores é celebrada sem menção a santuário, sacerdote ou altar. No dia 14 de nisã, plenilúnio, primeiro mês do ano, um cordeiro era imolado *ad vespem*, isto é, “no fim da tarde”, como oferenda nas casas das famílias.

O primeiro elemento do rito *pesah*, o essencial, é o sacrifício de um cordeiro ou cabritinho novo, em noite de lua cheia, para obter a fecundidade e prosperidade do rebanho. Não se trata de holocausto, mas de sacrifício no qual a vítima ofertada a Deus é assada antes de ser servida e consumida pelos presentes num contexto

¹ 2Sm 4,4; 1Rs 18,2.

² Ex 12,13.23-27.

³ A origem e o fundamento da páscoa, bem como o êxodo, podem ser melhor compreendidos nos seguintes livros do Antigo Testamento: Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Neles lemos a história de Moisés, a libertação das doze tribos de Jacó da escravidão no Egito, as pragas e a Páscoa, a travessia do deserto e finalizando a jornada dos israelitas de volta à Terra Prometida, Canaã. Este é o itinerário dos eventos ocorridos no final do segundo milênio a.C., mil anos antes do nascimento de Jesus.

festivo e de refeição.⁴ Não era permitido cear fora da casa, nem deixar restos e nem quebrar algum dos seus ossos.

O segundo elemento do rito da páscoa refere à prescrição de comer pães sem fermento costume nômade adquirido pelos israelitas nas noites passadas no deserto. A festa do ázimo durava sete dias, era um ritual de purificação e renovação em que se comia “um pão de miséria” para se limpar de corrupção e degradação.⁵ As ervas amargas usadas para temperar a refeição noturna, também foi incorporada ao rito judaico, pois remetiam à amargura da escravidão egípcia.⁶

O terceiro elemento do rito pascal foi incorporado dos nômades egípcios: a aspersão do sangue do animal imolado sobre os umbrais das portas das casas e estacas das tendas. Esse rito consistia em um ritual de defesa, de preservação contra infortúnios, de doenças e contra maus espíritos. Para os israelitas, o sangue era “sinal de pertença e de proteção e, por isso, como sinal de aliança”.⁷

Com a incorporação das festas de *pesah* e *mazzot*, o rito da aspersão foi abolido e não faz parte do ritual da Páscoa judaica.⁸ Entretanto, os israelitas jamais esqueceram que seus primogênitos foram poupados do momento em que haviam efetuado o rito de sangue aplicado à entrada de suas casas. Para Moisés e os seus, a noite de Páscoa que *Iahweh* velou para tirá-los da escravidão ficaria ligada à libertação das mãos do Faraó.

A narrativa sobre a páscoa do primeiro êxodo não era um relato histórico, mas uma narrativa litúrgica específica da fé no Deus que se revelou na história.⁹ A celebração pascal, com todos os elementos rituais, referia-se em primeiro lugar, à ação salvífica fundamental que o Senhor realizou no Egito por ocasião da primeira páscoa. Comemoravam a libertação de Israel e a terra prometida. A narrativa

⁴ DROLET, G. Compreender o Antigo Testamento, p.197.

⁵ Dt 16,3.

⁶ SORCI, P., “Mistério Pascal”, p. 774.

⁷ GIRAUDO, C. Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia, p. 81.

⁸ R. De Vaux, explica a junção das festas da primavera: É preciso lembrarmos que a religião de Israel é uma religião histórica e de que a fé está fundada nas intervenções de Deus na história do povo. Provavelmente existia uma festa pré-israelita da Páscoa. Existiu, tomada talvez de Canaã, mas que se tornou verdadeiramente israelita, uma festa dos ázimos. Ambas se celebravam na primavera. Houve, em certa primavera, uma intervenção fulgurante de Deus, a libertação do Egito, que havia assinalado o início da história de Israel como povo e como povo eleito de Deus e que havia terminado pela instalação na terra prometida. As festas da páscoa e dos ázimos serviram para comemorar este acontecimento preponderante da história da salvação. Esta significação foi muito cedo atribuída às duas festas, a cada uma delas independentemente, segundo as tradições mais antigas, e este valor que tinham em comum tornava quase inevitável que fossem um dia reunidas. DE VAUX, R., Instituições de Israel. p. 529.

⁹ MERCHADOUR, A., A Páscoa no Antigo Testamento, p. 22.

litúrgica consistia na forma didática de fazer memória da libertação que seria perfeitamente realizada só no futuro seguinte.¹⁰

Na dinâmica teológica a última ceia no Egito significa “salvação já realizada”, prefiguração única que remete ao dia seguinte, o da travessia do Mar Vermelho, “a salvação ainda não realizada plenamente”. Segundo E. Aliaga, o primeiro evento tem o sentido teológico da páscoa sublinhando sobretudo a ação salvífica de Deus que “passa” para ferir os egípcios e salvar Israel. No segundo – assim como nos capítulos 13-14 do êxodo – sobressai mais o “homem salvo”, sua passagem da escravidão à liberdade.¹¹ São atitudes complementares, a primeira acentua a ação teocêntrica de “*Iahweh* que passa” e a segunda antropológica ou antropocêntrica do “homem que passou”, mas o conteúdo teológico continua sendo o protagonismo de *Iahweh*, o salvador.

As civilizações orais, como a geração israelita do deserto, armazenavam na memória vestígios de anos passados e rememoravam a salvação do povo de *Iahweh*. A expressão, “esse dia será para vós como memorial” (*zikkarón*), é ordem divina. Nesta ordem divina o cordeiro pascal deve ser rememorado pelas gerações futuras para que seja memorial de redenção; como ordem de iteração na instituição do sacramento o sinal refere não ao futuro imediato, dos pais que fisicamente passarão pelo Mar, mas às gerações futuras que pela fé, farão a travessia.¹² A palavra *zikkarón* é rica aos personagens bíblicos que a reservam para exprimir a indizível relação perene de Deus com o homem hodierno.

O conteúdo semântico da “raiz *zkr*” atribui significado ao termo memorial com sentido de: reapresentação, re-atualização do passado que jamais permanece simplesmente passado, mas que se torna eficazmente presente.¹³ A “raiz *zkr*” tem o objetivo de preservar do esquecimento os benefícios do Senhor, a fim de recordá-los continuamente, trazendo-os à memória e, desse modo, renová-los e atualizá-los na consciência dos israelitas. O poder do *zikkarón*, como reminiscência, arranca do passado a realidade passada e a torna presente, como um presente, como “dom e graça”. Celebrar um memorial judaico é tornar eterno o dom da salvação para todos.

¹⁰ MARSILI, S., A Liturgia momento histórico da salvação, p. 118.

¹¹ ALIAGA, E., A celebração na Igreja Ritmos e tempos da celebração, p. 95.

¹² GIRAUDO, C., Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia, p. 81-82.

¹³ SORCI, P., “Mistério Pascal”, p. 774.

O primeiro destinatário do *zikkarón* é Deus. O seu movimento é descendente vê as amarguras do povo, ouve o seu lamento e desce para libertá-lo da escravidão. Deus é convidado a “se lembrar”, mas “não se trata de um simples recordar-se, mas sim de manter o mesmo agir libertador através de intervenções, novas e eternas, na história de Israel”.¹⁴ Mas Ele quer que o povo execute o rito celebrado pelos pais, quer que o seu gesto salvador que cumpriu outrora seja rememorado pela geração futura. Assim, o sinal do cordeiro pascal, atravessa o tempo de geração em geração para que seja memorial de redenção.

O outro destinatário, o povo eleito, num movimento ascendente sobe a Deus com louvores e súplicas. Israel reconhece ser ele mesmo o atual destinatário do sinal profético, pelo qual deve “se lembrar” do gesto de Deus e de sua significação permanente, *Iahweh* aquele que salvou e salva. D. Sartore explica que a súplica tem a função de “eternizar o cumprimento da promessa de *Iahweh*, a sua ação salvífica na história e se manter no propósito de conversão e de volta a Deus”.¹⁵ Imergindo simbolicamente, a comunidade de Israel, no tempo primordial em que nasceu, por essa anamnese ritual opera regeneração. E louva *Iahweh* que cumpre sua promessa com fidelidade.

Hoje, Israel se reconhece nas gerações passadas e tem consciência de que os eventos salvíficos não acontecerão novamente no tempo histórico, entretanto, se repetem no presente à cada celebração do Rito Pascal no tempo hodierno. Para C. Giraudo, celebração ritual significa “repetibilidade, iteração, (...) retorno e presença à eficácia salvífica do evento fundador, graças à mediação do sinal profético”.¹⁶ A comunidade entra na dinâmica deste memorial, sentindo-se contemporânea dos fatos passados e destinatária dos bens futuros.

O memorial ritual eterniza o acontecimento histórico. A dimensão histórica da salvação é proclamada na liturgia de Israel, como consta do Targum:¹⁷ “É a noite da Páscoa para o nome de *Iahweh*, uma noite reservada e fixada para a libertação de Israel, ao longo das gerações”.¹⁸ S. Marsili explica o tempo sagrado: “a dimensão

¹⁴ SARTORE, D., “Memorial”, p. 728.

¹⁵ SARTORE, D., “Memorial”, p. 728.

¹⁶ GIRAUDO, C., Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia, p. 82.

¹⁷ Quero destacar brevemente que importantes escritos judaicos são testemunhas de antigas tradições judaicas que podem ter circulado na época de Jesus e que se tornam fontes que explicitam passagens do NT, que refletem práticas e crenças judaicas. Após o AT propriamente, algumas das fontes judaicas mais importantes são as seguintes: a *Mishná*, os *Targums*, o *Talmude babilônico*, a *Midrash*. Além de Flávio Josefo, Fílon de Alexandria.

¹⁸ MERCHADOUR, A., A Páscoa no Antigo Testamento, p. 18.

histórica universal, ou seja, a que parte do passado, atravessa o presente e se projeta em direção ao futuro – sempre no sinal da Páscoa (...).¹⁹ Portanto, a realidade primordial é confessada em uma “história contínua que empurra o homem para a frente, não é simplesmente evocação ou repetição, mas promessa e profecia”.²⁰ O tempo não é o *chronos*, mas o *kairós*, tempo histórico carregado de acontecimentos salvíficos.

Ao longo dos séculos ressignificações do evento Páscoa foram processadas historicamente, desenvolveram e progrediram, como as que vimos ao longo deste trabalho. Por fim, a comunidade pascal é conservada, unida não mais tanto pelo vínculo do sangue, mas pelo cordeiro sacrificado em um único rito centralizado no Templo. A comunidade israelita inteira (*qahal* = *ekklesia*)²¹ reúne-se em grupos no Templo para a celebração pascal, como uma comunidade litúrgica.²² Esta era a celebração pascal no tempo de Jesus, no Templo em Jerusalém, não mais em casa de famílias e nem uma refeição convival, mas um sacrifício oferecido ao Senhor.

O judaísmo palestinese se esforça para manter e aprofundar a um só tempo o conteúdo teológico da páscoa e seu caráter ritual de sacrifício.²³ A tradição judaica mantém o simbolismo pascal, irrepetível historicamente, mas como eterna presença pelos ritos litúrgicos celebrados: imolação, sangue, sacrifício. No primeiro êxodo, *Iahweh* fez uma aliança – pacto sagrado de família²⁴ – com o povo de Israel. Essa aliança foi selada com o sangue do sacrifício²⁵ e concluída com o banquete pascal.

¹⁹ MARSILI, S., *Sinais do Mistério de Cristo*, p. 580.

²⁰ MARTÍN, J. L., *Tempo Sagrado, Tempo Litúrgico e mistério de Cristo*, p.36.

²¹ Segundo Boselli G. “para designar a assembleia do Sinai, o texto hebraico da Escritura utiliza o substantivo *qahal* que deriva da raiz *q h l* (“chamar”). Quando os 70 traduziram a Bíblia para o grego, verteram normalmente o termo *qahal*, no sentido cultural, por *ekklesia*, de modo que para os “70” a *ekklesia* é a assembleia litúrgica dos filhos de Israel convocados por Deus mesmo. *Ekklesia* é um substantivo composto pela preposição *ek*, “da”, e pelo verbo *kaléo*, que significa “chamar”. *Ekklesia* é portanto, a “convocação”, a “chamada para fora” e, na forma média do verbo *kaléo*, a chamada para si mesmo”. BOSELLI, G., *O sentido espiritual da liturgia*, p. 104.

²² A Páscoa se tornou uma das grandes peregrinações, um dos pontos culminantes do ano litúrgico. Aos doze anos, idade adulta para os judeus, Jesus sobe com José e Maria à Jerusalém para a Páscoa judaica (Lc 2, 41-52). E durante sua vida pública, como fiel cumpridor das tradições judaicas sobe três vezes para celebrar a Páscoa (Jo 2,13; 6,4)), em Jerusalém.

²³ Nesse mesmo sentido memorial-sacrifício e necessidade de manutenção do conteúdo, cito este trecho do Targum: “Uma vez terminada as imolações e aspersões, enchia-se um cálice com o sangue da mistura e se aspergia com uma única aspersão sobre o altar. A seguir, esquarteja-se a páscoa e extraíam as partes gordas. Punham-se num recipiente e faziam-se queimar sobre o altar”. GIRAUDO, C. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*, p. 97

²⁴ Ex 24, 22-23: Dirás ao Faraó: Assim falou *Iahweh*: o meu filho primogênito é Israel. E eu te disse: Deixe partir meu filho para que me sirva”.

²⁵ Para dar sentido e correto embasamento bíblico as citações referenciadas em Êxodo, acima, e Deteuronômio, abaixo, cito Ex 24,5-11 e destaco: 1) a aliança do êxodo é selada com sangue

No novo êxodo, como Moisés e outros profetas predisseram, Deus fará uma nova aliança com seu povo,²⁶ uma aliança definitiva.

Dentro dessa perspectiva de realização o culto do Antigo Testamento é um preâmbulo que alcançaria sua plenitude em Cristo, no Novo Testamento. Essas duas fases coincidem com o antes e o depois de Cristo, mas sem romper a unidade da aliança e da revelação divina e de toda a história da salvação cujo eixo é Cristo. A encarnação significou nova dimensão da presença de Deus no mundo, mas é antes de tudo descoberta do valor salvífico da história inserida nele.

A páscoa de Cristo realiza a judaica que é uma prefiguração daquela páscoa. A páscoa judaica celebra a saída do Egito para Canaã, da escravidão à liberdade na terra prometida. A cristã celebra a saída deste mundo para o mundo da ressurreição, a última e definitiva saída. Jesus Cristo leva à plenitude a páscoa judaica.

2.2. No Novo Testamento

Para nosso estudo, a páscoa no Novo Testamento refere sobretudo a paixão, morte, ressurreição e ascensão ao céu de Jesus Cristo. A celebração da páscoa, a sua dimensão ritual e teológica, serão lidas e interpretadas à luz do caminho que percorremos desde o Antigo Testamento. A dinâmica teológica que une o sinal profético da Páscoa judaica e a dinâmica do mistério pascal em Cristo é único. O Antigo Testamento progride até o ponto de prenunciar a ressurreição dos mortos. A ressurreição de Jesus no Novo Testamento, o consagra como o Messias profetizado naquele Testamento.

A transposição da instituição pascal do Antigo Testamento para o Novo Testamento, de Israel para a Igreja, foi cronológica. Foi na véspera da páscoa,²⁷

derramado sobre o altar; 2) a realização da Aliança não termina com a morte e sangue derramados, mas com um banquete.

²⁶ Dt 18,17-18: Então, *Iahweh*, me disse: Eles falaram bem. Vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos seus irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhe ordenar.

²⁷ Mt 26,19; Mc 14,12-16; Lc 22,7-13. (...) a datação da última ceia de Jesus: Se admitindo a cronologia dos sinóticos, se é obrigado a fazer coincidir o dia de *parasceve*, a sexta feira, com a páscoa, é preciso reconhecer que o quarto evangelho parece, ao contrário, fazer coincidir a páscoa com o dia seguinte, indicado como “o grande sábado” (Jo 19,31). Segue-se daí que para os sinóticos a última ceia de Jesus se configura como ceia pascal, ela não parece ser no quarto evangelho, onde se observa que os acusadores de Jesus “não entraram no pretório para não se contaminarem e poderem comer a páscoa” (Jo 18,28). GIRAUDO, C. Num só corpo: Tratado mistagógico da Eucaristia, p. 127-128. Sobre esta tensão exegética assim se expressa J. Jeremias: A antecipação em 24 horas da última ceia em João é provável devida a difundida assimilação de Jesus ao cordeiro

como também narrado em Êxodo, *ad vesperam*, hora da imolação do cordeiro, Cristo foi imolado e o seu sangue derramado é alimento de vida eterna. Para R. Cantalamessa, a coincidência do cronológico não é o importante se comparado ao elemento forte e superior: o tipológico. Segundo ele, “Aquele evento – a imolação de Cristo – fora visto como a realização de todas as figuras e de todas as esperanças contidas na antiga Páscoa”.²⁸ Um outro acontecimento histórico foi celebrado, mas seu fim ultrapassa este mundo indo até o além divino. Trata-se da passagem, *pesha*, que Cristo realizou não só do alto céu, mas “no meio e com” o seu povo. Essa Páscoa de Cristo foi tão singular e nova que Israel não conseguiu nominá-la.²⁹

Aquilo que fora só Palavra, muitas vezes incompreensíveis, torna-se realidade com a paixão de Jesus Cristo e só assim se abre à compreensão. Moisés e os Profetas, enfim, a Escritura falava do futuro acontecimento que se realizaria à paixão de Cristo. Bento XVI relembra que “(...) o fim de Jesus na cruz foi simplesmente um fato irracional, que questionava todo o seu anúncio e sua figura inteira”.³⁰ O processo de elaboração do Antigo Testamento em relação a pessoa de Cristo, percorrido pelas primeiras comunidades cristãs da Igreja nascente, tornou-se constitutivo à formação da Igreja. Os discípulos de Emaús são os caminhantes incrédulos, que fizeram a conversão como um processo no qual a escuridão da cruz, se aclara graças a Jesus que “rememora” a Sagrada Escritura para eles.

Dessa forma, o Antigo Testamento passou a ser a referência para a releitura do modelo e da promessa pascal contida em Êxodo. A partir do acontecimento da paixão e morte do Messias, os discípulos, guiados pelo Espírito Santo derramado em Pentecostes, compreendem como o Antigo Testamento foi realizado na pessoa de Jesus Cristo. Podemos então, afirmar como Bento XVI que “a concordância entre fato e palavra determina não apenas a estrutura das narrações da paixão de

pascal: em virtude de tal assimilação se quer fazer coincidir a morte de Jesus com a imolação dos cordeiros pascais na tarde do 14 de Nisã. Sendo assim, acompanharemos, neste trabalho, exegetas que reconhecem nos sinóticos uma cronologia histórica e no quarto evangelho uma cronologia teológica.

²⁸ CANTALAMESSA, R., O mistério da Páscoa: na história, na liturgia, na vida, p. 9.

²⁹ Para S. Marsili “A intervenção libertadora divina a favor de Israel era – mesmo na sua realidade – uma realização só parcial do “desígnio” e consequentemente da “promessa de salvação” existente em Deus. Com efeito, a “libertação referia-se, no momento a um número restrito de homens e era ainda mais uma “didática” para a libertação que seria realizada perfeitamente só no futuro”. MARSILI, S., A liturgia, momento histórica da salvação, p. 118. Exatamente por isso, Israel tinha dificuldades de compreender a nova e universal Páscoa no que se refere a redenção-libertação plena no Filho de Deus uma vez que “*Iahweh* é o Deus de Israel e Israel seja o povo de *Iahweh*”.

³⁰ BENTO XVI, Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição, p. 185.

Cristo, mas é constitutiva da própria fé cristã”.³¹ Desta forma, a Igreja primitiva herdou de Israel a sua festa de Páscoa. Na transição de Israel para a Igreja primitiva, o êxodo mudou de conteúdo, tornou-se memorial de um evento que penetra e supera a antiga Páscoa dos judeus, a Páscoa de Cristo.

A partir da fé suscitada pelo Espírito Santo a vida de Jesus de Nazaré, desde a sua encarnação, deu uma nova dimensão da presença de Deus no mundo. Com os olhos da fé, a plenitude dos tempos pode ser entendida como o “tempo da realização da promessa”. Aquele tempo no qual promessa e anúncio tornaram um único acontecimento real, visível, verificável. O que aconteceu em determinado momento histórico durante o reinado de Herodes na Palestina, sob o governo de Pôncio Pilatos, é definitivamente o acontecimento salvífico de uma vez para sempre e por todas, *ephápax*.³² Cristo inaugura o tempo histórico salvífico pleno no qual o anúncio e o cumprimento, a promessa e a realidade, profecia e realização se tornam unidade. É a páscoa do Antigo Testamento tornando-se real no Novo Testamento, real no corpo imolado de Jesus Cristo, seu aperfeiçoamento e realidade plena.³³

O apóstolo Paulo anunciou essa novidade pascal, da seguinte forma: “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado”.³⁴ A morte de cruz, por nós e para nossa salvação, é o ápice da Páscoa, imolação na carne humana. R. Cantalamessa explica o viver na história e, na carne, a imolação: “(...) a Páscoa deve comemorar antes de tudo a causa da salvação, que é a imolação de Cristo e não o seu efeito que é a passagem do homem”.³⁵ Passa-se, então, da Páscoa judaica para a Páscoa cristã, na qual a imolação não se dá no templo judaico, mas num lugar público chamado Gólgota, exposta aos olhares da comunidade ali presente. Mais uma vez, a realidade torna-se universal e supera o Antigo Testamento, sinal particular de um povo. Até certo momento da história, após Cristo, a comunidade primitiva cristã ia ao Templo para a festa anual e não mais para fazer *zikkarón* do êxodo e sim celebrar, fazer *anamnese* da ceia pascal.³⁶

³¹ BENTO XVI, Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição, p. 185.

³² A. M. Triacca explica o *ephapax*, o *semel*: o uma vez por todas, inclui em si também a ideia de continuidade supratemporal. Com efeito, foi uma vez por todas, uma vez para sempre, que Cristo cumpriu a “*hapax*”, isto é, a única realidade, o mistério pascal. Cristo, chamado alfa e ômega, está na origem e no termo de todas as coisas que são, que foram e que serão. TRIACCA, A.M., “Tempo e Liturgia”, p. 1168.

³³ MARTÍN, J. L., Tempo sagrado, tempo litúrgico e mistério de Cristo, p. 36-37.

³⁴ 1Cor 5,7.

³⁵ CANTALAMESSA, R. O mistério da Páscoa: na história, na liturgia, na vida, p. 17.

³⁶ Na celebração litúrgica, a Igreja rememora todos os acontecimentos salvíficos realizados por Deus na história e que ultimam plenamente na cruz e na ressurreição de Cristo. O evento pascal, acontecido

Após a morte de Cristo, o *zikkaron* se sacraliza, passando a ser tempo sagrado. Portanto, a ceia pascal cristã celebra a memória “re-memoração”, “re-apresentação” do cordeiro imolado em Cristo há mais de dois mil anos. Não é mais um ato de retrospeção histórica, mas uma “*repraesentatio*” na qual um evento histórico entra no presente com sentido pleno e real. A. M. Triacca define a eternidade do tempo litúrgico como uma ação de Deus que vivifica as virtudes dos eventos na história da salvação desde a criação até Pentecostes e homens de todos os tempos celebram sua memória “(...) à medida que as etapas do plano de Deus se sucedem, cada uma com o seu significado particular, para o bem de todos os fiéis na ‘*ecclesia*’ e para a glória da Trindade”.³⁷ Nesse sentido, a liturgia como celebração memorial cultual torna eterno o mistério da cruz e, por conseguinte, todo mistério pascal.³⁸

Para O. Casel, o culto hebraico possui *eidos* (a forma) da “memória”. Deus se revelou ao povo hebreu em acontecimentos históricos que deveriam permanecer diante dos olhos daquele povo. Assim, a libertação de Israel era renovada, todos os anos, no culto, mas não era um mistério genuíno porque se lembravam de um acontecimento temporal de uma salvação temporal. Casel, conclui: “somente a Páscoa de Cristo, sua imolação, pela qual Ele salvou o mundo do pecado e o alimenta da vida divina, foi elevada pelo próprio Redentor à dignidade de mistério no sentido pleno da palavra”.³⁹ Cristo realidade pura, simples de uma incomparável excelência, realidade última da liturgia figurativa da Antiga Aliança. Essa Aliança não conhece mistério, pois Deus ainda não havia aparecido como homem no nosso meio e nem tinha morrido na cruz por amor a humanidade.

A libertação de Israel, no antigo Testamento, lida após a encarnação de Jesus, como prenúncio da redenção de Cristo, a realidade salvífica; o sacrifício do cordeiro foi substituído pelo sacrifício real e na carne de Cristo; a liturgia da Páscoa precede a liturgia eucarística dada por Cristo na última ceia com seus apóstolos. O antigo memorial permanece, mas o seu conteúdo foi cumprido na imolação de Cristo e na

uma vez na história, tornou-se contemporâneo de cada instante de nossa vida: Cristo, por ter ressuscitado, abriu uma brecha na muralha do tempo mortal. Trata-se, pois, de um “memorial” absolutamente novo. Somos nós que nos lembramos, mas a Realidade não se fixou no passado; vive atualmente: a memória da Igreja se faz presente. É todo o realismo do Evento da Liturgia. CORBON, J., Liturgia de fonte, p. 9.

³⁷ TRIACCA, A. M. “Tempo e Liturgia”, p. 1165.

³⁸ Como a páscoa judaica, também a liturgia cristã sobre a páscoa nele se fundamenta e a prolonga, é tridimensional: memorial de ação salvífica passada, realizada uma vez por todas, atualização da salvação operada por ela, visão antecipadora de sua posse plena que ainda está por vir. TRIACCA, A. M. “Mistério Pascal”, p. 785.

³⁹ CASEL, O. O mistério do culto no cristianismo, p. 47.

passagem desta vida para a glorificação celeste⁴⁰. A esse drama de Cristo, da morte vencida pela vida eterna glorificada, damos o nome de mistério pascal. O mistério pascal, segundo O. Casel “(...) comporta a divindade invisível, sobrenatural que se revela no mistério pascal àquele que crê”.⁴¹ cremos com fé pascal.

A *kenose* de Cristo na cruz é total e não pode se realizar descartando a finitude humana, termo da nossa condição humana, a morte. J. Corbon define a morte de Cristo como “momento central da plenitude do tempo, a “hora”: a hora para a qual tende tudo o que precede e, nessa hora decisiva, surge o evento do mistério”.⁴² O *mysterium tremendum* completa a humanidade, e não deixa dúvidas sobre o divino que se fez homem. A *kenose* do Filho, em sua encarnação, equivale à medida da manifestação do amor do Pai. No momento que a *kenose* se consume na entrega do Filho à cruz, o seu amor sem medida pela humanidade se realiza. Ao se fazer homem, foi até o fim, à entrada na morte, o evento único se completa porque o Filho de Deus bebe o cálice de nossa morte.⁴³

O primeiro significado de Páscoa no Novo Testamento é a morte de Cristo esta entrega filial ao Pai. E o apóstolo Paulo foi o primeiro apóstolo que refletiu sobre morte de Jesus, como um evento filial. Na carta endereçada à comunidade de Corinto, Cristo oferece-se ao Pai como primícias⁴⁴ em substituição às ofertas oferecidas no Templo durante a Páscoa judaica.⁴⁵ Para Paulo, Cristo ofereceu o sacrifício perfeito em seu sangue derramado na cruz, uma vez “que afastou os

⁴⁰ Ratzinger nos ensina sobre o culto cristão: a liturgia da fé cristã não pode ser simplesmente entendida como uma forma cristianizada da celebração da Sinagoga, por mais que a sua configuração concreta lhe tenha de agradecer. Desde sempre a Sinagoga foi ordenada ao templo e assim permaneceu mesmo após a sua destruição. (...) O culto cristão vê a destruição do templo de Jerusalém como definitiva e teologicamente necessária: o seu lugar ocupou o templo universal de Cristo ressuscitado, cujos braços abertos na cruz se estendem para o mundo a fim de recolher todos no amor eterno. O templo novo já existe e com ele o novo sacrifício, o definitivo: a humanidade de Cristo aberta através da cruz e da ressurreição. RATZINGER, J., Introdução ao espírito da Liturgia, p. 36-37.

⁴¹ CASEL, O. O mistério do culto no cristianismo, p. 46.

⁴² CORBON, J. Liturgia de fonte, p. 32.

⁴³ A. Hamman diz que é preciso procurar no Novo Testamento “expressões com que nos esforcemos por traduzir em palavras o mistério de Cristo”. Enquanto isto, é necessário concretizar e desenvolver o evento Cristo, entendido como ato do Filho, como obra do Filho, não supõe apenas o seu ingresso na história, mas abrange igualmente o seu viver nesta história e sua volta ao Pai, no mistério pascal”. SORCI, P., “Mistério Pascal”, p. 769.

⁴⁴ A Expressão, primícia, narrada em 1Cor 15,20.23 se refere ao primeiro feixe da colheita que era levado ao Templo e oferecido em sacrifício a Deus (Lv 23; Dt 16). Para James Dunn, “o primeiro feixe da colheita” é significado escatológico que não dependia de uma suposta brevidade dos “últimos dias”. O que era importante é que os últimos dias haviam começado, essa nova era estava marcada como culminante, do desígnio de Deus em realização. DUNN, J., A teologia do apóstolo Paulo, p 286.

⁴⁵ SARTORE, D., “Mistério pascal”, p. 779.

pecados de uma vez por todas e, por causa disso, não há lugar para as oferendas costumeiras”.⁴⁶ Neste mesmo sentido J. Corbom reflete que “A morte não mais existe: o Filho do Deus vivo esmagou-a com a própria morte”.⁴⁷ Pela comunhão filial a morte é esmagada, e, na ressurreição a vitória de Jesus sobre a morte, prevalece a eterna comunhão do Verbo com a humanidade em Jesus. A “união hipostática faz com que todos os atos do Homem-Deus tenham o verbo divino como sujeito e, portanto, estejam cobertos de garantia absoluta”.⁴⁸

O homem acredita que está entregando à morte o autor da vida, mas Ele se entrega para vivificar os que são escravos da morte. Cristo entrou em comunhão com o Pai, e sua morte foi uma liturgia de comunhão na qual a última palavra, o Verbo encarnado, encontra-se com a primeira, a Palavra geradora. Para F- Xavier Durrwell “(...) A morte adquire sentido pela ação glorificadora, isto é, “filializante” do Pai. Essa é a ação primordial. Para a teologia, ela deve ser o ponto de partida para toda a reflexão”.⁴⁹ Deus atrai seu Filho para seu seio e o faz nascer ao morrer para o Pai. No Gólgota, os espectadores da morte do Filho tinham à frente um véu, porque viam que um homem estava morrendo. Somente o Pai foi testemunha da morte do Filho, e foi o Pai que desvelou o mistério da cruz: três dias depois da sua morte, Jesus nasceu divinamente.⁵⁰

O segundo significado de Páscoa na Nova Aliança acentua a dimensão sacrificial que Cristo oferece por intermédio de sua morte. O único Cristo que Paulo conheceu e se interessou por ele, foi o crucificado.⁵¹ A poderosa imagem que o apóstolo dos gentios usa para explicar o “sacrifício pelo pecado”, oferecido por indivíduos ou por um grupo no templo de Jerusalém, no dia anual da expiação, é o

⁴⁶ MORRIS, L., “Salvação”, p. 1127.

⁴⁷ CORBON, J. Liturgia de fonte, p. 37.

⁴⁸ LAMBIASI, F., “Espírito Santo”, p. 271.

⁴⁹ DURRWELL, F.X., Cristo nossa Páscoa, p. 16.

⁵⁰ DURRWELL, F.X., Cristo nossa Páscoa, p. 40-42.

⁵¹ DUNN, G., sobre 1Cor 1-23-2,2 explica, em linguagem paulina, a profundidade do crucificado que era o Messias esperado. Fazer de um homem crucificado o ponto central da proclamação (a cujos “olhos foi exposto Jesus Cristo crucificado” Gl 3,1) era igualmente loucura para os gentios. Em resposta os primeiros cristãos não tentaram defender a pretensão da messianidade de Jesus fora da cruz. Tampouco Paulo o fez, embora aparentemente a batalha já tivesse vencida quando escreveu suas cartas, Jesus foi Messias como o crucificado ou não foi o Messias. DUNN, J., A teologia do Apóstolo Paulo, p. 244.

Cristo crucificado.⁵² Como afirma: “Pois, Cristo, nossa páscoa, foi imolado”.⁵³ O cordeiro pascal das festas pascais não era, estritamente falando, um sacrifício, mas na última ceia que Jesus esteve com os seus discípulos, a linguagem transmitida é sacrificial e significa expiação.⁵⁴ Cristo não estava preservando a lembrança anual do êxodo do Egito. Deliberadamente ele estava instituindo uma nova Páscoa que cumpria a expectativa judaica de nova Páscoa, a do Messias. Essa era a novidade intrínseca no todo, a Páscoa de Jesus.

O Novo Testamento, na voz de Cristo, diz que a nova aliança é selada por um sacrifício de sangue.⁵⁵ Então, um acontecimento se impôs, a morte de Jesus na cruz. Segundo Bento XVI, a originalidade histórica das palavras e dos gestos de Jesus na Última Ceia está nas palavras “por vós – por muitos”, que denotam a riqueza das perspectivas teológicas da autodoação vicária de Jesus e conjuntamente a ideia de expiação. Para ele, uma vez que o povo havia recusado o Reino de Deus, só restava a expiação vicária, ou seja, tomar sobre si a desventura que incumbia. Não há contradição entre a mensagem de Jesus e sua aceitação da cruz enquanto morte por todos, muito pelo contrário, é nessa aceitação e transformação que a Nova Aliança alcança sua profundidade.⁵⁶ Portanto, a alma⁵⁷ do mistério pascal é o “por nós”; uma respiração que vivifica porque o sangue da aspersão que tira os pecados, que santifica os pecadores faz parte de uma liturgia onde a cruz é o trono da glória eterna.⁵⁸

⁵² Lv 4; Lv 16,11-19. O objetivo do ato de expiação é, antes a eliminação do pecado – isto é, seja purificando a pessoa ou o objeto, seja apagando o pecado. A expiação é caracteristicamente feita “por” (em favor de) uma pessoa ou “pelo pecado” (Ex 32,20; Lv 4,35; 5,26; Ez 45,17). DUNN J., Cristo crucificado, p. 259.

⁵³ 1Cor 5,7.

⁵⁴ Paulo faz essa ligação, provavelmente “estabelecida na dupla associação da última ceia com a Páscoa e com o “sangue” de Jesus” derramado (*ekchunnomenon*) por muitos (Mc 14,24 e paralelos)”. DUNN, G. A teologia do apóstolo Paulo, p. 621-622.

⁵⁵ A. Hammanm diz que é preciso procurar no Novo Testamento “expressões com que nos esforcemos por traduzir em palavras o mistério de Cristo”. Enquanto isto, é necessário concretizar e desenvolver o evento Cristo, entendido como ato do Filho, como obra do Filho, não supõe apenas o seu ingresso na história, mas abrange igualmente o seu viver nesta história e sua volta ao Pai, no mistério pascal”. SORCI. P., Mistério Pascal, p. 769.

⁵⁶ BENTO XVI, Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição, p. 185.

⁵⁷ Etimologicamente, o termo alma está sempre relacionado com respiração, com hálito, entendidos como manifestação de vitalidade. (...) A alma é, pois, aquilo que dá ao vivente a natureza de ser e de agir de certo modo: é o primeiro princípio que especifica o corpo e o move às funções vitais” (C. Fabro). Na Bíblia a alma indica a vida ou o homem vivente; não é nunca pensada como parte ou elemento separado, o termo indica principalmente “o sujeito das manifestações vitais, especialmente das conscientes e espirituais” (G. Langemeyer). Para Salvati “a sobrevivência da alma é pensada pela Escritura como dom de Deus e está sempre ligada à ressurreição corporal”. SALVATI, G. M., “Alma”, p.15.

⁵⁸ DURRWELL, F.X., Cristo nossa Páscoa, p. 44-48.

A Nova Aliança foi sancionada num sangue imaculado, já que Jesus viveu sem pecado. O sangue de Jesus Cristo, a expiação dos pecados, lava os que pecaram e privados da glória de Deus. É pela graça de Deus em Cristo, o instrumento de expropriação, que a humanidade inteira foi expiada.⁵⁹ F-Xavier Durrwell explica: “Na santidade do sangue de Cristo, cuja aspersão eles recebem, na santidade de Cristo imolado com o qual entram em comunhão, homens são expiados”.⁶⁰ Na paixão e morte de Cristo a imolação da sua carne o santifica e, esta santidade santificante torna-se causa determinante para que os pecados sejam expiados. Esta santidade reflete-se no puro amor e na gratuidade que irromperam no mundo, na pessoa do mediador Jesus Cristo. Por ser amor e gratuidade, a morte de cruz não foi um preço pago por Jesus, foi sim, uma oblação sacrificial: morreu pelos nossos pecados, sabendo que morreria pelos nossos pecados; morreu por amor, num ato de liberdade total, para honrar o amor do Pai em libertar os seus filhos.

A morte de Jesus não fica presa ao tempo histórico, no temporal passado é pelo “por nós” que a cruz continua salvando. O grito: “Jesus ressuscitou” foi uma explosão de alegria e profissão de fé. É por “uma vez portodas” que a ressurreição também não se situa no passado.⁶¹ J. Corbon explica que: “A morte de Jesus, além das circunstâncias históricas que transcorreram, é, por ela mesma, a morte da morte. (...) só para Cristo, e só para ele, ressuscitar é passar pela morte em sua humanidade integral, passar além da morte”.⁶²

Ao ressuscitar, Jesus é introduzido na soberania messiânica, os discípulos proclamam que Ele é o Messias. A unção suprema lhe é concedida na morte e anunciada por todos e para todos da Igreja Primitiva na fórmula paulina: “(...) nós anunciamos Cristo crucificado”.⁶³ Entretanto, é na sua ressurreição que Jesus foi estabelecido definitivamente no senhorio messiânico.⁶⁴ As esperanças de um rei

⁵⁹ Propiciatório lembra o lugar santíssimo onde a misericórdia de Deus manifestava-se em reparação pelos pecados, realizada por meio do culto veterotestamentário. Cristo era o antítipo escatológico desse propiciatório. GRUNDRY-VOLF, J. M., *Expição, Propiciação, propiciatório*, p. 526.

⁶⁰ DURRWELL, F.X. *Cristo nossa Páscoa*, p. 66.

⁶¹ A expressão “uma vez por todas” só é empregada para a morte, ressurreição-ascensão de Jesus.

⁶² CORBON, J., *Liturgia de fonte*, p. 40.

⁶³ Na teologia paulina, expressa no texto por 1Cor 1,23, é possível afirmar que a cruz é a pressuposição da ressurreição (porque sem sua morte Cristo não ressuscitaria) esse discernimento não tem importância teológica. Não que a cruz seja um capítulo da história da ressurreição no qual a ressurreição excede a cruz em importância. Mais exatamente, a ressurreição dá sentido à cruz, sendo a cruz o verdadeiro centro da gravidade. Quase podemos dizer que a ressurreição é um capítulo em um livro a respeito da teologia da cruz. McGRATH, A.E., *Teologia da cruz*, p.360.

⁶⁴ Na Bíblia, “Senhor” é o título de Deus, por seu poder universal (At 2,36). Os judeus também o atribuíam ao representante de Deus sobre a terra, o Messias-Rei.

temporal, de grandes conquistas territoriais para seu reino morreu com a cruz e, após a ressurreição, Jesus, o Messias, reina à direita do Pai.⁶⁵

A unidade da morte e da ressurreição é realizada pelo poder do Espírito Santo.⁶⁶ O Filho morre no amor do Pai, o Pai ressuscita o Filho no amor. Então, podemos afirmar que o Espírito é o amor que faz da morte e ressurreição um mistério de amor trinitário. A ressurreição é acontecimento histórico, pertence à história humana. Por outro lado, a essência da ressurreição está no fato de que ela rompe a história e inaugura uma dimensão escatológica. Há uma convergência na ação do Espírito Santo quanto à ressurreição de Jesus que impulsiona e ilumina a esperança cristã: um dia os fiéis ressuscitarão também pelo Espírito, transformados na glória e no poder junto a Deus.⁶⁷

Com a encarnação, Cristo tinha a “mesma carne” humana que a de qualquer homem e, na ressurreição, temos também em comum com Ele o seu espírito, pois o ressuscitado se tornou espírito doador da vida. A ressurreição, parte integrante do mistério da salvação, é a verdade do Cristo e fundamento da realidade cristã. O Espírito Santo é a força motriz, geradora e atuante aquela força que permanece na ressurreição humana.⁶⁸

Na ressurreição, aquilo que já era esperado se transforma em realidade e a ressurreição constitui Jesus na glória poderosa de sua filiação. A verdade de Jesus está na sua filiação divina, e o mistério pascal é o cume dessa filiação prenunciada na sua encarnação. Há uma relação filial na ressurreição, ele é o Filho de Deus que o invoca como “Abba!”. Jesus, ressuscitado na morte, agora só existe para o Pai, plenamente. A partir daí, torna-se público que Deus é o Pai infinito de um Filho

⁶⁵ DURRWELL, F. X., Cristo nossa Páscoa, p. 21-23.

⁶⁶ Numa perspectiva pessoal, o protagonista é Cristo: está no centro da história de tal forma que tudo o que há antes o prepara e tudo que vem depois continua e expande seu caminho. Sem dúvida alguma sua vida é o lugar, o foco central de Deus entre os homens. Contudo, tomados os momentos da unidade sinótica buscando a força que os une, descobrimos que há outro protagonista: o Espírito. Sem dúvida alguma, sua ação é diferente: não está num homem concreto, como Cristo. Mas a partir do mistério da presença salvadora de Deus, que centralizou tudo em Cristo, o Espírito aparece como o agente que preside e unifica cada um dos tempos e momentos do processo. PIKASA, X., Maria e o Espírito Santo, p. 34.

⁶⁷ BENTO XVI, Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição, p. 243-247.

⁶⁸ O Espírito Santo dado aos fiéis, é um sinal escatológico, o que significa que a salvação e a restauração de seu povo por Deus, já começou. Esse ponto de vista escatológico tem alguns precursores no Antigo Testamento e na esperança rabínica de que o Espírito seja dado de modo geral no tempo futuro, e também em perspectivas da literatura de Qumran. Para Paulo, no entanto, a diferença é que o Espírito representa a invasão do fim dos tempos no presente. (...) O Espírito é ele mesmo uma invasão dos poderes do tempo que há de vir e uma garantia da realidade desse tempo junto com o papel do fiel nele. PAIGE, T., Espírito Santo, p.492-493.

gerado pelo poder do Espírito Santo. A páscoa explicita que a Palavra de Deus na pessoa do Filho se fez carne e estava no meio do povo através da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus; na sua vida messiânica; na obediência filial da entrega da cruz. A Ressurreição se tornou, então, a última e eterna revelação do Filho de Deus,⁶⁹ pela plenitude atemporal recebida do Pai que o gerou “por e na força” do Espírito Santo.

Ao alcance dos discípulos, estava a novidade pós-ressurreição: “E enquanto os abençoava, distanciou-se deles e elevado ao céu”.⁷⁰ A Ascensão de Cristo ao céu designa a exaltação da humanidade de Jesus Cristo à glória da vida divina. É um mistério de Cristo, estritamente ligado à ressurreição e ao envio do Espírito Santo. A Ascensão enche de glória o mistério pascal e prenuncia Pentecostes.

A íntima ligação de Jesus com a Ressurreição está vinculada à passagem da existência terrena à do mundo novo, escatológico impulsionado pelo poder vivificador do Espírito. É a glorificação da humanidade de Cristo porque aquele que pré-existira “*in forma Dei*” assumira a “*forma servi*”, obediente e merecedor da exaltação, ao título de Senhor acima de todas as criaturas. Santo Tomás de Aquino atribui valor salvífico ao evento da ascensão de Jesus: “ele é causa de salvação para o homem porque alimenta a fé e a esperança em Cristo, fundamento e meta da salvação plena, escatológica”.⁷¹

O conteúdo primordial da fé cristã é ampliado e aprofundado em Cristo, que pregamos na cruz. A ressurreição de Jesus é a base da esperança escatológica, na medida em que inicia o mundo que há de vir. Portanto, “a ressurreição de Cristo e dos homens, no último dia, estão relacionadas: a esperança da última baseia-se na certeza da primeira”, como afirma L. J. Kreitzer.⁷² Os acontecimentos pascais se completam de forma tal que dinamizados pela ação e presença do Espírito Santo se transformam em liturgia, momentos histórico da salvação celebrados na Igreja. É o tempo novo da ressurreição. Segundo J. Corbon, “É ele (o Espírito Santo) que invade nossos dias, nossas semanas e nossos anos, até que o nosso velho tempo se

⁶⁹ DURRWELL, F. X., Cristo nossa Páscoa, p. 77-83.

⁷⁰ Deve-se notar a dupla narrativa de Lucas: no final do Evangelho se diz que o Ressuscitado “se apartou deles (*diéste*), sendo arrebatado (*aneféreto*) ao céu” (Lc 24,51); no começo de Atos afirma: Aquele que “vos foi arrebatado” (*analemftheis*) para o céu e há de vir um dia” (At 1,11). IMMARONE G., “Ascensão”, p. 52. A referência textual está grafada conforme consta da Bíblia de Jerusalém.

⁷¹ S. Th. III, q.57, aa.1 e 6, *apud* IMMARONE, G., “Ascensão”, p. 52.

⁷² KREITZER, L.J., “Ressurreição”, p. 1077.

impregne totalmente e se rompa seu véu mortal”.⁷³ Em outras palavras, até que a Ascensão se realize na parusia.

A Igreja, desde os primórdios,⁷⁴ vive na expectativa da parusia, na vigilância e na oração, na certeza de que depois da Páscoa a salvação já se realizou e que os últimos tempos já começaram. É a escatologia pascal que nos mantém convertidos e assim, mistério pascal é também um mistério eclesial. Para J. L. Martín “a última manifestação de Jesus Cristo será, pois, a consumação e a plenitude do mistério pascal, ponto final de uma dinâmica escatológica posta em movimento pela ressurreição de Jesus Cristo”.⁷⁵

A Igreja primitiva estava convencida que Jesus ao cumprir em si a Antiga Aliança revelou a todos um novo culto a Deus. Desvelou em si à passagem para a comunhão com o Pai, uma forma mais profunda de culto, o culto dos Filhos de Deus. Sendo assim, as preces, os gestos e as ações rituais, mesmo os trazidos da liturgia judaica, formam um novo canal dessa nova expressão, sob a animação do Espírito.

Os apóstolos pregam aquilo que presenciaram, o evento Jesus Cristo. Pessoas que estiveram com Jesus durante seu ministério público (os doze, as mulheres, sua mãe, irmãos) reaparecem na vida cristã primitiva para dar continuidade ao que Jesus desejava. Estas pessoas, personificadas em Pedro e Paulo, transmitem o testemunho de Jesus igualmente aos judeus e aos gentios. A Boa Nova anunciada refere-se não só ao que Deus fez em Jesus, mas também ao que Ele fez no Espírito.

O Espírito Santo, em Pentecostes, derrama uma linha de continuidade pela qual a igreja fica estreitamente relacionada ao que veio e aconteceu desde o Antigo Testamento, Jesus, Pedro e Paulo.⁷⁶ O Espírito Santo batiza, fortalece os apóstolos a anunciar a boa nova e os guia até os confins da terra até a presente data. Podemos

⁷³ CORBON, J., Liturgia de fonte, p.136.

⁷⁴ A Didaqué ensina perseverar até o fim (XVI,1-8). O comentário alusivo a esse parágrafo assim resume a perseverança descrita nas linhas 1-8 do capítulo XVI: “Os cristãos vivem continuamente à espera que se manifestem Jesus e o seu projeto. Isso se realizará totalmente no final da história. Contudo, é através do momento presente que esse final vai sendo pouco a pouco construído. É essa a esperança que produz perseverança”. DIDAQUÉ XVI, 1-8.

⁷⁵ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p. 161.

⁷⁶ A linha de continuidade, que corre suave através de Israel, Jesus, Pedro e Paulo é admiravelmente resumida em At 24,14. Para Lucas o Espírito desempenha papel de conexão entre a profecia de Israel e a atividade profética que envolve o nascimento de Jesus e o nascimento da Igreja. Na verdade, o traço distintivo da eclesiologia de Lucas é a presença protetora do Espírito. BROWN, R., As Igrejas dos Apóstolos, p. 81. J. Ratzinger na sua obra Compreender a Igreja hoje, às páginas 09-13, aborda sobre a continuidade e natureza da Igreja seguindo a mesma linha de reflexão de R. Brown.

afirmar que Cristo ressuscita no *Kerigma*, isto é, no momento em que é proclamado com fé pela Igreja, desde os apóstolos da Igreja primitiva até o anúncio dado no tempo hodierno. Felizes aqueles como São Paulo que puderem exclamar: “(...) ele também apareceu a mim (...)”.⁷⁷

A unidade entre a morte e ressurreição de Cristo, entre o mistério pascal e a formação da Igreja, para além da apologética são atestados na teologia, como afirma S. Wiedenhöfer:

Igreja, a rigor, somente existe após a Páscoa, ou mesmo Pentecostes. Por isso é somente então que pode vir a ocorrer a institucionalização concreta da nova comunidade de fé. Por outro lado, essa evolução não é concebível sem a história de Jesus pré-pascal. O movimento escatológico de congregação iniciado por Jesus, voltado para Israel, e seus sinais do reino de Deus que se aproxima, sinais estes formadores de comunhão, constituem a base objetiva teológica e também histórico-sociológica para a institucionalização pós-pascal da Igreja.⁷⁸

Segundo Von Balthasar “todo o Novo Testamento é concorde em considerar que a cruz e a sepultura de Cristo só têm significado à luz do evento pascal, sem o qual não haveria fé cristã”.⁷⁹ Sendo assim, os quatro evangelhos, as cartas paulina e apostólicas estão em consonância em relação ao evento pascal. A Páscoa de Cristo é o ápice do mistério pascal e o apogeu da economia salvífica. Nessa perspectiva O. Casel assegura que “Foi dela (da Páscoa do Senhor) que a *Ecclesia* dos remidos nasceu e foi sobre ela que a Nova Aliança foi fundada, a Aliança eterna no sangue de Cristo. A Páscoa do Senhor é a fonte de toda a salvação”.⁸⁰

Existe uma correspondência ascendente entre a formação do cânon do Novo Testamento, a resposta de homens e mulheres da Igreja primitiva e à Palavra de Deus pregada pelos apóstolos. Essa correspondência é derivada do testemunho dos apóstolos e da Escritura, a qual se torna Palavra performativa na vida dos novos cristãos. O crescimento da Igreja Primitiva é um contínuo progresso há mais de dois mil anos, S. Pié-Ninot resume:

E isso porque tal etapa da Igreja é um testemunho imediato da ressurreição de Cristo como acontecimento escatológico decisivo, pois os apóstolos como os homens apostólicos são destinos e, ao mesmo tempo, transmissores da revelação cristã. A Sagrada Escritura é assim constituída nesta fase como um elemento conformador da fé da Igreja Apostólica.⁸¹

⁷⁷ 1Cor 15,8.

⁷⁸ WIEDENHOFER, S., Diretrizes de interpretação para a questão do surgimento da Igreja, p. 58.

⁷⁹ BALTHASAR, H. U. V., A volta para o Pai, p. 127.

⁸⁰ CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 78.

⁸¹ PIÉ-NINOT, S. Eclesiología la sacramentalidad de la comunidad Cristiana, p. 117.

A síntese entre a páscoa de Jesus com a expressão mistério pascal não havia sido desenvolvida nos escritos do Novo Testamento, como observamos no decorrer desta pesquisa que estamos concluindo neste momento. Os Padres da Igreja, do século II a IV, aprofundaram as reflexões sobre os diversos mistérios de Cristo. Entre inúmeras contribuições à teologia e para o Magistério da Igreja, somente depois de um século após Cristo, foi que a síntese “páscoa-paixão”, fundamentados nos textos do Novo Testamento, aparecem em oposição tipológica com o Antigo Testamento.⁸² Para E. Aliaga, a expressão mistério pascal (*paschale sacramentum*) “é fruto de progressivo amadurecimento que começa a surgir nos albores do século II, tornando-se conquista definitiva para a teologia de todos os tempos”.⁸³

2.3. Nas homilias pascais dos Padres

A leitura das Escrituras pelos Padres, dos séculos II e IV, não se compreende fora do âmbito da fé no Cristo ressuscitado.⁸⁴ É à luz da ressurreição que os cristãos releem o Antigo no Novo Testamento e que o anúncio da ressurreição se estende para os confins da terra. As homilias pascais do século II, entre muitas pesquisamos Melitão de Sardes, anônimo Quartodecimano, e no século IV a de Santo Ambrósio, exprimem-se numa linguagem figurada, resumem toda a Boa Nova da salvação: pela morte e ressurreição, Jesus foi feito “Senhor e Cristo”. A primeira abordagem dos conceitos teológicos contidos na expressão mistério pascal (em latim, *paschale sacramentum*, ou *paschale mysterium*) estão presente nessas homilias e por isso mesmo, caras ao nosso estudo.

Além destes três autores, buscamos em Santo Agostinho, a reflexão pascal de síntese dos primitivos significados cristãos da páscoa, que, é justo dizê-lo, se havia

⁸² Nos sinóticos, tendo em conta as particularidades e diferenças próprias de cada evangelista, salta à vista que a libertação prometida no Antigo Testamento acaba com a realidade consumada na pessoa e ação de Jesus, a quem se apresenta como o acontecimento por antonomásia do reino de Deus que tem seu marco expressivo entre o batismo e a subida em Jerusalém para aí celebrar a páscoa e morrer (Mt 26,2; Lc 22,15), ou usando expressão mais radical, para celebrar a páscoa com a sua morte. Em João a centralidade pascal no cristianismo apostólico fica comprovada em particular pela singular ênfase que concede às três últimas páscoas de Jesus (Jo 2,13.23; 6,4; 13,1). ALIAGA, E., “O tríduo Pascal”, p. 96.

⁸³ ALIAGA, E., “O tríduo Pascal”, p. 93.

⁸⁴ Entre outros, ressaltamos no século II: Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Justino, Melitão de Sardes; e, século III: Irineu de Lião, Clemente de Alexandria; século IV: Ambrósio de Milão, Agostinho.

iniciado com São Paulo. Para Agostinho a páscoa é, por sua vez, a paixão e a ressurreição do Senhor. A princípio estes quatro autores concluem e ensinam que, páscoa é o momento culminante da história da salvação querida e preparada pelo Pai desde a eternidade para se cumprir em seu Filho Jesus.

A necessidade de explicar o mistério pascal, para comunidades cristãs ainda com princípios judaicos arraigados, exige que os padres busquem na hermenêutica⁸⁵ explicações dadas nas homilias. As homilias que estudaremos levam-nos a entender que o anúncio se torna profecia somente porque Cristo a proclama e, por outro lado, a realização desta profecia em Jesus Cristo cumpre o sentido preparatório da Antiga Aliança. Sendo assim, a páscoa de Cristo ilumina a figura da antiga páscoa e, os discípulos proclamam: “aquele que pregamos na cruz, é o Senhor!” (1 Cor 1,23).

Foi preciso que as Escrituras fossem cumpridas naquele tempo de plenitude em Cristo para a unidade dos Testamentos. Segundo Justino⁸⁶, essa correspondência “profecia-cumprimento”, na morte e ressurreição de Cristo, é fruto de uma revelação a partir desse evento na história:

Se, pela boca dos profetas, foi anunciado obscuramente que o Cristo sofreria e que, depois disso, seria o Senhor de todas as coisas, ninguém, entretanto podia compreendê-lo antes que Ele próprio tivesse persuadido os Apóstolos de que essas coisas se acham claramente anunciadas nas Escrituras.⁸⁷

Iniciaremos o estudo por uma importante homilia de Melitão de Sardes,⁸⁸ provavelmente redigida entre os anos 160 a 170 da nossa era cristã. Publicada em 1940, com qualificação de Sermão Pascal, é dos mais antigos textos pascais que chegaram aos nossos dias.⁸⁹ Serviu de referência para a igreja primitiva e para os padres da Igreja, pois foi a primeira de série de homilias pascais ao longo dos

⁸⁵ Hermenêutica do grego *hermeneia/hermenuo/hermeneueien*. Indica uma dupla operação: *ad extra* no sentido de exprimir, comunicar um significado; *ad intra* como exercício de interpretação que panteia aquilo que se compreende. Daí provém a originária qualificação de hermenêutica como “a arte da interpretação”, que semanticamente se refere ao deus Hermes, mensageiro do deus, portador de mensagens e, ao mesmo tempo, mistificador da palavra que, em um jogo narrativo, torna a mensagem obscura e enigmática. DOTOLO C., “Hermenêutica”, p. 334.

⁸⁶ Ignora-se o ano do nascimento de Justino, em Neápolis (Palestina), de pais pagãos. A busca sincera da verdade e a oração humilde levaram-no a tornar-se cristão. Depois de se converter dedicou a vida à defesa da fé cristã. Chegou em Roma no tempo do imperador Antônio Pio (138-161). Foi martirizado com mais seis companheiros no ano de 165. CORDEIRO, J. M., Antologia Litúrgica, p. 145.

⁸⁷ JUSTINO. Diálogo com Trifão, Cap 94-100: P.G. 6, 701ss, p. 79.

⁸⁸ Melitão nasceu em Sardes e foi honrado como profeta e bispo de Éfeso. Morreu por volta de 195. Esta homilia foi pregada em estilo de preconio e recorda os impropérios de Sexta-Feira Santa. CORDEIRO, J. M., Antologia Litúrgica, p. 161.

⁸⁹ SORCI, P., Mistério Pascal, p. 772.

primeiros séculos. A homilética pascal cristã desenvolvida, especialmente no século II, tem como fonte de inspiração a *haggadá* pelo seu grande valor catequético e por ser o cume da celebração pascal judaica daquele período.⁹⁰ O fio condutor da homilia de Melitão é a paixão de Cristo contemplada como a realidade presente nas figuras veterotestamentárias da páscoa antiga e como a grande intervenção de Deus na história humana para culminar na obra da redenção universal.⁹¹

Melitão foi o primeiro a reunir numa só expressão os conceitos de mistério e de páscoa. Identifica no Antigo Testamento a prefiguração da paixão de Cristo que progressivamente se desvela no memorial ritual, uma vez que se realizou o mistério. Ao manifestar-se a realidade em Cristo, o mistério desaparece, mas a realidade salvífica continua porque Deus penetrou na dor da humanidade para salvar o homem do pecado e da morte. Por isso, os cristãos celebram a páscoa: o mistério terminou, mas a páscoa não perdeu sua atualidade, porque a páscoa é Cristo.⁹²

É uma obra de estilo declamatório, um “*praeconium*” ou canto lírico, divide-se em três partes, todas referem-se a paixão de Cristo tratadas de formas diferentes com o centro voltado para Cristo, nossa Páscoa. Recorrendo à Sagrada Escritura, Melitão de Sardes. A partir do Exórdio, afirma pela prefiguração pascal da Antiga Aliança se realiza na imolação do cordeiro, de maneira que a expressão ‘mistério da Páscoa’ alia o inteiro plano salvífico de Deus desde a criação. Dessa forma, a celebração pascal comemora todo o mistério de Cristo culminando no evento salvífico da cruz. Leiamos a mais antiga formulação do mistério pascal de Cristo elaborada na sua homilia A Páscoa, Exórdio 1-3:

Ficai sabendo caríssimos: o mistério pascal é um mistério novo e antigo, eterno e transitório, corruptível e incorruptível, mortal e imortal. É mistério antigo em relação à Lei, novo em relação à Palavra encarnada; transitório na sua figura, eterno pela graça; e corruptível pela imolação do cordeiro, incorruptível pela vida do Senhor; é mortal pela sua sepultura na terra, imortal pela sua ressurreição de entre os mortos.⁹³

⁹⁰ *Haggadá* é a liturgia convival da ceia judaica celebrada nas casas após a imolação no Templo, fundamenta-se no livro Êxodo. Tem como objetivo preservar do esquecimento os benefícios do Senhor, a fim de sejam recordados continuamente, trazendo-os à memória. E, desse modo, renová-los e atualizá-los (*zikkáron*) na consciência dos israelitas. A repetição de uma admoestação formulada pelo Rabi Gamaliel, no §2. B) anúncio, é “o ponto culminante da atualização mistérico-sacramental”: (...) Quem não pronunciar na páscoa essas três palavras não terá cumprido sua obrigação. Elas são Pésah, Matsah e Maror. Pésah (páscoa) que nossos pais comeram quando existia o templo, por que motivo? Por este motivo: Deus o santo – que seja bendito – “passou ao largo” das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e preservou nossas casas; e o povo inclinou a cabeça e o adorou. (...) GIRAUDO, C. O Ritual da Ceia Judaica, p. 102-112.

⁹¹ MARTIN, J. L., No Espírito e na verdade, p. 148-150.

⁹² MARTIN, J. L., No Espírito e na verdade, p. 151-152.

⁹³ CORDEIRO, J. M., Antologia Litúrgica, p. 161.

Na primeira parte, Melitão de Sardes reforça a divindade, a preexistência, a encarnação e a dimensão sacrificial da morte de Jesus. A situação de Adão se torna a situação pecadora de todo homem. Eles eram arrastados pelo pecado tirânico, pela perdição herdada daquele que foi o primeiro da série humana. o autor destaca a prostração do homem sujeito ao pecado, dos primeiros pais, e dominado pela morte neste mundo visível no qual fica preso como numa “prisão de condenados”.⁹⁴

Para J. M. Cordeiro o sentido figurativo do Antigo Testamento, em Melitão de Sardes, sobretudo do cordeiro pascal e sua imolação, realiza-se plenamente na Páscoa de Cristo: “celebrar a Páscoa, vem de padecer”.⁹⁵ Após a desobediência humana, o homem foi lançado fora do paraíso neste mundo visível e nele fica preso como numa “prisão de condenados”. E é somente Cristo, o cordeiro imolado, que liberta os condenados da sedução do mundo pela sua morte de cruz. Isto revela que o mistério é a salvação de Israel efetivada por Cristo na sua imolação perfeita, atualizada na celebração pascal. A exposição dogmática da homilia está focada na doutrina cristológica e soteriológica de Paulo: mistério de Cristo (Ef 3,4; Cl 4,3).

Melitão de Sardes, assinala que na existência humana coexistem dois modos diferentes e dependentes de duas marcas ou impressões: a do pecado e a do batismo. Estas marcas na existência têm como consequência as oposições entre escravidão e liberdade, trevas e luz, morte e vida, tirania e realeza.⁹⁶ O autor, faz uso novamente da retórica asiática, por meio de imagens e conceitos opostos, estabelece a clara oposição entre sinal do pecado que marca os homens e a do batismo, destinada a resgatar o homem em sua alma e em seu corpo.

Esse ponto, marca batismal é mais evidente quando ele fala da libertação que Cristo trouxe à humanidade: “(...) salvou-nos da escravidão do Demônio, como outrora arrancou Israel das mãos do Faraó; imprimiu em nossas almas o sinal do seu Espírito e assinalou nosso corpo com seu sangue”.⁹⁷ Selando desta maneira a ação do Espírito Santo no peito dos neófitos como comunidade “com e na” Igreja.

⁹⁴ A ideia do homem lançado no mundo como numa prisão é platônica. Reflete também a concepção judeu-cristã do mundo, segundo a qual o paraíso se encontrava fora da terra. Adão, expulso do paraíso, é então lançado no mundo e “submetido às leis de ferro das potências subterrâneas revogadas pela ressurreição de Cristo”. GROSSI V., SESBOUÉ B., Pecado de Adão nos Padres gregos, p.166.

⁹⁵ CORDEIRO, J. M., Antologia Litúrgica, p. 161.

⁹⁶ CORDEIRO, J. M., Antologia Litúrgica, p. 162.

⁹⁷ CORDEIRO, J. M., Antologia Litúrgica, p. 161.

A contribuição da homilia Sobre a Páscoa, Melitão de Sardes, engloba pelo menos três dimensões teológicas: associa a paixão, morte e ressurreição de Cristo ao mistério pascal; aponta para um rastro de pecado no homem, precisamente porque é filho de Adão; e dá substrato para uma teologia sacramental sobre o batismo e a ordem mais tarde desenvolvidas por Agostinho.

Contemporânea a homilia de Melitão de Sardes, entre os anos 100-170, outra importante merece citação, conhecida por homilia de Anônimo Quartodecimano (Pseudo-Hipólito século II, Ásia Menor).⁹⁸ Pouco se encontra sobre ela, mas merece abordagem para ratificar as descobertas dos primeiros quatro séculos, como um farol que iluminaram a teologia patrística dos séculos seguintes.

P. Sorci faz referência a Anônimo Quartodecimano e a homilia denominada “a santa Páscoa”, considerando-a um elemento a mais de análise sobre a reflexão pascal naquele importante século. Nesse escrito o autor fala do “mistério da páscoa” como mistério que abrange toda a existência de Jesus, o qual se estende por toda história da salvação: “mistério cósmico da Páscoa na sua totalidade”. Cristo é chamado de “festividade comum de todos os seres, envio ao mundo da vontade do pai, aurora divina, anunciadora de mistérios novos e antigo”.⁹⁹

A homilia de Anônimo Quartodecimano, diferente da de Melitão, ressalta a diferença dos mistérios pagãos em relação ao culto cristão, este qualitativamente e quantitativamente superior àqueles mistérios pagãos. Trata-se do único mistério verdadeiramente salvífico porque “em Cristo”. Ele é o mistério cósmico da Páscoa e, por isso eterniza o mistério abrangendo toda a existência de Jesus, e se espalha por toda a história da salvação.

As homílias pascais de Melitão de Sardes e Anônimo Quartodecimano, são desenvolvimentos da expressão paulina “Cristo é a nossa Páscoa”, tão cara à este

⁹⁸ DE MATOS, M. F., O Mistério Pascal na Homilia – Um serviço à comunidade por meio da liturgia da Palavra, p. 37, *apud* CANTALAMESSA, R., I più antichi testi pasquali della Chiesa: le omelie di Melitone di Sardi e dell' Anonimo Quartodecimano e altri testi del 2. Secolo, p.46.

Os cristãos quartodecimanos, inspirados na cronologia da paixão de Jesus segundo o Evangelho de João, celebravam a festa da Páscoa no 14º dia após a primeira lua da primavera no hemisfério norte – mesma data celebrada pelos judeus. Para estes cristãos, a Páscoa cristã era lida em chave tipológica pela Páscoa judaica. A celebração quartodecimana ficou relagada na história em razão do predomínio exclusivo da celebração romano-alexandrina da páscoa e do desaparecimento progressivo das comunidades judeu-cristãs. Os autores mais importantes desta impostação cristã são Melitão de Sardes, Apolinário de Hierápolis, Policarpo e Polícrates de Éfeso. LOI, V., Quartodecimanos, p.1207.

⁹⁹ SORCI, P., “Mistério Pascal”, p. 773.

estudo.¹⁰⁰ Expressão presente nos anúncios das Primeiras Comunidades Cristãs com reflexos nos primeiros anos do cristianismo ao relerem tipologicamente o cordeiro imolado na carne da páscoa de Cristo. Como diz a antiga homilia de Melitão de Sardes: “Com efeito, passou a figura e apareceu a realidade perfeita: em vez de um cordeiro, Deus; em vez de uma ovelha, o homem; no homem, porém, apareceu Cristo que abrange tudo”.¹⁰¹

Concluindo os autores Quartodecimanos, Melitão e Anônimo, resumimos a relevância dessas homilias numa frase: o mistério da páscoa, revelado em Cristo, manifesta a presença Dele em toda a história da salvação.¹⁰² O amadurecimento da reflexão patrística, a posterior, sempre se voltou para o século II e sua genuína fé no mistério pascal de Cristo. A partir deste a explicação do rito litúrgico torna operantes e renovam os eventos da Nova Aliança, é a novidade do cristianismo no século IV, que precisa ser degustada e compreendida a partir do aprofundamento nos mistérios.

Com o avanço do cristianismo e do número crescente de neófitos surgiu a necessidade de uma “catequese de introdução aos mistérios”, a chamada “catequese mistagógica”, uma singularidade da Igreja do século IV, ministrada na semana da Páscoa.¹⁰³ Sendo assim, a catequese mistagógica merece ser estudada e justifica o avanço cronológico de um século e meio neste trabalho. Trata-se da catequese ministrada pelo Bispo de Milão durante a semana da Páscoa para os neófitos. Eles recebem os sacramentos da iniciação cristã: batismo, confirmação e eucaristia e ao longo dos dias Ambrósio de Milão expõe para os recém convertidos, as realidades dos sacramentos de forma ordenada e sintética.

Na Vigília pascal Cristo é apresentado como o “sacramento primordial”, o “sinal da ação salvífica de Deus”.¹⁰⁴ Sacramento e sinal dizem respeito a Liturgia.

¹⁰⁰ 1Cor 5,7. Esta expressão paulina foi detalhada no item 2.2 deste trabalho, às páginas 21-23.

¹⁰¹ CORDEIRO J. M., *Antologia Litúrgica*, p. 161.

¹⁰² Os cristãos quartodecimanos, inspirados na cronologia da paixão de Jesus segundo o Evangelho de João, celebravam a festa da Páscoa no 14º dia após a primeira lua da primavera no hemisfério norte – mesma data celebrada pelos judeus. Para estes cristãos, a Páscoa cristã era lida em chave tipológica pela Páscoa judaica. A celebração quartodecimana ficou relagada na história em razão do predomínio exclusivo da celebração romano-alexandrina da páscoa e do desaparecimento progressivo das comunidades judeu-cristãs. Os autores mais importantes desta impostação cristã são Melitão de Sardes, Apolinário de Hierápolis, Policarpo e Polícrates de Éfeso. LOI, V., “Quartodecimanos”. p. 1.207.

¹⁰³ Neófito significa pagão recém convertido ao cristianismo.

¹⁰⁴ FRANGIOTTI, R., *Introdução da obra Explicação dos símbolos: Sobre os sacramentos Sobre os mistérios*, p. 17.

F. Cocchini enxerga evidente no ano 360, a “ligação que une a Bíblia e a Liturgia”.

¹⁰⁵ Pois, o específico da catequese mistagógica é dar o sentido místico da Escritura através da tipologia bíblica dos sacramentos. ¹⁰⁶ O Bispo de Milão ao relacionar o Antigo Testamento com a história da salvação liga as figuras veterotestamentárias às realidades sacramentais realizadas “em e por” Cristo no Novo Testamento.

Após a Iniciação Cristã o conhecimento do sentido tipológico das Escrituras o sentido místico dos mistérios é introduzido. ¹⁰⁷ Assim a singularidade dessa catequese é apresentar uma síntese entre verdade e experiência, entre conhecimento abstrato e conhecimento concreto. Recorrendo ao antagonismo tipológico, na preparação do batismo, ensinava-se as verdades da fé e os acontecimentos da história da salvação se tornam presentes na vida do cristão.

Santo Ambrósio preparava, ele mesmo, os catecúmenos para o batismo nas celebrações pascais, na compreensão do rito. ¹⁰⁸ Ele apresentava duas motivações para esta forma de catequisar na páscoa a motivação pedagógica e a prudencial. ¹⁰⁹ A pedagógica parte da suposição de que o revelado de improviso, depois de muitos anos de espera, atinge e marca vivamente o catecúmeno; a motivação prudencial consiste na sabedoria de revelar os mistérios apenas às pessoas que já pertencem à Igreja. O Padre avalia que antes dessa pertença, corre-se o risco de que os mistérios sejam expostos ao perigo de profanação. ¹¹⁰ Assim o Bispo justifica essa prudência ao apresentar aos neófitos os mistérios e a natureza dos sacramentos: “(...) a luz dos

¹⁰⁵ COCCINI, F., “Catequese”, p. 274.

¹⁰⁶ A tipologia é um procedimento de leitura que consiste em relacionar uma realidade do Antigo Testamento, chamada “figura” (*typos*), com uma realidade correspondente do Novo. Pode tratar-se de um personagem, de um objeto, de uma prescrição da Lei, de um evento que anunciam este ou aquele aspecto da economia da salvação. (...) Este princípio hermenêutico estruturará o pensamento dos Padres e comandará sua exegese, sua pregação, sua compreensão dos “mistérios”, isto é, dos sacramentos. WOLINSKI, J., A economia trinitária da salvação (século II), p. 128.

¹⁰⁷ CORDEIRO J. M., Antologia Litúrgica, p. 613.

¹⁰⁸ Santo Ambrósio deve ter nascido por volta de 333. Ainda catecúmeno foi eleito para dirigir a sede episcopal de Milão, quando exercia o cargo de prefeito da cidade. Foi um verdadeiro pastor e mestre dos fiéis. Morreu na noite da Páscoa, 4 de abril de 397. CORDEIRO J. M., Antologia Litúrgica, p. 599.

¹⁰⁹ Estas singularidades e a tipologia observaremos nas obras Sobre os sacramentos e Sobre os mistérios, que estudamos a partir deste ponto e podem ser aprofundadas na coleção patrística citada. Essas obras tratam dos sacramentos da iniciação cristã: batismo, confirmação e eucaristia. São frutos, no fundo de sermões dominicais que se dirigiam aos neófitos, desenvolvendo uma catequese pascal sobre a simbologia dos ritos e da Eucaristia. A figura, para Ambrósio, tem o papel de inserir o fiel na realidade do *mysterium*. Por meio dela, o ser humano é iluminado pela esperança da manifestação do projeto de Deus em plenitude. Ou seja, se a figura, mesmo nas suas limitações, permitiu a revelação do amor e da misericórdia divinas, quanto mais admirável será quando isso ocorrer “*in veritate*”, isto é, em verdade. Esta ideia inspira e sustenta o pensamento de Ambrósio. AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os Sacramentos, p. 16-18.

¹¹⁰ CANTALAMESSA, R., O mistério da Páscoa, p. 85-86.

mistérios penetra melhor naqueles que nada esperam do que se alguma explicação os tivesse precedido”.¹¹¹

Nos ritos da iniciação, a realidade era esclarecida por meio de imagens, e isso despertava e inflamava a fé. E somente no batismo revelava-se o misterioso nexos dos acontecimentos históricos realizados por Cristo e os ritos litúrgicos. A teologia sacramentária latina expressou este nexos com o axioma: “*Significando causant*”, enquanto significam, causam, ou causam o que significam.¹¹² Inúmeras citações do pensamento ambrosiano sobre este axioma podem ser encontradas na obra ‘Sobre os mistérios’. Esta, por exemplo, esclarece: “O que fizemos sábado? A abertura: esses mistérios da abertura foram celebrados quando o sacerdote tocou os teus ouvidos e tuas narinas. O que significa isso?”.¹¹³

Após ensinar o sinal significativo o bispo revela o mistério, contido no rito: “o sacerdote tocou teus ouvidos para que teus ouvidos se abrisse à palavra e ao sermão do sacerdote”.¹¹⁴ Uma clara relação com o gesto de Jesus quando disse ao surdo-mudo: “*Effeta!*, Abre-te!”¹¹⁵ Com isto, Ambrósio revela a graça de Cristo como a causa daquele sinal sacramental, o toque humano que abre ouvidos e boca. Portanto, a eficácia sacramental do rito cristão está na graça vinda de Jesus.

No dilúvio, no mar vermelho, na piscina de Naamã temos uma prefiguração daquele rito batismal que tem a presença da Trindade, com o qual Cristo batiza na Igreja.¹¹⁶ Estas figuras participam da verdade, não são totalmente vazia, apesar das imperfeições e da transitoriedade elas apresentam algo de verdadeiro. O desígnio salvífico (*mysterium*) vai se desvelando nestas figuras ao longo da história para que pedagogicamente possamos assimilar a verdade. O *mysterium* precisa do fato histórico para se revelar e a figura permite entrever a presença salvífica de Deus.

¹¹¹ AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os mistérios, p. 81. Este Tratado foi escrito por volta de 390.

¹¹² Os sinais sacramentais de Cristo são idênticos aos que preexistiam a ele, porém somente como anunciadores dele: o batismo-passagem através da água para indicar a ‘libertação’; a eucaristia-banquete da aliança. A diferença não está no rito, como tal, mas no fato de que o sinal, de ‘anúncio’ passou ao nível de ‘realização já alcançada em Cristo’. O ‘sinal sacramental’ está para a sua salvação e para a sua realidade, como a ‘humanidade’ de Cristo está para a salvação e para a sua realidade, o que significa que o sinal traz a real eficácia da salvação no momento exato em que a oculta, em que a vela. De fato, só a fé pode atingi-la, tanto em Cristo quanto no sacramento da igreja. MARSILI, S. “Sacramentos”, p. 1062.

¹¹³ AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os sacramentos, p. 31.

¹¹⁴ AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os sacramentos, p. 31.

¹¹⁵ Mc 7,34. AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os sacramentos, p. 31

¹¹⁶ AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os sacramentos, p. 43-45

Desse modo, as figuras: dilúvio, êxodo e Naamã no batismo especificamente, são diferentes historicamente, mas iguais porque não contradizem e nem esgotam a grandeza e a profundidade do *mysterium* nelas contidas. Mas a plenitude do mistério está em Jesus Cristo em quem são salvos, todos os que descem, que se rebaixam nas águas do batismo através da presença Trinitária na Igreja (Mt 28,19). O mistério deste rebaixamento vem Dele, da sua morte de cruz que redimiu todos do pecado ao sofrer por toda humanidade.

O mistério de Cristo e da Igreja são revelados aos neófitos através da figura contida no Antigo Testamento que precede a realidade trazida na pessoa de Jesus Cristo.¹¹⁷ Desta forma, o “método” e o “conteúdo” são inseparáveis na catequese do século IV. A catequese ambrosiana se ocupa em desvendar a história da salvação na sua unidade e continuidade, tendo seu ápice revelador no evento da ressurreição de Cristo. Ressurreição é ressurgir da morte para a vida além deste mundo, como Cristo.

No batismo somos imersos na fonte e da água dessa fonte ressurgimos, como Cristo da morte para a vida.¹¹⁸ Na celebração ritual da morte e ressurreição de Cristo, nós conseguimos não apenas a imagem da salvação, mas também a realidade que regenera e dá a vida.¹¹⁹ Em Cristo, as figuras encontram sua plenitude, bem como anunciam profeticamente os sacramentos da Iniciação Cristã. Naquela hora, com o corpo molhado, o óleo na cabeça e a veste branca a verdade da fé é assimilada mais vivamente.

Em Ambrósio, o acesso à verdade é feito de modo fragmentado através da comunicação velada da figura. Esta é a sua particularidade, especificidade. Assim será com relação à eucaristia, onde aparecem as figuras de Melquisedec e do maná. Embora distantes historicamente, elas apresentam duas características da mesma realidade eucarística: a antiguidade na figura de Melquisedec e a superioridade com relação ao maná judaico uma vez que a eucaristia cristã concede a vida eterna. As

¹¹⁷ O Antigo Testamento não apenas prepara o Novo através de uma sucessão cronológica de fatos e de pessoas, mas, tanto os personagens como os acontecimentos são primeiras realizações, embora imperfeitas e prefigurativas, dos eventos da nova economia. O mesmo vale para os sacramentos, cujas figuras presentes no *Sobre os Sacramentos* e no *Sobre os Mistérios* elencamos nesta pesquisa. Ambrósio apresenta as prefigurações do *mysterium* com o intuito de esclarecer o sentido e o alcance da intervenção salvífica de Deus na história, incitando o espírito do neófito a compreender também a verdade dos sacramentos. CANTALAMESSA, R., O mistério pascal, p. 93-95.

¹¹⁸ AMBRÓSIO DE MILÃO, *Sobre os sacramentos*, p. 47.

¹¹⁹ CANTALAMESSA, R., O mistério da Páscoa, p. 86-87.

figuras de Melquisedec e do maná são testemunhos proféticos da celebração dos sacramentos na Igreja, são mensageiras da verdade: o autor dos sacramentos é Jesus.

A Palavra de Cristo é a força que muda a natureza do pão e do vinho em Corpo de Cristo. Desta forma, Ambrósio revela aos neófitos que o sacramento é a realização da vontade de Deus e que a Palavra de Cristo: “Isto é o meu corpo (...) o meu sangue” é ato performativo, realiza o que diz. Como na criação, Ele disse e foi feito; ele ordenou, e foi criado. A palavra de Deus tem poder de transformar tudo, costuma mudar a criatura e muda, quando quer, as leis da natureza.¹²⁰

Nos primeiros séculos respostas diferentes foram dadas para a pergunta que persiste na história da Igreja, desde a *Haggadá*: - Qual o significado desse rito? A paixão de Cristo, responderiam os padres da catequese mistagógica e os latinos. Para os alexandrinos, fundamentados no helenismo da diáspora, o significado é a passagem do homem. A primeira reposta, a paixão de Cristo é totalmente teológica, e, a segunda antropológica. Segundo R. Cantalamessa estas visões apontam para dois protagonistas e para dois polos da salvação: “a iniciativa de Deus e a resposta do homem, graça e liberdade. Para uns, a Páscoa é antes de tudo dom de Deus; para outros, é antes de tudo uma conquista do homem.”¹²¹ Durante todo o século IV o significado do rito pascal ora recai na dimensão teológica cristológica, ora na antropológica.

Segundo R. Cantalamessa, a dificuldade da unanimidade entre orientais e ocidentais estava entre o nome e o conteúdo da Páscoa. A passagem refere-se ao nome da Páscoa (relativa à passagem do Mar narrada em Êxodo), mas a grande novidade cristã é o conteúdo do mistério da paixão e ressurreição de Cristo.¹²² Coube a Agostinho, Bispo de Hipona, resolver a divergência, ao refletir o Evangelho de João capítulo 13, versículo 1: “No dia antes da Páscoa, Jesus sabendo que havia chegado a hora de passar deste mundo ao Pai”.¹²³

¹²⁰ AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os sacramentos, p. 55-59.

¹²¹ CANTALAMESSA, R., O mistério da Páscoa, p. 15.

¹²² CANTALAMESSA, R., O mistério pascal, p. 17-19.

¹²³ Agostinho nasceu em 354, em Tagaste, recebeu educação de sua mãe. Em 373, com 19 anos começou sua longa e tormentosa evolução interior, ensinou retórica. Deus o converteu ao seu amor nos primeiros dias de agosto de 386. Toma a decisão de renunciar ao ensino e ao casamento e começa a preparar-se para o batismo: inscreve-se entre os catecúmenos, segue as catequeses de Ambrósio e, aos trinta e dois anos, é por ele batizado, a 24 de abril de 387, durante a Vigília Pascal, na catedral de Milão. Morreu no dia 28 de agosto do ano de 430. CORDEIRO, J. M., p. 812.

Portanto, Agostinho equilibra o significado e encontra nelas um duplo aspecto que sintetiza paixão e passagem.¹²⁴ É a páscoa de Cristo e a páscoa do homem. Páscoa cristã encontra seu sentido real em: Passagem de Jesus deste mundo ao Pai. A Páscoa cristã é uma passagem pela paixão de Cristo, “um salto por (...)”.¹²⁵ Como está posto no Antigo Testamento: Deus saltou por cima das casas marcadas com o sangue do cordeiro. Sendo assim, a Páscoa foi cristianizada e abraçou a pleno título tanto a paixão como a ressurreição de Cristo.

A nova concepção agostiniana de Páscoa sintetiza também a Páscoa de Cristo em relação a páscoa do homem culminando numa profunda unidade teológica entre encarnação, humanidade e divindade. Resultando na feliz conjugação entre o autor e o destinatário da salvação: liberdade divina, e, liberdade humana. Surge então a

“nova e eterna aliança”; eterna porque agora ninguém pode mais separar os contraentes, tornados em Cristo uma só pessoa”, como explica R. Cantalamessa.¹²⁶

Não demora muito e Agostinho conecta a Páscoa da cabeça (Cristo) e a Páscoa do corpo (Igreja), realidade original que se realiza na fé e nos sacramentos. A esperança foi dada ao Corpo: Ele passou, mas permanece presente no sangue derramado à Eucaristia na Igreja. “Na paixão e ressurreição do Senhor é consagrada a nossa passagem da morte para a vida”.¹²⁷ Na Páscoa, essa passagem coletiva da humanidade inteira de todos os tempos nasceu a Igreja, corpo místico de Cristo.

Ao concluirmos o estudo patrístico das primeiras homilias pascais, século II-V, queremos resumir as evidentes dimensões teológicas, litúrgicas e cristológicas presentes nas homilias pascais, que iluminaram o mistério da páscoa ou pascal, como universal e eterno. Este mistério dinâmico e eficaz pontua toda a economia da salvação e ao mesmo tempo é o seu cume e centro e se estende “na e pela” Igreja. O estudo lançou luz para a encarnação como premissa fundamental para a salvação da humanidade.

Com a catequese mistagógica avançamos para a compreensão da unidade da Antiga e Nova Aliança, mas esta superior àquela. Caminhamos pela profundidade da celebração dos ritos da iniciação cristã na páscoa. Encontramos a conexão entre a celebração do rito e a vida, entre rito e esperança escatológica de salvação

¹²⁴ Aprofundamos estas dimensões teológicas, neste trabalho, ao tratarmos sobre a Páscoa no Antigo Testamento e posteriormente no Novo Testamento.

¹²⁵ *Transitus per passionem*: uma passagem pela paixão.

¹²⁶ CANTALAMESSA, R., O mistério pascal, p. 19.

¹²⁷ LIEBART, Agostinho, p. 233.

realizada na Igreja. Concluímos, por fim, que o conteúdo central do mistério pascal ou *paschale sacramentum* é a paixão, a morte, a ressurreição, ascensão e doação do Espírito Santo.¹²⁸

Aprofundamos o mistério pascal como a passagem de Cristo, Filho obediente do Pai na sua morte. E na morte dele a passagem do homem da morte para vida, do pecador à salvação eterna. Na páscoa de Cristo o Pai recapitula toda a economia da salvação plenificada em Cristo, participada e apresentada à Igreja através dos sacramentos e dos ritos litúrgicos.

Desde Melitão de Sardes inúmeros padres e teólogos, ao longo dos séculos, contribuíram para o desenvolvimento da expressão *mysterium paschale*.¹²⁹ Coube a patrística grega desenvolver e conservar o uso de *mysterion* como revelação do plano divino na história.¹³⁰ Segundo P. Sorci, o termo mistério da páscoa ou pascal, “como se deduz das homilias pascais (...) passará para os Sacramentários romanos e destes para os livros litúrgicos do Concílio Vaticano II (...)”.¹³¹

3. A teologia do mistério pascal na *Sacrosanctum Concilium*

3.1

Nota Introdutória: A novidade do Concílio Vaticano II

Não queremos expor e nem pretendemos esgotar, nesta dissertação, todo o movimento teológico que gravitou em torno do Concílio Vaticano II e resultou na Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* que iluminará nosso estudo neste momento. Parece mais interessante abordarmos, na introdução deste capítulo, a maneira inédita que o Conclave procedeu nos anos 1960. O objetivo desta nota introdutória é destacar o processo de amadurecimento da teologia da liturgia entre os anos quarenta e fins dos anos cinquenta do século XX. Para tanto, utilizamos como referência o capítulo escrito por C. Theobald, intitulado “O Concílio e a forma pastoral da doutrina” que compõe a obra *A palavra da salvação* Tomo 4.¹³²

¹²⁸ SC 5.

¹²⁹ Clemente de Alexandria, Orígenes e São Leão Magno são importantes nesta perspectiva mistérica da páscoa. Por exemplo em Carta a Diogoneto 4,6; 8,10;107; Contra Celso em *Ign. Eph.* 18; *Protep* CVII-CXIII.

¹³⁰ MARSILI, S., “Sacramentos”, p. 1058-1060.

¹³¹ SORCI, P., “Mistério pascal”, p. 773.

¹³² THEOBALD, C., “O Concílio e a ‘forma pastoral’ da doutrina”, p. 387-395.

A novidade conciliar resultou da consciência de uma nova Igreja que não pode mais ser apenas discussão doutrinal dos Padres, mas aberta à participação ativa e plena dos homens, dando-lhe resposta às suas angústias e tristezas no tempo presente e esperança para o futuro. A Encíclica *Mediator Dei*, de Pio XII, deu robustez ao movimento litúrgico.¹³³ Odo Casel e seus estudos sobre a teologia do mistério ganharam força e adesão à frente das questões suscitadas pelos teólogos e liturgistas. E assim, os anos que antecederam a reunião conciliar foram frutuosos para a *Sacrosanctum Concilium*. Nesse sentido A. Beckhäuser afirmou que “o Movimento Litúrgico havia preparado o terreno para uma tomada de posição de toda a Igreja sobre a questão da liturgia, particularmente sobre participação ativa nela”.¹³⁴

A conexão entre teologia da liturgia e teologia da revelação encontra-se na *Mediator Dei*, assim expressa: toda a economia da salvação está centrada em Cristo desde a encarnação, passando pela morte redentora e a ressurreição. Este mistério pascal, segundo a Encíclica, é um culto de glorificação do Pai e santificação dos homens.¹³⁵ Desta forma, Pio XII, à luz da história da salvação, ilumina o conteúdo da teologia dos mistérios, manifestada naquela época: a presença de Cristo, na celebração litúrgica, prolonga a salvação no tempo presente. Para compreender a *Sacrosanctum Concilium*, é necessário conhecer a teologia do mistério de Cristo, revelado na história de salvação, sempre contemporânea e mistérica.

João XXIII em sua carta de abertura do Concílio, *Gaudet mater ecclesia*, expressou a necessidade da renovação litúrgica e da própria Igreja, ao afirmar que o mundo católico espera: “(...) um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências, é necessário que esta doutrina certa e imutável (...) seja aprofundada e apta a responder as exigências do nosso tempo”.¹³⁶ Duas grandes

¹³³ Pio XII, em 1947, tomou posição diante do movimento litúrgico, através da encíclica *Mediator Dei*, conhecida por Carta Magna da Liturgia. Este é o documento litúrgico mais importante do pós-tridentino e possui forte influência do Movimento Litúrgico e suas intuições teológicas litúrgicas. A reflexão teológica amadureceu e fora acolhida e aprofundada pelo Magistério na *Mediator Dei*.

¹³⁴ BECKHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium* Texto e comentário, p. 9

¹³⁵ MD, 21.

¹³⁶ Na carta de abertura do Concílio, *Gaudet mater ecclesia*, em 11 de outubro de 1962, João XXIII situa o Vaticano II na história dos concílios, fala da inspiração pessoal para convocá-lo e fixa três diretrizes para os seus trabalhos; 1. Um espírito novo: uma Igreja que ao invés de condenar, corresponde melhor às necessidades do nosso tempo, encarecendo as riquezas de sua doutrina; 2. Uma doutrina cristã vivificante que passa da doutrina para seu acolhimento; 3. Unidade de todos os cristãos e da família humana pela doutrina pastoral que oriente par ao futuro. THEOBALD, C., O Concílio e a “forma pastoral” da doutrina, p. 394.

novidades, em relação ao Vaticano I, sobressaem a partir da *Gaudet mater ecclesia*: 1) inversão da lógica do Concílio Vaticano II, “do conteúdo” da doutrina “para o acolhimento” da doutrina, visando transformação espiritual; 2) o Magistério da Igreja não fez “julgamento dogmático” com contexto de oposição a heresia, como proposto no Vaticano I. Ao contrário, apresentou função eminentemente pastoral a partir da concepção hermenêutica antropológica e de sólida teologia dos mistérios de Cristo.¹³⁷ Assim foi composto o cenário para a promulgação da *Sacrosanctum Concilium*, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, em 04 de dezembro de 1963, com maioria absoluta de votos favoráveis.¹³⁸

De uma concepção que era ou apenas rubricista, ou histórico-arqueológica ou mesmo jurídica, na qual a liturgia era definida como o culto público da Igreja, à construção do plano teológico do Concílio Vaticano II um processo foi maturado no seio da teologia litúrgica.¹³⁹ Esta insiste no sentido que a Igreja, Corpo de Cristo, é o sujeito sustentador e agente da liturgia e lhe confere aquela superior dignidade, que é inerente à Igreja pela sua indissolúvel união com Cristo. Sendo assim, a

O trecho do discurso citado acima encontra-se em: JOÃO XXIII. Discurso solene na abertura do Ss. Concílio, VI 4,5.

¹³⁷ No contexto do Vaticano II, “pastoral” significa tomar o magistério existente, perene da Igreja e colocá-lo em prática, de forma que desafie a sociedade hodierna e sua cultura a dar uma resposta de fé à revelação de Deus na história. O fim último dessa missão pastoral é a unidade de todos os povos e de toda a família humana. Com as raízes fincadas na história da humanidade, a doutrina cristã objetivará transformar a humanidade e orientá-la para o seu destino escatológico. Em seu Discurso, João XXIII deixa clara a função da Igreja: ter solicitude em promover e defender a verdade para que conhecendo a verdade se salvem. THEOBALD, C., O Concílio e a “forma pastoral” da doutrina, p. 390. A concepção hermenêutica foi proposta por João XXIII a partir do mistério cristão em torno das suas raízes antropológicas, do homem por inteiro, do destino escatológico, o fim estabelecido por Deus. Para isto, orienta o Pontífice, o novo princípio hermenêutico precisa permanecer fundado no depósito da fé, mas com vistas à pluralidade e à forma histórica de cada época. A visão pastoral desse novo magistério extraordinário da Igreja, é continuar a oferecer riquezas perenes, não as passageiras e terrenas, mas os bens da graça divina através da presença edificante e vivificante da Igreja na vida do povo. JOÃO XXIII. Discurso solene na abertura do Ss. Concílio, VII 3.

Ainda sobre a hermenêutica do Vaticano II o Papa Bento XVI endossa João XXIII ao afirmar: “(...) há hermenêutica da reforma, da renovação na continuidade do único sujeito-Igreja que o Senhor nos concedeu; é um sujeito que cresce no tempo e se desenvolve, permanecendo sempre, porém o mesmo, único sujeito do Povo de Deus a caminho”. BENTO XVI. Discurso aos Cardeais, arcebispos e prelados da cúria romana na apresentação dos votos de Natal, 22 dez 2005.

¹³⁸ A votação realizada na presença do Santo Padre Paulo VI teve o seguinte resultado: 2.151 votantes; 2.147 *placet*; 4 *non placet*. Maiores detalhes sobre as reuniões de votações do texto dessa Constituição podem ser obtidos em BECKHÄUSER, A. *Sacrosanctum Concilium* Texto e Comentário, p. 13.

¹³⁹ M. Augé relembra a clarividência de Romano Guardini, que afirmou assim que foi promulgada a *Sacrosanctum Concilium*: “o problema principal que se apresentava naquele específico momento à ação pastoral litúrgica – nos inícios da reforma litúrgica do Vaticano II – era o problema do “ato do culto”, entendendo com isso a natureza ritual da celebração e suas leis. E o estudioso acrescentava que isto devia ser a tarefa principal da educação litúrgica”. AUGÉ M., *Espiritualidade litúrgica*, p. 65.

liturgia se reconhece por ser a voz da Esposa de Cristo, enaltece a importância da oração comunitária como expressão eclesial.

Pelo exposto até o presente reforçamos que os temas, que desenvolveremos a seguir, dizem respeito aos princípios orientadores, isto é, referem-se à teologia da liturgia e não aos problemas e/ou soluções pastorais. Pois, o próprio texto conciliar, ao propor a reforma e o desenvolvimento da liturgia, afirma que é um dever recordar os princípios e normas práticas, uma vez que toda verdadeira pastoral fundamenta numa teologia basilar expressa nos primeiros parágrafos da SC que tratam da natureza da Liturgia.¹⁴⁰ Segundo A. Beckhäuser “(...) são artigos densos de teologia. Introduzem numa compreensão teológica da liturgia”.¹⁴¹

3.2

A revelação como realização do eterno plano de salvação

Após a introdução, a *Sacrosantum Concilium*, exprime de forma clara a sua finalidade, “fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis”, para, em seguida, dizer como guiará esse estímulo nos fiéis: “(...) adaptar à nossa época as instituições que são suscetíveis de mudanças”.¹⁴² Estes termos apontam para a liturgia, “centro da vida cristã e da ação de Cristo na Igreja”.¹⁴³ Ao falar da ação de Cristo na Igreja, retomamos a conexão entre teologia da liturgia e teologia da revelação, que acompanha Pio XII desde a *Mediator Dei*.¹⁴⁴ À luz da história da salvação revelada por Deus, “em diversos tempos” e “de diversos modos”, a teologia fundamental oferece uma base sólida à teologia litúrgica. Estruturada nessas bases teológicas, a Constituição Dogmática retoma o lugar da verdadeira tradição: tornar operante o mistério da salvação através do rito na dupla dimensão de glorificação de Deus e santificação dos homens.

¹⁴⁰ Especificamente os parágrafos 5, 6, 7 e 8.

¹⁴¹ BECKHÄUSER, A., *Sacrosantum Concilium* Texto e comentário, p. 20.

¹⁴² SC 1.

¹⁴³ MARSILI, S., *Liturgia*, p. 638-642.

¹⁴⁴ Estas duas perspectivas teologia da liturgia e a da revelação implicaram um novo conceito de Revelação, que supera a concepção tridentina (século XIV), marcada pelo viés apologético, elaborada a fim de refutar o protestantismo, relativo ao seu axioma *sola scriptura*. A partir da volta às fontes e do diálogo com o mundo, na perspectiva da história da salvação, o Concílio Vaticano II apresenta a Revelação divina como a autocomunicação do Deus Trindade: Pai e Filho e Espírito Santo que chama a humanidade a viver em comunhão com ele, através de etapas, respeitando as formas da mesma humanidade de corresponder a esse chamado, cujo vértice é o evento Jesus Cristo, Filho do Pai encarnado para a nossa salvação. Tal concepção está especialmente expressa na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, promulgada na última sessão do Vaticano II, em 18 de novembro de 1965.

Entre as novidades que o Concílio Vaticano II apresenta a fundamental refere-se ao fato de que a liturgia deixa de ser um discurso sobre o culto e sobre as formas de sua realização.¹⁴⁵ Os aspectos “jurídico-institucional” e o “rubrical” perdem o posto de essencial e passam para acessórios, necessários, porque deles emanam o poder de autoridade caros numa instituição hierarquizada, como a Igreja.¹⁴⁶ Uma nova chave de interpretação e compreensão da liturgia a partir da Revelação, como história da salvação é o foco inicial da *Sacrosanctum Concilium*.¹⁴⁷ A especificidade do documento é apresentar a história da salvação como autorevelação de Deus e, realização do desígnio salvífico no hoje como um tempo de conversão à espera do tempo escatológico. A autorevelação se estende por etapas e momentos diferentes, nos quais Deus dialoga com o homem para levá-lo à Verdade e, conseqüentemente, à salvação.¹⁴⁸

O acontecer da revelação na história humana, como obra de amor redentora, emana da bondade e da sabedoria de Deus. Essas dimensões encontram seu ápice, ao afirmarem que Deus é o objeto da revelação. As experiências humanas através da revelação de Deus levam o homem, com ajuda da graça, a responder ao chamado divino.¹⁴⁹ Nesta relação o homem encontra a essência do ser humano que é estar à

¹⁴⁵ Para J. López Martín o Vaticano II foi convocado com a novidade de ser uma grande reflexão da Igreja sobre si mesma e sobre os meios para cumprir sua missão salvadora no nosso tempo, por isso, “teve bem presente o mistério da sabedoria e da vontade divinas, que constitui o começo da salvação e de sua atuação na história. Ao mesmo tempo, questionou e falou da relação entre a Igreja e a história, ou seja, entre a história salvífica, a missão e a natureza do povo de Deus, de um lado, e a história da humanidade, de outro”. MARTÍN, J. L., No Espírito e na Verdade, p. 84.

¹⁴⁶ Para muitos, de fato, a Igreja ainda é, às vésperas do Concílio Vaticano II, “unicamente ou principalmente, aquela que “ordena e regula” o culto público, e a mesma palavra “público frequentemente é explicada no sentido de “oficial”. MARSILI, S., Rumo a uma teologia da liturgia, p. 92.

¹⁴⁷ “Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (1Tm 2,4), “tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas” (Hb 1,1), quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como médica da carne e do espírito, mediador entre Deus e os homens. A sua humanidade foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento de nossa salvação. Por isso, em Cristo “se realizou plenamente a nossa reconciliação e se nos deu a plenitude do culto divino”. SC 5.

¹⁴⁸ BECKHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium* Texto e comentário, p. 20-21.

¹⁴⁹ Conforme assevera a DV 5: “A Deus que revela é devida a «obediência da fé» (Rom. 16,26; cfr. Rom. 1,5; 2 Cor. 10, 5-6); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus oferecendo ‘a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade’ e prestando voluntário assentimento à Sua revelação. Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá ‘a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade’. Para que a compreensão da revelação seja sempre mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé mediante os seus dons”. DV, 5.

espera, na história, de uma possível palavra de Deus.¹⁵⁰ Sobre a perenidade e verticalidade do tempo cristão, H. Marrou explica: “(...) o progresso no cristianismo não é linear e horizontal, mas vertical. Ele é vertical. Ele visa a eternidade, não a extensão do tempo”.¹⁵¹ O tempo cronológico-histórico é o tempo de conversão, de missão e espera pela parusia, quando a humanidade e a natureza serão recapituladas em Cristo.

Toda a Sagrada Escritura demonstra que a vida do homem com Deus é um diálogo que pedagogicamente se desenvolve e se desdobra de “diversos modos” na história.¹⁵² Essas intervenções, revelações por si mesmas, já constituem uma história: a da salvação, que não é outra história, “(...) é apenas outro modo de viver a história, isto é, extraindo dela um significado”.¹⁵³ Por fim, é a história da salvação que dá sentido a qualquer outra história. Estamos diante de uma revelação histórica, pessoal, única, mas ao mesmo tempo universal, para sempre e para todos. Pode-se dizer que a história da salvação nos revela o que Deus é e o seu plano de salvação para o homem.¹⁵⁴ O fundamento e a fonte primeira de todos os mistérios cristãos é a revelação de Deus Verbo encarnado.

Os documentos conciliares, *Dei Verbum* e *Sacrosanctum Concilium*, e alguns teólogos que dedicaram ao estudo da revelação destacam as seguintes dimensões: a historicidade e a universalidade.¹⁵⁵ As intervenções estão ligadas entre si, como

¹⁵⁰ J. B. Libanio ensina sobre o movimento vertical descendente de Deus e, o ascendente do homem em direção a Deus: “A partir de experiências humanas profundas, levar o interlocutor até a soleira da revelação, desvendando-lhe a dimensão transcendental de seu espírito. Através de uma reflexão transcendental, busca-se mostrar como a essência concreta do ser humano é estar a espera, na história de uma possível palavra de Deus. O homem é um espírito situado no mundo diante de um Absoluto desconhecido, livre, cujo sentido não se determina a partir do sentido do mundo e do homem. Transcende-o. O homem deve contar com uma possível revelação de Deus. Esta essência concreta já está configurada por uma Palavra realizada”. LIBANIO, J. B., *Teologia da Revelação a partir da modernidade*, p. 26.

¹⁵¹ MARROU, H., *Teologia da História*, p. 32.

¹⁵² SC 5-6

¹⁵³ MARTÍN, J. L., *No Espírito e na Verdade*, p. 82.

¹⁵⁴ Segundo J. López Martín a salvação, a segunda dimensão dessa história da salvação, é “(...) a plenitude de todo o bem, a posse e o desfrute de tudo aquilo que o homem é e deseja tanto no nível pessoal, quanto familiar e social. Tudo isso é garantido pelo Senhor, através da Aliança e da pertença. (...) A salvação assim entendida não se destina só ao povo eleito, mas a todos os povos, na ampla sequência da história cósmica, natural e humana. (...) a dinâmica salvífica não muda, nem mesmo no momento em que a salvação alcança maior grau de espiritualização no Novo Testamento”. MARTÍN, J. L., *No Espírito e na Verdade*, p. 83.

¹⁵⁵ Com relação aos documentos citamos: DV 3-6; SC 2, 5, 6, 16 e 17. A relação mistério e revelação, incluindo história da salvação, pode ser encontrada de forma mais visível na *Dei Verbum* (DV 3-6), sem deixar de notar que a *Sacrosanctum Concilium* nos parágrafos 2, 5, 6, 16 e 17 leem a liturgia em chave econômico-soteriológica – esta abordagem entre mistério, revelação e história salvífica remetem à teologia paulina e dos Padres dos séculos II e III. Para aprofundamento sobre a historicidade e universalidade indico MARSILI, S., “A liturgia, momento histórico da salvação”, p.

unidade de desígnio salvífico desde a criação até a consumação dos tempos. A ação divina jamais se desliga do tempo, uma vez que é transcendental: Deus está fora do tempo, além do tempo, mas se manifesta no seu interior e atrai todas as coisas para si. O homem não se submete mais à ação cósmica, mas às eternas teofanias na história sagrada reveladas na pessoa de Jesus Cristo.¹⁵⁶ Desta forma, a história da salvação é e será eternamente atual, porque está em curso, mas escatológica, uma vez que a consumação do tempo ainda não chegou. A revelação progride, aprofunda sempre em relação aos acontecimentos da história com uma unidade e um desígnio, a salvação de todos os homens.

A partir da *Sacrosanctum Concilium*, duas perspectivas teológicas são abertas para nosso estudo: a história, lugar da revelação; e – “(...) a sabedoria de Deus no mistério”.¹⁵⁷ Relacionando essas perspectivas podemos afirmar que a Revelação apresenta-se como uma economia (*oikonomia*). Segundo R. Latourelle é “(...) uma disposição sapientíssima, concebida e realizada por Deus ao longo dos séculos para salvação dos homens”.¹⁵⁸ A teologia econômica da revelação recuperou no uso da palavra “mistério” o denominador comum que junta numa luz unitária a história da salvação. Há unidade desde a criação do mundo com vistas a encarnação de Cristo e sua obra redentora da cruz e ressurreição, culminando com a ação santificadora do Espírito Santo, os sacramentos e a Igreja.¹⁵⁹

95-102. Os estudiosos da teologia da revelação que aprofundaram as dimensões da historicidade e universalidade das intervenções salvíficas de Deus na história da salvação foram K. Rahner, H. U. von Balthasar, E. Schillebeeckx e R. Latourelle.

¹⁵⁶ Marsili, S. explica sobre o tempo cósmico: “(...) denominamos tempo cósmico aquela dimensão do universo como a qual se mede de modo uniforme a duração das coisas, medida dada pelo suceder-se de instantes, que no cosmo se somam, de modo visível, no alternar-se dos ritmos maiores e menores da natureza: luz e trevas (dias), floração e maturação das colheitas e dos furtos (estações e meses). O ser humano primitivo, embora não se perguntasse o que é o tempo (reflexão filosófica), percebe esse cíclico alternar-se como uma realidade experimental na qual ele vive e pela qual ele se sente ser de certa forma medido. (...) quase que inadvertidamente o tempo cósmico se torna tempo histórico humano. (...) mas o ser humano está em condições de passar o tempo cósmico para tempo histórico divino, os mesmos acontecimentos cósmicos assumem na sua mente um valor religioso e sagrado como hierofanias ou teofanias = manifestações da divindade. Eventos divinos que formam a história divina, e se diferencia de tal modo do tempo “histórico humano” que acaba ficando profano à medida que este assume dimensões de tempo sagrado”. MARSILI, S., Sinais do Mistério de Cristo, p. 567-569.

¹⁵⁷ SC 5; 1Cor 2,7.

¹⁵⁸ LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 411.

¹⁵⁹ O. Casel ensina que “(...) a encarnação, como tal, não esgota o mistério que para São Paulo representa o nome de *Christus*. Em virtude do pecado do homem, o mistério tornou-se uma *economia* (*oikonomia*), uma providência redentora, cheia de sabedoria e de amor divinos. CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 23. Nessa dimensão de economia da salvação é importante ressaltarmos a definição de J. Corbon: “a economia da salvação é mais do que história da salvação, é o dispensar, a sábia organização por etapas, da realização do Mistério que é Cristo”. CORBON, J., Liturgia de Fonte, p. 10.

As “teofanias”, ou manifestações do mistério, são constantes na economia da salvação. Antes oculto o mistério do amor realizou-se na história humana e torna-se o sinal que traz consigo o mistério. Segundo J. Corbon “Jesus, batizado no Jordão, não é o sinal, mas a realidade que então se manifestou, a carne e o tempo, o homem e o mundo são penetrados pelo Verbo da vida que o revestiu uma vez por todas”.¹⁶⁰ Quando Cristo fala, vê-se o homem Jesus de Nazaré, mas é o Pai que se revela no Filho encarnado e os discípulos que o escutam admiram a autoridade com a qual fala. Do mesmo modo ocorre com as ações ordinárias ou extraordinárias do Filho estas são manifestações do Pai na história da salvação. Toda esta ação salvífica é o mistério verdadeiro e genuíno para o cristão.¹⁶¹ É o misterioso revelar-se do Pai no Filho para que todos, um dia, sejam salvos como imagem e semelhança de Cristo.

A culminação de toda a obra salvífica é a morte do Senhor, coroada pela sua ressurreição. Pela obediente morte de cruz Jesus, com a sua humanidade, ingressou no mais íntimo santuário junto de Deus e, assim, encontrou a redenção eterna. O. Casel afirma que, por isso, a páscoa do Senhor “(...) é o mistério autêntico da redenção, o clímax e o cume do plano salvífico de Deus. Dele brota a Igreja redimida, nele se funda a Nova Aliança, a aliança eterna do sangue de Cristo, nele assenta toda a salvação”.¹⁶² Sendo assim, o evento salvífico celebrado na liturgia não é uma instituição que Cristo deixou, mas é a continuação ritual (sinal-realidade) de seu mistério. Como sinal-realidade, o evento da salvação, torna-se presente e ativo para os homens de todos os tempos e lugares. Consequentemente toda a ação litúrgica representa um suceder-se de momentos na história da salvação. Nesse sentido, a liturgia é um momento sempre atualizador da mesma revelação.¹⁶³

Deus intervém na história, de “vários modos e em vários tempos” (Hb1,1), e autorevela a sua pessoa e seu desígnio de salvação. Porém, Deus respeita a liberdade do homem de responder ao seu chamado à aliança. São intervenções divinas com sucessões e vinculações humanas mútuas com o objetivo de inserir o plano salvífico de Deus na história humana. O homem tem a missão de testemunhar no mundo a sua aliança com Deus santificando a sua vida e prestando culto a Deus.

¹⁶⁰ CORBON, J., Liturgia de Fonte, p. 29.

¹⁶¹ CASEL, O. O mistério do culto cristão, p. 148-149

¹⁶² MARSILI, S., Rumo a uma teologia da liturgia, p. 95.

¹⁶³ MARSILI, S., Rumo a uma teologia da liturgia, p. 95-96.

Na “diversidade de tempos” foi dado a conhecer os desígnios insondáveis de Deus. O ponto de partida é o desígnio de salvação de Deus, na marcha do tempo, contínua e progressivamente. Desde a criação, Deus foi se aproximando do homem até que, na plenitude dos tempos, enviou o seu Filho, que ofereceu a sua vida ao Pai para remissão dos pecados do homem. As intervenções anteriores da Antiga Aliança, que preparavam para a plenitude dos tempos, tinham uma semente de salvação.

Para H. Marrou: “À luz da revelação, podemos representar o conjunto da história da humanidade como um grande tríptico”.¹⁶⁴ O documento conciliar *Sacrosanctum Concilium* ressalta a origem o lado esquerdo do tríptico, como o momento primeiro, os séculos antes de Cristo: anúncio progressivo e pedagógico do plano da salvação, no qual o “Deus, nosso Salvador, quer que todos os homens sejam salvos” (1Tm 2,4).¹⁶⁵ Tal anúncio foi proferido primeiro aos patriarcas e, progressivamente culminou na eleição do povo de Israel que constituiu uma Aliança com Deus.¹⁶⁶

A originalidade do povo de Israel consiste em caminhar pelos caminhos do Senhor, além da capacidade de reler sua história de modo a projetá-la à frente. Neste caso, a salvação já é vista, mas não realizada plenamente pois acontecerá no futuro numa aliança definitiva. O essencial, deste primeiro momento, foi a revelação do próprio *Iahweh*, e, também, o ajuste do povo escolhido para o projeto de salvação por Ele preparado desde a eternidade. Neste primeiro tempo, a revelação é orientada para a esperança de uma salvação que há de vir: é “anúncio profético” e, ainda, não um “acontecimento real”.¹⁶⁷

No centro do tríptico está o ápice, a plenitude do tempo: da Encarnação até a paixão e morte de cruz, inseparável da morte está a ressurreição, primícia e garantia para todos os homens. Encerra-se a preparação, a profecia. Na epifania do Senhor, em Jesus Cristo, a salvação entra na história como acontecimento real encarna-se no tempo e na história humana. Estes poucos anos de vida pública de Jesus são a

¹⁶⁴ MARROU, H. I., *A Teologia da História*, p. 26.

¹⁶⁵ SC 5. J. López Martín ressalta que a “(...) salvação enquanto preparação que culminará em Cristo, já é história nesta etapa, enquanto manifestação, já é revelação. A salvação já tinha entrado na história embora sob a forma de promessa e de figura do que haveria de vir, manifestando-se em pessoas, em acontecimentos, em instituições que anunciam a plenitude da realidade em Cristo e na Igreja. (...) É a unidade indissolúvel dos dois Testamentos”. MARTÍN, J. L., *No Espírito e na Verdade*, p. 88.

¹⁶⁶ MARSILI, S., *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 107.

¹⁶⁷ LATOURELLE, R., *Teologia da Revelação*, p. 34-36.

fonte de reflexões teológicas, para as quais o teólogo se volta sempre e sempre. É o mistério da nossa fé exposta à essência do drama do mistério pascal, centro e eixo do tríptico.

A culminação de toda a obra salvífica é a morte do Senhor, coroada pela sua Ressurreição; por ela, Jesus, com a sua humanidade ingressou no mais íntimo santuário junto de Deus e encontrou a redenção eterna. O. Casel afirma que por isso a páscoa do Senhor “(...) é o mistério autêntico da redenção, o clímax e o cume do plano salvífico de Deus. Dele brota a Igreja redimida, nele se funda a Nova Aliança, a aliança eterna do sangue de Cristo, nele assenta toda a salvação”.¹⁶⁸ O autor faz uma ressalva sobre a noção de mistério de Cristo: “(...) ele (o mistério de Cristo) foi revelado, todavia, permanece um mistério, porque ele é divino em sua essência, inacessível à nossa inteligência humana e revelado unicamente pela graça”.¹⁶⁹

Plenitude dos tempos indica “cumprimento”, portanto este é o momento de “realização” das promessas em Cristo, como explicita a *Sacrosanctum Concilium*: “principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, em que morrendo destruiu a nossa morte e ressuscitando restaurou a nossa vida”.¹⁷⁰ Assim, o Concílio está afirmando que o mistério pascal é a unidade de três momentos, “(...) da paixão, da morte e da ressurreição de Cristo”. Portanto, não se trata de vários acontecimentos, mas vários momentos do mesmo mistério central da fé.¹⁷¹

Segundo O. Casel o conceito paulino de plenitude dos tempos, em que Cristo apareceu, “(...) significa igualmente que a cultura da *ecúmena* daquela época atingira um tal grau de maturidade que pôde oferecer ao cristianismo nascente algumas formas que ele utilizou para tornar acessível ao homem a revelação”.¹⁷² Por isso, as religiões de mistérios da antiguidade oferecem, por analogia e não derivação, ao cristianismo formas daquilo que na Revelação se realizou num plano infinitamente superior e mais elevado. A ação reveladora de Deus não se apoia em dados estritamente históricos, mas se encaminha para a liturgia celeste que abarca coisas que transcendem a história e se estendem até Deus, infinitamente.

¹⁶⁸ CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 149.

¹⁶⁹ CASEL, O., o Mistério do culto no cristianismo, p. 24.

¹⁷⁰ SC 5.

¹⁷¹ MARSILI, S., A liturgia momento histórico da salvação, p. 107-112.

¹⁷² CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 250.

O terceiro momento está à direita no tríptico, sendo o que S. Marsili “chamou ao mesmo tempo de resultado e continuação para sempre da plenitude dos tempos”.¹⁷³ É o tempo da Igreja, tempo de longa espera e conversão, momento que se aguarda a parusia. “O tempo da Igreja está em curso, a história não se acabou e cabe a nós, agora, ao nosso esforço e à nossa ação, contribuir para escrevê-la, trabalhar de nossa parte para o seu acabamento”, afirma H. Marrou.¹⁷⁴ Ainda está em curso o momento último da salvação que reúne em si “anúncio e evento Jesus Cristo”. A Igreja tem neste tempo a missão de completar, progressivamente, em todos os homens a imagem e semelhança de Cristo.

Através da liturgia, podemos apreciar o movimento de abaixamento de Deus, que sai de Si, e se revela cada vez mais próximo do homem, ao mesmo tempo que a liturgia atualiza os acontecimentos que culminam no mistério pascal. Todas as manifestações que preparam para plenitude de Cristo atualizadas no momento da celebração, são mistérios e visam a salvação humana. Em outras palavras, a liturgia retoma o lugar da “tradição”: a transmissão do mistério de Cristo através de um rito, que ao mesmo tempo manifesta e realiza a salvação.¹⁷⁵ A liturgia aparece imersa na divina economia da salvação, sendo inseparável do mistério de Cristo e do mistério da Igreja. Sobre este mistério, assim, se expressa a *Sacrosanctum Concilium*: “(...) se realiza a obra de nossa redenção, de maneira tal que por ela o mistério de Cristo e a mesma autêntica natureza da Igreja se exprimem na vida e se manifestam aos outros”.¹⁷⁶

A liturgia vinculando-se ao mistério de Cristo é a dimensão “realidade”, pois os sinais de que é constituída não só significam, mas também contêm realmente o evento da salvação de maneira plena, total e completa, porque assim é a realidade salvífica de Cristo.¹⁷⁷ O Espírito Santo, invisível aos nossos olhos, é a força motriz que dá vida à Igreja e a esperança do retorno do Senhor. Na parusia toda a criação será recapitulada em Cristo e completará a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Esta é a esperança cristã.

A história da salvação é uma linha contínua que parte de Deus, se desenvolve no tempo e se cumpre num determinado momento do tempo. Essa história é a

¹⁷³ MARSILI, S., Tempo e Liturgia, p. 109.

¹⁷⁴ MARROU, H., Teologia da História, p. 30.

¹⁷⁵ MARSILI, S., A liturgia momento histórico da salvação, p. 106-108.

¹⁷⁶ SC 2.

¹⁷⁷ PISTOIA, A., História da salvação, p. 549-551.

história das intervenções de Deus que exigem respostas ativas e obedientes dos homens. As intervenções divinas são irrepetíveis, únicas e decisivas no curso da história. Fazem parte de um tempo, não mais *chronos*, mas *kairós*. S. Marsili explica e ressalta a diferença do tempo *chronos* e *kairós*:

o *chrónos*, encontra o seu cumprimento no seu próprio movimento que se renova num círculo perene, mas o do mistério de Cristo é ‘tempo histórico’ (*kairós*), ordenado e estabelecido por certo acontecimento o qual justifica a existência do tempo precisamente porque é destinado a preenche-lo daquela realidade à qual é preordenado.¹⁷⁸

O mistério pascal de Cristo é centro e cume de todas as intervenções salvíficas divinas, é o *kairós* por excelência. A característica, além de centro e cume, do mistério pascal é o “de uma vez por todas”, *ephápax*, termo que se refere a cada momento da história da salvação que se realiza na eternidade do tempo.¹⁷⁹ É preciso reconhecer a salvação, em Cristo, como real e histórica, com localização geográfica definida e o protagonismo de um homem de Nazaré, que é a Palavra eterna do Pai. Ciência e fé se entrecruzam e garantem a realidade salvífica de Cristo no seu mistério pascal.¹⁸⁰

A salvação no tempo e nas várias etapas da história já é acontecida, no entanto é projetada à frente na expectativa do cumprimento da promessa. O homem é salvo no tempo em que vive, no tempo da Igreja, no aqui e agora. Somos imagem e semelhança de Deus no tempo hodierno, ao passo que somos portadores de bênçãos e promessas feitas aos homens desde os nossos pais, a primeira geração humana, um povo eleito por Deus. Pela fé somos feitos filhos de Abraão.¹⁸¹ Os efeitos salvíficos do mistério pascal alcança pela fé todos os homens que assim com Abraão respondem ao chamado de Deus. Como eleitos por Ele, o reconhecem como seu Salvador e a Ele prestam culto.

A presença do Espírito, pós pentecostes, sobre todos os homens é o sinal de que chegou o último tempo, o tempo da Aliança inscrita no coração dos homens. A

¹⁷⁸MARSILI, S., Sinais do mistério de Cristo, p. 573.

¹⁷⁹Para J. Ratzinger “na Bíblia, o “uma vez” é mais salientado na Carta aos Hebreus, embora quem leia a carta com atenção há de reparar que o “*ephapax*” (uma vez) é ligado a “*Aionios*” (perpétuos); o hoje abrange todo o tempo da Igreja. (...) se fossem apenas fatos do passado, como todos os dados, que aprendemos nos livros de História, então não poderia haver simultaneidade com eles. Eles acabariam por ser inatingíveis, para nós. Contudo, ao ato exterior da crucificação corresponde um ato interior de entrega (o corpo “será entregue por vós)”. RATZINGER, J., Introdução ao espírito da liturgia, p. 43.

¹⁸⁰MARTÍN LOPEZ, J., “Tempo sagrado, tempo litúrgico e mistério de Cristo”, p. 38-39.

¹⁸¹Rm 4, Gl 3,4.

morte de Jesus foi o princípio da efusão escatológica do Espírito. Por isso, o culto é perfeito e definitivo pela presença do Espírito Santo, na reunião dos fiéis, que transformam suas vidas em oferta espiritual.¹⁸² Segundo O. Casel “(...) por seu pneuma, pleno, animado e amadurecido pelo pneuma de Deus, a *Ecclesia* se une ao sacrifício de Cristo. Ela oferece com ele o sacrifício total e espiritual de si mesma a Deus”.¹⁸³

A força que entrou na história através da ação salvífica de Cristo e que instaura o fundamento novo é o pneuma, a *dynamis* de Deus. É esta força que nos garante a participação na esfera do acontecimento de Cristo. Para Paulo, a *dynamis* é a essência de Deus, é o poder de Deus, é a força criadora que irrompe no acontecimento de Cristo (Ef 1,19), “(...) pelo que este evento tem o caráter de ação divina, portanto é *dynamis* divina e, por conseguinte, algo de permanente e eterno”.¹⁸⁴ O mistério pascal de Cristo é a força de Deus personificada manifestada na ressurreição que opera na história. É essa força que eleva o homem para além do espaço e do tempo, coloca-o numa relação pessoal com o evento de Cristo e o insere em Cristo.

O *pneuma* é a *dynamis* de Deus manifestada na ressurreição e se prolonga no hoje à luz deste evento. No pneuma, o cristão tem sempre parte na ressurreição de Cristo, de forma oculta, mas real, um só corpo. É um eterno morrer com Cristo para a sua ressurreição ressurgir em Cristo. Segundo O. Casel, “O pneuma é a ab-rogação do tempo distanciador, leva o homem “pneumático” a ingressar no *Christus aeternus* e, de algum modo torna co-eterno com ele”.¹⁸⁵

Todos os homens por sua origem humana e divina, participam da filiação adotiva em Deus, pertencem à corrente salvífica plenamente realizada em Cristo. Por tudo isso, a salvação continua viva e eficaz eternamente através da história da salvação que, por sua vez, é pessoal, única, histórica e escatológica. Ao mesmo tempo, a salvação é coletiva, social e comunitária para que vivamos em comunhão com o Salvador e com a geração dos que se salvam, na comunidade depositária dos bens da salvação, Igreja de Cristo (At 2,42-46; 4,32).¹⁸⁶ Estamos nos referindo à

¹⁸² MARTÍN, J. L., No Espírito e na verdade, p. 46-48.

¹⁸³ CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 96.

¹⁸⁴ CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 257.

¹⁸⁵ CASEL, O., O culto cristão, p. 260.

¹⁸⁶ MARTÍN, J. L., No Espírito e na Verdade, p. 163-169.

obra da salvação como uma “realidade sobrenatural sempre presente e ativa na Liturgia”.¹⁸⁷

A Igreja é epifania de Cristo e o momento da história de salvação, à medida que transmite os mistérios cristãos, através do rito e seus sinais. Compreendida como um mistério humano e divino, a Igreja se revela por meio de ações rituais sempre novas, mas eternas e escatológicas.¹⁸⁸ Por isso, pode-se afirmar que é mistério humano porque os que a ela pertencem são chamados à salvação de forma progressiva, tal qual o agir de Deus até o segundo advento. Afirma-se que é mistério divino porque é presença real e contínua do Cristo pascal na própria Igreja.¹⁸⁹

3.3

Do mistério pascal nasce o sacramento da Igreja

A *Sacrosanctum Concilium*, depois de se referir aos diferentes tempos de manifestação do desígnio de Deus, reconhece Nele o pleno cumprimento desse desígnio, desde a encarnação até “o mistério pascal da sua bem-aventurada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, em que morrendo destruiu a nossa morte e ressurgindo deu-nos vida”.¹⁹⁰ Aqui, encontra-se a estudada expressão “mistério de pascal” que acompanha esta pesquisa desde a Homilia sobre a Páscoa, datada do século II, de Melitão de Sardes.

Jesus Cristo é a origem dos sacramentos e o Concílio Vaticano II, a esse respeito voltou à fonte patrística, e na *Sacrosanctum Concilium* assevera: “Do lado aberto de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”.¹⁹¹ De acordo com João Crisóstomo os sacramentos não têm sua origem num ato jurídico de Jesus, mas no seu próprio ser.¹⁹² Ao morrer Jesus Cristo não

¹⁸⁷ MARSILI, S., A liturgia momento histórico da salvação, p. 92.

¹⁸⁸ SC 5.

¹⁸⁹ A SC 7 enumera alguns momentos da liturgia nos quais é atestada esta presença real: no sacrifício da missa, no sacerdote e no sacramento da eucaristia (presença de vítima imolada); nos sacramentos; na Palavra proclamada na comunidade; na oração comunitária.

¹⁹⁰ SC 5.

¹⁹¹ Santo Agostinho: “O evangelista se serve aqui de uma palavra bem escolhida e cheia de sentido. Ele não diz: o soldado rasgou o lado do Senhor, ou ele o feriu, ou outra coisa semelhante, mas diz: ele abriu. Eis que, de certa forma, foi aberta a porta da vida pela qual saíram os mistérios da Igreja, sem os quais não podemos entrar na vida, naquela que é a verdadeira vida, pela qual saíram os mistérios da Igreja. Este sangue foi vertido para a remissão dos pecados; esta água preparou o cálice da salvação, assegurando ao mesmo tempo um banho e um remédio. (...) O Cristo, o segundo Adão, com a cabeça inclinada na cruz, adormeceu, para que se formasse sua Esposa daquilo que saía do seu lado”. Texto de Agostinho, *tract. in Joan.* 120,2, cit. em CASEL, O., “O mistério do culto no cristianismo”, p. 57, nota 120.

¹⁹² Numa de suas catequeses, o grande exegeta antioqueno ao comentar Jo 19,34, assim fala: “Queres compreender mais profundamente o poder desse sangue? Repara de onde começou a correr e de que

opera sozinho, associa a si a Igreja, Esposa que conquistou com seu sangue.¹⁹³ Os sacramentos são epifania da Igreja porque são a manifestação histórica da obra redentora de Cristo. Nos sacramentos a igreja revela todo o mistério de Cristo e comunica a redenção a todos os homens.

Jesus Cristo é o mediador entre Deus e o homem principalmente pelo seu mistério pascal. A Igreja é “em Cristo” o sacramento, o sinal e instrumento da união com Deus e da unidade do gênero humano. Jesus Cristo, pelo sangue derramado na cruz, é o autor da salvação, o princípio da unidade e da paz, e a Igreja é o sacramento visível dessa unidade que salva. Jesus Cristo continua a agir na sua Esposa por intermédio do Espírito Santo. Cristo tem a supremacia sobre a Igreja, porque a luz que esta irradia sobre o mundo, é a luz que emana Dele.

A *Sacrosanctum Concilium*, o primeiro documento do Concílio Vaticano II, inspira à eclesiologia de comunhão e participação. As maiores e mais importantes afirmações sobre a Igreja, contidas no documento conciliar, segundo D. Sartore são:

(...) a liturgia manifesta a igreja na sua natureza teândrica, edifica-a todos os dias para dar sinal da unidade querida por Deus (SC 2); no âmbito da história da salvação, no mistério pascal de Cristo tem origem “o admirável sacramento de toda igreja” (SC 5); para realizar a nossa obra da nossa redenção “Cristo está sempre presente em sua igreja (...) Associa sempre a sua igreja, sua esposa amadíssima”; na liturgia “é exercido o culto público integral pelo corpo místico de Jesus Cristo, isto é, pela cabeça e seus membros. Por isso, toda celebração litúrgica é obra de Cristo e do seu corpo, que é a Igreja (SC 7); as ações litúrgicas são “celebrações da Igreja que é sacramento de unidade”, isto é, povo santo reunido e ordenado sob a orientação dos bispos (...) Tais ações pertencem a todo o corpo da igreja, manifestam-no e supõem-no” (SC 26); e mais, “a principal manifestação da igreja” ocorre quando todo o povo de Deus participa da liturgia, especialmente da eucaristia, sob a presidência do bispo, cercado pelo seu presbitério e pelos ministros (SC 41).¹⁹⁴

A origem da Igreja e, com ela, dos sacramentos, é, portanto, não um mandato jurídico, e sim um ato vivencial de Cristo pelo qual o Senhor da Glória se torna e fica presente na Igreja, seu corpo místico, até o fim dos tempos. Ao comentar a *Sacrosanctum Concilium*, A. Beckhäuser afirma que o documento conciliar coloca a “Sagrada Liturgia no contexto da teologia dos envios, pois o mistério pascal

fonte brotou. Começou a brotar da própria Cruz, e a sua origem foi o lado (gr. *pleurá*) do Senhor. Estando Jesus já morto e ainda pregado na cruz, diz o evangelista, um soldado aproximou-se, feriu-lhe o lado com a lança, e imediatamente saiu sangue e água: a água, como símbolo do batismo; o sangue, como símbolo da eucaristia. O soldado, traspassando-lhe o lado, abriu uma brecha na parede de templo santo, e eu, encontrando um enorme tesouro, alegro-me por ter achado riquezas extraordinárias. Assim aconteceu com este Cordeiro. Os judeus mataram um cordeiro, e eu recebi o fruto do sacrifício”. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Liturgia das Horas, p. 416.

¹⁹³ Ef 5,14.

¹⁹⁴ SARTORE, D., “Igreja e liturgia”, p 573-574.

continua na Igreja e se coroa em sua liturgia”.¹⁹⁵ O Pai envia o Filho e este os apóstolos, cheios do Espírito Santo. Uma dupla função era a missão dos apóstolos: a de anunciarem a salvação em Cristo a de realizar a santificação e a salvação dos crentes, principalmente, através da Eucaristia e dos sacramentos.

No cristianismo primitivo, o termo *ecclesia* recebeu um tríplice significado, explica J. Ratzinger: “(...) era aplicado à assembleia do culto, às comunidades locais e à Igreja universal.”¹⁹⁶ Passado o tempo, houve uma percepção que havia uma inter-relação entre estes significados e que se interpretavam mutuamente. Existe um organismo único, a Igreja do povo de Deus, que se reúne no mundo em assembleias locais que prestam o mesmo culto, mas em inúmeros Templos. A Igreja é povo de Deus porque realiza a vocação universal a qual Deus chamava Israel.¹⁹⁷ Era o Deus único, e sendo único, era o Deus de todos os homens. A Igreja de Jesus Cristo é a realização definitiva da reunificação de Israel e, portanto, “sacramento universal de salvação”.¹⁹⁸

Uma assembleia litúrgica, segundo D. Sartore é “(...) a convocação do povo de Deus no meio do qual Deus se torna presente (Mt 10,10) que cumpre em si o *Qahal Yahweh* do Antigo Testamento, e como tal, se transforma em expressão máxima de comunhão”.¹⁹⁹ Por isso mesmo, a reunião dos cristãos em assembleia é expressão máxima da comunidade local, evento da Igreja universal que prenuncia e antecipa a Jerusalém celeste. Pela proclamação da Palavra de Deus, na qual Cristo está presente a assembleia cresce e fortalece a fé. A reunião dos irmãos é o momento em que o povo exerce seu caráter sacerdotal de se oferecer e render graças ao Pai, por Cristo no Espírito Santo, que une carismas diferentes.²⁰⁰

O novo povo de Deus se reunia para celebrar uma unidade durante a páscoa, em seu templo. Assim, também fizeram os cristãos espalhados, mas reunidos em um só corpo, o do Senhor. Distantes geograficamente, mas unos na comunhão do corpo do Senhor. As comunidades tornaram-se uma só *ecclesia*, uma assembleia

¹⁹⁵ BECKHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium* Texto e comentário, p. 22.

¹⁹⁶ RATZINGER, J., O novo povo de Deus, p. 95.

¹⁹⁷ Pié-Ninot ressalta que povo de Deus é “uma expressão mais ao alcance de todos em relação à Corpo místico e ao mesmo tempo mais denso e abrangente do denso conceito de sacramento, tornou-se a marca da recepção mais popular da eclesiologia do Vaticano II”. PIÉ-NINOT, Introdução à Eclesiologia, p. 32.

¹⁹⁸ LG 9.

¹⁹⁹ SARTORE, D., “Igreja e liturgia”, p. 577.

²⁰⁰ SC 7.

de culto a Deus, na qual todos comem o mesmo corpo de Cristo.²⁰¹ Os fiéis não precisavam mais peregrinar para um único templo, o laço que os une não é o sangue familiar, mas a unidade do único pão eucarístico. Em todos os lugares, a Igreja, é a reunião daquilo que é uno.²⁰²

Os cristãos, na antiga tradução das Sagradas Escrituras, utilizaram a palavra *sacramentum* em vez do vocábulo “mistério”, nos casos que não o transcreviam. E assim, *sacramentum*, adquiriu a riqueza do termo mistério e continuou a ser uma palavra concreta na essência e em referência ao culto, podendo ser compreendida, neste momento, no sentido de “iniciação”, como também de “mistério”.²⁰³ A Igreja foi inserida no mistério pelo apóstolo Paulo que recebeu este encargo: “a mim (...) me foi concedida pela operação de seu poder anunciar aos gentios, a insondável riqueza de Cristo e de colocar à luz (...) por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus (...)”.²⁰⁴

Por isso, pode-se afirmar como O. Casel: “o cristianismo é o conhecimento do mistério de Deus e de Cristo (...)”²⁰⁵ O mistério da Igreja alcançará sua plena revelação quando se manifestar o mistério do Reino na última vinda de Cristo.²⁰⁶ Então, aponta-se para o conceito da palavra *mysterium* que abarca a ação de Deus em Jesus Cristo quanto sua representação ritual destinada a comunicar a salvação aos crentes no tempo da Igreja à espera da parusia.

Cristo que é o “(...) sinal imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), é o sinal do amor com que Deus intervém na história para salvação do homem. Para S. Marsili: “Cristo é o grande sacramento primordial, isto é, sinal de uma realidade de salvação, que se manifestou como presença divina ativa entre os homens (Ef 1,9; 39)”.²⁰⁷ Os sacramentos são acontecimentos salvíficos que se inserem no plano de salvação projetado por Deus manifestos a partir do nascimento de Jesus Cristo. No homem, a onipotência de Deus age e, de forma íntima e oculta, realiza a nossa santificação. Neste sentido, Sacramento é, portanto, a ação salvífica que o homem recebe em Cristo, presente sob forma ritual; ação que cria um contato com o mistério de Cristo

²⁰¹ SC 6.

²⁰² RATZINGER, J., O novo povo de Deus, p. 94-98.

²⁰³ De acordo com o Concílio Vaticano II, a Igreja se define como sacramento (*sacramentum*: LG 1, 9, 59; SC 5,26; GS 42; AG 5 e como *universale sacramentum salutis*: LG 48, GS 45, AG 1).

²⁰⁴ Ef 3,9.11

²⁰⁵ CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 149.

²⁰⁶ Aprofundamento sobre o mistério da Igreja até o segundo advento, pode ser feito na obra: MARROU, H. I., Teologia da História, p. 28-35.

²⁰⁷ MARSILI, S., A Teologia da liturgia do Vaticano II, p. 126.

(salvação em ato); cada sacramento significa um aspecto concreto da Páscoa, cujo sinais indicam a plenitude que será vivida plenamente quando a parusia chegar.

A presença dos mistérios de Cristo nas ações sacramentais do culto e no mistério do culto só pode ser valorizado se as entendermos como ações da Igreja. A *ecclesia*, é o corpo de Cristo e este é a Cabeça do corpo.²⁰⁸ Inicialmente fundada com os Doze e os discípulos, com Pedro assumindo seu chamado (Mt 16,18).²⁰⁹ Da origem sacramental da Igreja regenerada pela água e sangue do corpo dormido na cruz e posteriormente em Pentecostes, animada pelo Espírito Santo, o corpo de Cristo tornou-se visível com o anúncio da salvação e a administração dos sacramentos.²¹⁰ Para O. Casel, “(...) a Igreja, alicerçada nos mistérios de Cristo, intimamente unida nas suas celebrações como comunidade de mistérios, é ela própria um *mirabile sacramentum* e um sublime mistério”.²¹¹

A doutrina de Leão Magno do mistério pascal, incluída no Missal Romano atual, emprega o termo *sacramentum* para se referir à Igreja: “Ó Deus, força imutável e luz inextinguível, olhai com bondade a tua Igreja, sacramento da nova aliança (*mirabile sacramentum*) (...)”.²¹² O Concílio Vaticano II usou *mirabile sacramentum* para mostrar que o mistério da Igreja, ou a Igreja como sacramento de Cristo nasceu de seu corpo dormido na cruz.²¹³ Para João Crisóstomo a Igreja nasceu do lado de Cristo: “(...) Disse-lhes que esta água e este sangue simbolizavam

²⁰⁸ Na Idade Média, a expressão corpo de Cristo era usada no tratado da graça. “Corpo de Cristo” refere-se inclusive ao indivíduo que recebe a graça. Agostinho não conheceu a palavra *mysticum* unida à expressão “*corpus Christi*” para Agostinho, essa denominação que se dá a Igreja é simplesmente *corpus Christi*, sem precisar acrescentar qualquer adjetivo a essa expressão, pois essa denominação não provém da doutrina da graça em por isso, do interior, do invisível, do que é pessoal, mas da realidade sacramental ou da comunidade concreta da Igreja que começou a atuar na ceia do Senhor. RATZINGER, J., O novo povo de Deus, p. 48.

²⁰⁹ Antes de existir o vocábulo apóstolo, termo usado após a ressurreição, existia a comunidade dos Doze (Mc 3,13).

²¹⁰ A. Beckhäuser no comentário da SC 6 ressalta o duplo memorial deixado por Cristo aos apóstolos e todos os cristãos: “(...) o memorial testamentário do novo mandamento e o memorial celebrativo ritual. Aqui queremos enfatizar o memorial celebrativo ou ritual ou sacramental. Trata-se de anunciar o Mistério Pascal ou anunciar o Evangelho a toda criatura, anunciar que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertou do poder do demônio e da morte e nos transferiu para o Reino do Pai, e levar a efeito o que se anuncia. Isso é realizado, sobretudo, pelo Batismo e Eucaristia. É anunciada também as orações das comunidades de fé”. BECKHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium* Texto e comentários, p. 22.

²¹¹ CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 292.

²¹² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Missal Romano, p. 282.

²¹³ Segundo D. Sartore “(...) o termo *mirabile sacramentum* certamente não tem a força que hoje são atribuídos, mas refere claramente à igreja, e vem acompanhado do adjetivo *mirabile* (frequentemente atribuído às obras de Deus na história da salvação) (...)”. SARTORE, D., “Igreja e liturgia”, p. 576.

o batismo e a Eucaristia. Foi destes sacramentos que nasceu a Igreja, pelo banho de regeneração e pela renovação do Espírito Santo (...).²¹⁴

Nesse sentido de sublime mistério (*mirable sacramentum*) O. Casel assevera: “Cristo é o mistério pessoal, através dele a Igreja também é mistério, já que nele se manifesta a graça de “Cristo e a glória de Deus neste mundo”.²¹⁵ Por meio do mistério pascal, a Igreja, como esposa redimida de Cristo e mãe dos crentes é gerada pelo sangue e pelo pneuma de Cristo. Este Senhor da glória permanece oculto em sua Igreja. Com a vinda do Senhor a glória da Igreja manifestará plenamente. Nesta vinda gloriosa se consumará o mistério pascal, iniciado na ressurreição de Cristo e em andamento na Igreja, corpo de Cristo.²¹⁶

A Igreja, pela efusão do Espírito Santo, participa do mistério pascal. Animada pelo mesmo Espírito tem a missão de perpetuar a obra da salvação humana iniciada no mistério pascal de Cristo, através do sacrifício e dos sacramentos até o segundo Advento. Nesse sentido de Igreja mistério de Cristo, J. L. Martín afirma que, “(...) mistério da Igreja e mistério pascal estão intimamente ligados a Cristo, que confia a missão recebida do Pai à sua Igreja e lhe transmite o mesmo Espírito Santo com o que ele a levou a termo”.²¹⁷ O mistério pascal indica a recepção da vida divina que brota da humanidade glorificada de Cristo, instrumento da salvação humana. O mistério da Igreja é fruto do mistério pascal e estão intimamente ligados pelo sangue derramado da cruz, a eucaristia. Pelo batismo o mesmo autor invisível do mistério pascal, o Espírito Santo, realiza na humanidade a regeneração dos seus pecados e o homem é incorporado ao mistério da Igreja.

Segundo J. Ratzinger: “a compreensão dos sacramentos pressupõe, portanto, a continuidade histórica do agir de Deus e, como seu lugar concreto, a continuidade viva da Igreja que é o Sacramento nos Sacramentos”.²¹⁸ Por isso, os sacramentos como realizações cultuais da Igreja, são a plena continuidade do dom ofertado por Cristo na cruz. A finalidade é para que o homem beba da mesma fonte salvífica que a Igreja recebe de Deus.²¹⁹ Sendo assim, no sacramento está presente a história em

²¹⁴ CORDEIRO, J. M. G., Antologia Litúrgica, p. 705.

²¹⁵ CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 292.

²¹⁶ CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 291-294.

²¹⁷ MARTÍN, J. L., No Espírito e na verdade, p. 158.

²¹⁸ RATZINGER, J., Teologia da Liturgia O fundamento sacramental da existência cristã, p. 218.

²¹⁹ Para A. Beckhäuser: “A partir de Pentecostes as realizações cultuais começam a acontecer. E a SC 6 menciona o batismo, a Eucaristia e as orações de comunidades de fé. (...) A Igreja tem, pois, a grande missão de anunciar a salvação realizada pelo mistério pascal e de levar todos a beberem dessa

sua plena continuidade: passado, presente e futuro. É *anamnese* da raiz da história reapresentada ao homem hodierno e dando-lhe a salvação no presente com vistas ao futuro além da morte.

Foi da morte de cruz de Jesus Cristo e da sua exaltação aos céus que a *ecclesia* dos remidos nasceu e foi sobre ela que a Nova Aliança foi fundada, a Aliança eterna no sangue de Cristo. O. Casel explica a relação entre o mistério e a Igreja, desta forma:

Com a Igreja da Nova Aliança, um só e único sacrifício, o de Cristo, devia salvar as almas. Mas para manter e espalhar a ação e a influência desse sacrifício através do tempo e do espaço seria necessário um meio apto para conter ao mesmo tempo a salvação e o culto da *Ecclesia*. O instrumento *ad hoc* era a representação mística no sacramento, *in mysterion*. Pelo mistério, Cristo vive na Igreja, age e com ela, a mantém e a vivifica. Pelo mistério, já vivemos a vida do século futuro, antecipamos alguma coisa do Reino de Deus e caminhamos humildemente, pela fé, nos caminhos da vida presente. O mistério é com efeito, *mysterium fidei*, o mistério de fé, e somente a fé pode conceber a realidade escondida da graça, o *virtus sacramenti*.²²⁰

O Reino de Deus inaugurado na pessoa de Jesus Cristo permanece no início fiel a Ele, mas depois da Páscoa, pela efusão do Espírito Santo é confiado à Igreja. Coube a Igreja eternizar na história humana a salvação e ao mesmo tempo reunir-se em assembleia para prestar culto a Deus. O divino mistério da salvação se une ao humano nas assembleias cultuais. Assim a Igreja é mistério e sujeito histórico enquanto povo de Deus a caminho no já instalado Reino de Deus, mas ainda não na sua plenitude. No dia de Pentecostes a Igreja também manifesta a dimensão pública do crer no mistério e, pela graça derramada enxergar profundamente que o Reino de Deus permanece misteriosamente oculto entre os homens.

Pentecostes está intimamente vinculado à Páscoa, mediante a sua morte e sua ressurreição, o Senhor dá o Espírito. Este vínculo simbólico entre o Cristo histórico e o envio do Espírito, entre a Páscoa do Filho e o Pentecoste do Espírito é o memorial salvífico do acontecimento-evento e do mistério de descida do Espírito. Hoje o mistério pascal e Pentecoste do Espírito Santo são atualizados para nossa salvação.

Em Pentecostes o Espírito de Deus invade o coração dos homens diviniza-os e na comunhão tornam Corpo de Cristo. Temos aqui os três elementos paulinos que caracterizam o batismo: o batismo em Cristo Jesus; o batismo no Espírito Santo e o

divina fonte da salvação, seja pela ação da caridade, seja pela memória celebrativa ritual da obra da salvação”. BECKHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium* – texto e comentário, p. 22.

²²⁰ CASEL, O., O mistério no culto cristão, p. 78.

batismo no qual o batizado é inserido no corpo de Cristo. Nesse sentido de imersão batismal no corpo de Cristo, J. Corbon reflete: “O Espírito que procede do Pai acaba de ser derramado (...) surge uma nova criação: o Corpo de Cristo está entre os homens e recapitula em si todos os homens”.²²¹ A Igreja é, assim, o corpo espiritual, pois só existe como Corpo pelo Espírito de Cristo. Espírito derramado em vista da formação de um novo povo. Essa dimensão de corpo místico apresenta a Igreja muito além do conceito de sociedade, um organismo vivo e hierarquicamente organizado que envolve todos os seus membros em torno de Cristo.

A presença atualizada do mistério pascal é o *sacramentum*, o mistério, fundamento de toda a liturgia. O mistério da Liturgia vivificante se desencadeou porque pela ascensão, Jesus Cristo entrou no seio do Pai, mas pelo Pentecostes penetrou na humanidade inteira. J. Corbon assevera que “Pelo Espírito Santo, a Liturgia ganha corpo na Igreja”.²²² A Igreja nasceu pela fé que o Espírito suscitou no coração dos discípulos e os uniu a Cristo, formando o corpo de Cristo que expande viva e eficazmente a liturgia no mundo desde a Igreja nascente.

O corpo de Cristo é a realidade visível e perceptível reunida na celebração eucarística. Na formação da Igreja a instituição da eucaristia, na última ceia do Senhor, foi tão importante quanto o chamamento dos Doze, o primeiro apostolado reunido em torno de Cristo. Nesse sentido de corpo de Cristo reunido como o novo povo de Deus J. Ratzinger afirma: “(...) a ideia de aliança no Antigo Testamento, que Jesus incorporou em sua pregação, recebe um novo centro: sermos um no corpo de Jesus Cristo. O novo povo de Deus se torna povo somente a partir deste ponto central.”²²³

A intenção é de superar a relação “até então dominante, de ‘Liturgia-Igreja hierárquica’, como se fosse a única verdadeira e não principal ação”, afirma S. Marsili. A superação está no princípio eclesiológico de “Igreja, povo de Deus”, como lugar onde se encontra no ambiente apropriado à liturgia enquanto celebração. Isto está em consonância com a *Sacrosanctum Concilium* ao afirmar que a liturgia é “(...) o lugar onde o ‘corpo de Cristo’ se revela e se manifesta como ‘Igreja’, isto é, na sua verdadeira natureza de sacramento”.²²⁴ É sacramento por ser meio eficaz

²²¹ CORBON, J., Liturgia de fonte, p. 53.

²²² CORBON, J., Liturgia de fonte, p. 54.

²²³ RATZINGER, J., Compreender a Igreja Hoje, p. 16-17

²²⁴ SC 2.

da íntima união com Cristo e santificação do povo. Portanto, a “Igreja é Corpo de Cristo, resultado da ação litúrgica”.

A Igreja participa nas ações litúrgicas em sua plenitude de corpo místico: “Cristo sempre associa a si a Igreja, sua esposa diletíssima”.²²⁵ Ressaltamos que devemos entender Igreja como sujeito da liturgia. Por isso, não pode ser entendida como parte hierárquica, mas no sentido de corpo de Cristo, de mistério-sacramento, de povo de Deus. Nesse sentido, J. Castellano assevera: “o mistério da Igreja, povo de Deus, determina a natureza da liturgia como ato comunitário, hierarquicamente organizado, público, encarnado em cada uma das realizações da Igreja Universal, com a consequente tensão entre unidade e diversidade”.²²⁶

As ações litúrgicas são ordenadas na Igreja para levar à comunhão com Deus. A palavra escutada e o sacramento da comunhão eucarística realizam a comunhão com Deus e entre os cristãos realizadas na *communio* das Igrejas locais. Unidade na diversidade. Unidade na comunhão fraterna e na filiação adotiva de um mesmo Pai. Diversidade na hierarquia e carismas une o povo com o ministério episcopal à Igreja universal, concretamente com o papa e com o colégio episcopal. A liturgia celebrada comunitariamente propicia a correta relação entre unidade e pluriformidade na Igreja do povo reunido e ordenado sob a autoridade dos Bispos. Assim como as ações litúrgicas pertencem ao corpo da Igreja também pertencem a cada um individualmente conforme a diversidade de ordens, ofícios e da participação ativa de cada fiel.

A eucaristia é a realização plena da Igreja. Pela vontade de Jesus, aqueles que creem, devem ser considerados como Povo de Deus, em virtude do corpo de Cristo. A Igreja é uma assembleia visível do culto, uma comunidade que confirma e leva a cumprimento a sua essência invisível como corpo de Cristo. Os cristãos são o Corpo de Cristo unidos ao Senhor, ensinam muitos Padres da Igreja.²²⁷ A eucaristia é vital

²²⁵ SC 7.

²²⁶ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 42.

²²⁷ Entre eles, citamos: Justino de Roma: “Deus dá testemunho de que lhe são agradáveis todos os sacrifícios oferecidos em nome de Jesus Cristo, os sacrifícios que este nos mandou oferecer, isto é, os da Eucaristia do pão e do vinho, que os cristãos celebram em todos os cantos da terra (...) São justamente estes os únicos que os cristãos aprenderam da tradição a celebrar, na comemoração do pão e do vinho, na qual recorda a paixão que o Filho de Deus sofreu por eles (...) CORDEIRO, J., Antologia Litúrgica, p. 152; Irineu de Lião refletiu neste aspecto: “E porque somos seus membros e nos alimentamos das criaturas que nos proporciona fazendo nascer o sol e cair a chuva segundo a sua vontade, afirmou que aquele cálice, fruto da criação, é o seu Sangue que fortalece o nosso sangue, e confirmou que aquele pão, fruto também da criação, é o seu Corpo que fortalece nossos corpos. CORDEIRO, J., Antologia Litúrgica, p. 189; Gregório assevera: “Nós acreditamos que o

para manter o cristão enxertado em Cristo. Na comunhão está contido todo o bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa. E, por meio da eucaristia o crente é chamado a viver em plenitude o mistério pascal de Cristo. É por Cristo-sacramento que se tende a Cristo. A união com Cristo é inaugurada no batismo, mas cresce, desenvolve-se e consolida-se na assídua participação na eucaristia.²²⁸ Por isso, a liturgia retomou a afirmação que a água e o sangue brotados do lado aberto de Cristo constituíram a Igreja: a água como sacramento de regeneração e o sangue como sacramento de nutrição.

A. Beckhäuser, ao comentar *Sacrosanctum Concilium*, ressalta o papel da Igreja na vida do povo de Deus: “a Igreja tem, pois, a grande missão de anunciar a salvação realizada pelo mistério pascal e de levar todos a beberem dessa divina fonte de salvação, seja pela ação da caridade, seja pela memória celebrativa ritual da obra de salvação”.²²⁹ Jesus Cristo ressuscitado e glorificado, mediante seu Espírito, transformou a Igreja no sacramento universal da salvação. A ação salvífica de Cristo continua a agir na Igreja por intermédio do mesmo Espírito. No contexto de Pentecostes, como manifestação inicial, a missão essencial e universal da Igreja continua sempre chamamento missionário diante das realidades apresentadas pelo mundo. Por isso, é necessário retomar sempre às fontes de renovação eclesial: a palavra de Deus e a celebração litúrgica, eixos de sustentação dessa atividade missionária.

A liturgia através dos ritos, palavras, na unidade e multiplicidade das formas, é especial epifania da Igreja e expressão de seu mistério de comunhão e salvação. É na celebração litúrgica que a Igreja se mostra clara e eficazmente, como proclama a *Lumen Gentium*, “(...) sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.²³⁰ A *Gaudium et spes* complementa a função da liturgia como capaz “de revelar e de ao mesmo tempo realizar o mistério do amor de Deus para com o homem”.²³¹ Nos documentos citados, *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, privilegia-se o caráter de mistério da Igreja, objeto de fé, mas

pão santificado pelo Verbo de Deus é transformado no Corpo do verbo de Deus, e acreditamos também que o mesmo sucede agora conosco: ao recebermos em nós o Corpo do verbo, somos transformados instantaneamente no mesmo Corpo pelo Verbo, como disse o próprio Verbo: Isto é meu Corpo”. CORDEIRO, J., *Antologia Litúrgica*, p. 591.

²²⁸ SC 6.

²²⁹ BECKHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium* Texto e comentário, p. 22.

²³⁰ LG 1.

²³¹ GS 45.

aponta para uma visão missionária, ecumênica e histórica. Ambos complementam o conceito de *communio*, comunhão com Deus, da qual se participa por meio da palavra, dos sacramentos e do testemunho.

3.4

O Mistério Pascal como fundamento da Liturgia

Ao contemplar a teologia bíblica, patrística e litúrgica para fazer afirmações sobre a natureza da liturgia, o Concílio sanciona, com a autoridade do Magistério da Igreja, a retomada de conceitos e dimensões elementares à teologia promovida pelo movimento litúrgico que o antecedeu. Sendo assim, a partir do momento que o Concílio Vaticano II começa a tratar da revelação como história da salvação a “*Sacrosanctum Concilium* legitima de forma adequada a existência e o papel da liturgia como momento de síntese, e, simultaneamente como realização suprema da história da salvação”.²³²

Destaca-se que no plano da espiritualidade litúrgica a obra de L. Beauduin deu frutos teológicos na expressão: a liturgia é o culto da Igreja e a realização do mistério de Jesus Cristo. A renovação litúrgica de Beauduin tem como elemento de destaque a eclesiologia predominando na liturgia. Ele ensina que Deus concebeu um desígnio de salvação para o homem, e em sua infinita providência quis constituir a sua Igreja na pessoa de Cristo. A liturgia é a oração da Igreja que nasce do Espírito que a inspira, anima e infunde nela o elemento divino, Jesus Cristo. É o Espírito Santo que permite viver na experiência da Igreja a missão de Cristo.

Um longo e instável processo de amadurecimento da afirmação de momento síntese e realização suprema, foi percorrido a partir de L. Beauduin, mas foi com O. Casel que essa perspectiva litúrgica ganhou destaque inclusive nas reuniões que antecederam o Vaticano II. O núcleo do pensamento caseliano é o papel central da liturgia da Igreja como celebração sintética de toda história da salvação. O plano histórico *ab eterno* de Deus, realizado na Antiga e Nova Aliança, é reatualizado “sacramentalmente” nas ações litúrgicas até que o seu desígnio seja cumprido definitivamente na parusia. O. Casel restabelece dessa forma o binômio *mysterium-sacramentum* como a dimensão de ação ritual centralizada na “*anámnesis*”.²³³ Uma

²³² PISTOIA, A., “História da salvação”, p. 555.

²³³ Tal é, com efeito, o poder da anamnese mítica: ato de reminiscência, arranca o passado “do que é realidade passada”, em que uma simples recordação o deixa apodrecer e ela o “torna presente”

reatualização, reapresentação no tempo da ação salvífica originária realizada em Cristo. Este mistério permite que todos os homens, de qualquer tempo, participem da ação salvadora de Deus, com vistas ao futuro escatológico.²³⁴

A liturgia é um conjunto de ritos, sinais, símbolos, fórmulas, cantos e silêncio que conduzem os participantes a penetrarem no mistério celebrado. O homem tem necessidade de palavras e gestos para exprimir os próprios sentimentos e pelos símbolos tornar sensível a graça invisível. Para M. Augé, o rito é “uma ação simbólica complexa constituída por gestos e palavras “com uma estrutura pré-formada e institucionalizada, de caráter tradicional”.²³⁵ O símbolo em si não é plenamente símbolo é necessária tornar-se ação simbólica, por isso, liturgia é acima de tudo ação vista de dentro para fora: do conteúdo para a forma.

Os documentos *Mediator Dei* e *Sacrosanctum Concilium* nas afirmações sobre a natureza da liturgia, propõem a vida litúrgica como a continuação na terra da presença e da obra redentora do Verbo encarnado que uniu os homens a Deus e Deus como mediador e pontífice da Nova Aliança.²³⁶ Para S. Marsili, o Concílio Vaticano II “(...) ao sublinhar estas três fases sucessivas da ação redentora de Cristo especificando com o genitivo ‘da paixão, da ressurreição e da ascensão’ dá a estes momentos da obra de Cristo o denominador comum de mistério pascal’²³⁷. O mistério pascal da paixão, da ressurreição e da ascensão de Jesus Cristo é marco da história da salvação, assim como fundamento da liturgia no Concílio Vaticano II. Por isso, S. Marsili assegura que a liturgia é a realização do mistério pascal.²³⁸

O Concílio Vaticano II coloca o mistério pascal como fundamento e chave interpretativa da liturgia.²³⁹ A finalidade do mistério pascal é que todos os fiéis sejam salvos e deem testemunho desta salvação. A economia da salvação tornou-se liturgia. J. Corbon assegura que há uma forte relação entre o coração de Deus e do homem que pulsam como o coração da história, de onde brota a fonte central da

para fazer dele uma gênese viva do hoje e do futuro; nela, o grupo recebe o seu passado como presente – no duplo sentido do termo –, como “dom da graça”. Nitidamente, o rito cristão tem como seu mito fundador, em sentido estrito, a morte-ressurreição de Jesus Cristo. No entanto, isso acontece com a característica de não considerar a imersão no “*illo tempore*” como mito de eterno retorno, mas de encará-lo com a consciência de liberdade pessoal que confessa a realidade em uma história contínua e não cíclica”. MAGGIANI, S., “Ritos”, p. 1025.

²³⁴ CASEL, O., O mistério no culto cristão, p. 249-251.

²³⁵ AUGÉ, M., Espiritualidade Litúrgica, p. 61.

²³⁶ MD 19; SC 7.

²³⁷ MARSILI, S., A liturgia: momento histórico da salvação, 117.

²³⁸ MARSILI, S., A liturgia: momento histórico da salvação, p. 116-122.

²³⁹ SC 2,5,6,61,104; CD 15; OT 8; GS 14,22. AUGÉ M., Espiritualidade litúrgica p. 43.

liturgia, o mistério pascal. O mistério pascal é um evento, isto é, a atuação de Deus na realidade histórica para que com sua morte e ressurreição superar a morte de todos os homens. S. Marsili elenca em sua obra os componentes essenciais e presentes no mistério pascal, segundo O. Casel: 1) a existência de um evento primordial de salvação; 2) este evento se tornou presente num rito; 3) o homem de todos os tempos, através do rito, realiza a sua e universal história da salvação.²⁴⁰

A liturgia é história da salvação em ato porque o evento da morte e ressurreição não passa.²⁴¹ Na humanidade do Cristo ressuscitado, que venceu a morte, a liturgia permanece sempre atual e atualizadora do mistério pascal. A obra de redenção realizada em Cristo trouxe a condição perene de salvação e da perfeição do culto que permanece presente na Igreja e nos fiéis.

A *Sacrosanctum Concilium*, segundo S. Marsili, ao evidenciar a paixão-ressurreição-ascensão de Cristo em chave pascal, não se detém a ressaltar-lhe unicamente a natureza de evento, que realiza o simbolismo profético da Páscoa antiga, “(...) mas, a vê logo na posição de rito pascal”.²⁴² O elemento essencial neste ponto, é o binômio mistério-sacramento centrado na ação *anamnética* que torna possível uma participação real e substancial dos homens de todos os tempos. São os sinais rituais que tornam presentes, à distância de tempo e lugar, a realidade do fato pascal da redenção cumprida em Cristo.

Pelo rito, o homem fica capacitado a superar as experiências efêmeras e se insere na história como pessoa humana. Deus se revela na história, faz dela uma história de salvação, e a *anamnese* reapresenta o mistério pascal tornando-o presente para a santificação do homem e a glorificação de Deus a qualquer tempo. A liturgia possui a capacidade de ritmar a existência do cristão segundo os diversos eventos da história da salvação, inserindo sempre a presença de Cristo na temporalidade humana e o homem na eternidade do *Pneuma*.²⁴³ Esta articulação entre a páscoa de Cristo, o mistério da Igreja e o mistério do culto se dá no mistério pascal.²⁴⁴

²⁴⁰ MARSILI, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p. 94.

²⁴¹ CORBON, J., Liturgia de fonte, p. 39-41.

²⁴² SC 5; MARSILI, S., A liturgia: momento histórico da salvação, p. 121.

²⁴³ TRIACCA. A. M., Bíblia e Liturgia, p. 144-147.

²⁴⁴ SC 5.

J. López Martín afirma que: “só é liturgia aquilo que a Igreja reconhece como seu, nos atos do culto celebrados na Igreja”.²⁴⁵ A liturgia como culto da Igreja dá a dimensão pública e eclesial em oposição a individual e privada. A celebração do culto é ação de uma assembleia reunida, obra da Igreja que divide em partes cultuais a misteriosa presença do acontecimento salvífico redentor da humanidade. A Igreja se expressa numa variedade de ritos e fórmulas que manifestam e realizam aquilo que se celebra. Portanto, a celebração litúrgica é o lugar no qual a Igreja intercede e media a salvação cumprindo a missão que lhe foi confiada pelo Senhor antes de sua partida (Mt 28,18-20).

Liturgia é uma palavra grega e designa originariamente a prestação do povo de Deus ao serviço divino no culto público.²⁴⁶ A liturgia do Antigo Testamento é modelo para o serviço da Nova Aliança. O sacrifício de Cristo, a Nova Aliança, é a autêntica e plena realidade litúrgica que cumpre em si a sombra da Antiga Aliança. É o próprio Senhor que realiza este mistério, mas não o faz sozinho associa a si a Igreja, sua Esposa. Foi Cristo que instituiu o conteúdo e a forma dos seus mistérios e confiou à Igreja a sua celebração. Para a unidade e continuidade da Igreja, confiou à ela o seu *Pneuma* que dinamiza, atualiza a riqueza dos mistérios celebrados para a salvação dos homens e louvor a Deus.²⁴⁷ A liturgia continua em termos simbólico-rituais e cultuais a economia divina no tempo hodierno.

A liturgia é um conjunto de ritos, sinais, símbolos, fórmulas, cantos e silêncio que conduzem os participantes a penetrar no mistério celebrado, mas que em nada diferem das fórmulas cultuais não cristãs. O homem tem necessidade de palavras e gestos para exprimir os próprios sentimentos e pelos símbolos tornar sensível a graça invisível. Para M. Augé, o rito é “uma ação simbólica complexa constituída

²⁴⁵ MARTÍN, J. L., No Espírito e na verdade, p. 319.

²⁴⁶ O termo liturgia procede do grego clássico, *leitourgía*, que indica origem ou destino popular de uma ação ou de uma iniciativa. Com o tempo, Liturgia passou a significar um serviço público, quando esse serviço se referia ao âmbito religioso, indicava o culto oficial dos deuses. O conceito de liturgia formulada no plano exterior dos ritos e das rubricas que se apresentavam apenas como a parte externa e sensível do culto cristão. Os dois principais pensadores do movimento litúrgico apresentaram suas definições em consonância com a sua visão teológica e litúrgica. L. Beauduin definiu de forma curta e completa: “A liturgia é o culto da igreja”. Resumindo a definição de O. Casel temos: “A liturgia é a ação ritual da obra salvífica de Cristo, ou seja, a presença, sob o véu dos sinais, da obra divina da redenção”; é o “(...) mistério de Cristo na Igreja em sua expressão cultual. A MD define liturgia como “A Sagrada Liturgia é, por isso, o culto público que nosso Redentor presta ao Pai como cabeça da Igreja e é o culto que a sociedade dos fiéis presta à sua cabeça, e por meio dela, ao Pai eterno; é para dizer em poucas palavras, o culto integral do corpo místico de Jesus Cristo, isto é, da cabeça e de seus membros”. MARSILI, S., Liturgia, p. 638-651.

²⁴⁷ CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 114-119.

por gestos e palavras “com uma estrutura pré-formada e institucionalizada, de caráter tradicional”.²⁴⁸ O símbolo em si não é plenamente símbolo é necessário tornar-se ação simbólica, por isso, liturgia é acima de tudo ação vista de dentro para fora: do conteúdo para a forma.

Pelo rito, o homem fica capacitado a superar as experiências efêmeras e se insere na história como pessoa humana. Deus se revela na história, faz dela uma história de salvação, e a *anamnese* reapresenta o mistério pascal tornando-o presente para a santificação do homem e a glorificação de Deus a qualquer tempo. A liturgia possui a capacidade de ritmar a existência do cristão segundo os diversos eventos da história da salvação, inserindo sempre a presença de Cristo na temporalidade humana e o homem na eternidade do pneuma.²⁴⁹ Esta articulação entre a páscoa de Cristo, o mistério da Igreja e o mistério do culto se dá no mistério pascal.²⁵⁰

Nesse sentido J. L. Martín assevera “(...) o momento ritual da Páscoa não perderá a sua importância, mas ampliá-la-á de maneira ilimitada, precisamente, porque também o “momento ritual” se situa agora naquele nível de “realidade”, que é próprio do momento histórico da Páscoa de Cristo”.²⁵¹ Por isso, o mistério pascal, evento histórico, é elevado a rito pascal. A palavra e o rito tornam presente a ação salvífica de Deus. Deus pela ação do Espírito Santo é presença, é o presente, o hoje divino, aquele que perdura para sempre. Dele tudo emana e a ele tudo regressa. É o mistério do culto que permite ao homem sentir a presença do que já passou, como a morte do senhor e, conseqüentemente, o que ainda está por vir como a parusia torna-se presença e atualidade do mistério. O mistério deve levar-nos à ação da vida eterna, à liturgia da vida celeste. No mistério, colaboramos na ação celeste, somos nela inseridos e o agir humano torna-se divino.

Na liturgia cristã sobressai, no plano religioso, a união do gesto unido à palavra.²⁵² Esta união de gesto e palavra leva a descobrir o rito como sinal daquela

²⁴⁸ AUGÉ, M., *Espiritualidade Litúrgica*, p. 61.

²⁴⁹ TRIACCA, A. M., *Bíblia e Liturgia*, p. 144-147.

²⁵⁰ SC 5.

²⁵¹ MARTÍN, J. L., *No Espírito e na verdade*, p. 120.

²⁵² Ambrósio de Milão nos auxilia a entender a força da palavra no culto cristão: “Considera como é antigo este mistério, prefigurado na própria origem do mundo. Já no princípio, quando Deus fez o céu e a terra, o Espírito – diz a Escritura – pairava sobre as águas. Porventura, Aquele que pairava sobre as águas não atuava quando diz: A palavra do Senhor criou os céus, e o sopro da sua boca os adornou. O testemunho profético confirma uma e outra coisa: que pairava e atuava. Que Ele pairava, di-lo Moisés, que atuava, testemunha Davi.”. AMBRÓSIO DE MILÃO, *Sobre os Mistérios*, 1,9, p. 83.

realidade divina especial que é Cristo, no seu mistério.²⁵³ O. Casel assevera que “ (...) à ação cultural junta-se a palavra. Ambas, a palavra e a ação, fazem parte da comemoração cultural”.²⁵⁴ Segundo S. Marsili, este mistério cristológico “(...) indica uma presença divina de salvação que se realizou para o homem, em Cristo, ou seja, é presença de Deus em Cristo e por Cristo, é referida como realidade no homem”.²⁵⁵ Este sólido fundamento cristológico do rito faz com que este não fique aprisionado em si mesmo, ao contrário, lança o homem para a ação memorial e eficaz do evento salvífico do qual é mediador e vida em abundância. O mistério do culto torna presente no meio de nós, com a palavra e o rito, a ação salvífica do Senhor.

A *Sacrosanctum Concilium* afirma que a silenciosa morte de Cristo “conclui a obra de redenção humana e da perfeita glorificação de Deus”.²⁵⁶ Para J. Ratzinger a páscoa significa “inseparavelmente, a cruz e a ressurreição. (...) a cruz está no centro da liturgia cristã para nossa redenção Deus pagou o preço do sofrimento de seu Filho (...)”.²⁵⁷ É na perspectiva pascal que se conclui a unidade da cruz e ressurreição do Filho. Uma obra de redenção iniciada na encarnação, instrumento de nossa salvação, consumada no mistério pascal de sua paixão, sua ressurreição e sua gloriosa ascensão. O documento conciliar aponta à dupla dimensão: cristológica e soteriológica. Portanto, o centro da liturgia está “em Cristo e para nossa salvação”.

A dimensão cristológica do mistério pascal, apontada na *Sacrosanctum Concilium*, indica e celebra a obediência do Filho à vontade salvífica do Pai. Com sua silenciosa morte na cruz Cristo conclui “a obra de redenção humana e da perfeita glorificação de Deus”.²⁵⁸ O aniquilamento de Cristo e a glorificação do servo e cordeiro de Deus, constituem o cume de toda a sua existência terrena e da história de amor de Deus pelo homem. Cristo é a Páscoa perfeita e total no que se refere à redenção-libertação e plena enquanto forma do culto. Para S. Marsili o culto cristão, realizando-se no plano e na forma cultural do mistério, “(...) não é tanto uma ação do homem que busca um contato com Deus (conceito natural de religião), quanto um momento da ação salvífica de Deus sobre o homem (conceito revelado de religião)”.²⁵⁹ A liturgia realiza o mistério cultural de Cristo na Igreja.

²⁵³ MARSILI, S., A liturgia: momento histórico da salvação, p. 125-126.

²⁵⁴ CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 252.

²⁵⁵ MARSILI, S., A liturgia: momento histórico da salvação, p. 126.

²⁵⁶ SC 5.

²⁵⁷ RATZINGER, J., Teologia da Liturgia O fundamento sacramental da existência cristã, p. 642.

²⁵⁸ SC 5.

²⁵⁹ MARSILI, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p. 94.

A acepção soteriológica do documento conciliar é o ápice da reconciliação: “(...) por este mistério, morrendo, destruiu a nossa morte e ressurgindo deu-nos a vida. Pois do lado de Cristo agonizante sobre a cruz jorrou “(...) o admirável sacramento de toda a Igreja”.²⁶⁰ A Igreja nascida do lado dormido de Cristo realiza a obra da salvação através do anúncio e dos sacramentos. Conclui-se que o mistério pascal é também nossa páscoa mediante os sacramentos que operam em nós a passagem da morte para a vida, da escravidão para a liberdade.

Ao entrar na dinâmica pascal de “passar além”, de passagem desta vida para a vida futura a liturgia é escatológica. Porque, segundo J. Ratzinger a liturgia “nos arranca daquilo que é visível, presente, cômodo. Nos orienta rumo à cidade futura”.²⁶¹ Nesse sentido escatológico é correto que a liturgia é cumprimento do mistério conjugal entre Cristo e a Igreja, chegada do esposo e caminho rumo à eternidade. A liturgia tem dimensão histórico-salvífica, colocando-se no terceiro momento da história sagrada, tempo da Igreja, que precede à definitivamente escatológica. Seu objeto é a obra da salvação de todos os homens através da presença sacramental de Cristo. Por ser salvação para todos os homens a liturgia será sempre a etapa última da história da salvação.

O rito litúrgico como ação memorial do evento salvífico, anuncia e celebra o mistério pascal, por meio do qual Cristo cumpriu a obra da salvação para que todos os fiéis sejam salvos e deem seu testemunho acerca dessa experiência. Para J. L. Martín o mistério pascal “é o centro da liturgia porque ela consiste na atualização sacramental da salvação efetuada por Cristo nesse mistério. O rito batismal e eucarístico significam e contêm a salvação realizada pela páscoa”.²⁶² Por isso, a “liturgia é o meio eficaz de incorporação dos homens ao mistério pascal de Cristo”, conclui o autor à mesma página da obra citada.

Para O. Casel “(...) celebramos como Corpo de Cristo os mistérios; fazemos, como corpo, tudo o que a cabeça faz. Isto se torna possível por meio do rito. No rito temos uma reprodução em que está contida a própria ação de Cristo, em cuja efetivação histórica não cooperamos”.²⁶³ O mistério de Cristo exige e reclama o mistério do culto, pois só assim chegamos à realidade daquele que é o evento

²⁶⁰ SC 5.

²⁶¹ RATZINGER, J., Teologia da Liturgia O fundamento sacramental da existência cristã, p. 640.

²⁶² MARTÍN, J. L., No Espírito e na verdade, p. 162.

²⁶³ CASEL, O., O mistério do culto cristão, p. 237

salvífico. A liturgia plasmada ao mistério de Cristo, dá a este a dimensão realidade. Os sinais litúrgicos de que é constituída não só significam, mas contêm realmente o evento da salvação de maneira plena, total e completa, porque assim é a realidade salvífica de Cristo.²⁶⁴

O culto cristão aponta o fundamento básico da teologia cristã: um princípio misterioso e espiritual que dá valor existencial e perene à liturgia. Esta, por sua vez, é a mediação sacramental entre Cristo e os cristãos, além de ritmar a existência do cristão, segundo os diversos eventos de salvação, inserindo sempre a presença de Cristo na temporalidade humana.²⁶⁵ Este princípio, no mistério e no espírito de Deus, tem seu lugar natural nos momentos litúrgicos em que “se dá execução à obra da nossa redenção” e se manifesta “o mistério de Cristo e a autêntica natureza da Igreja”.²⁶⁶

O culto é trinitário e filial, é também a atualização permanente da consagração de Cristo ao Pai no Espírito Santo. Da mesma forma que o culto é cristológico e verdadeiro, testemunhado pelo Espírito como lugar de encontro definitivo de Deus com o homem. Por ser lugar de encontro o culto é eclesial, lugar onde os cristãos se reúnem para orar e atualizar sua oferta sacerdotal para salvação de todos os homens. Pelo batismo, os fiéis são inseridos na comunidade capaz de dar a Deus o culto devido e de apresentar-se no meio do mundo como sinal da união com o Pai e da unidade entre os irmãos. O culto é interior e exterior, no íntimo da alma e, ao mesmo tempo, visível na conduta e maneira de ser cristão, na frequência à Igreja e assistência aos necessitados.

O culto cristão é essencialmente espiritual. M. Augé explica a razão de ser espiritual “(...) pelo fato de que procede do dom próprio dos tempos messiânicos, últimos tempos depois dos quais não se terá nada de substancialmente novo e de melhor: o dom do Espírito Santo”.²⁶⁷ Sendo assim, o culto não está ligado geograficamente a uma realidade sagrada, mas sob a ação do Espírito Santo, adora-se o Pai naquela verdade que é o próprio Cristo. A ação do Espírito Santo se situa

²⁶⁴ PISTOIA, A., História da salvação, p.549-551.

²⁶⁵ TRIACCA, A. M., Bíblia e liturgia, p. 144-147.

²⁶⁶ O Concílio Vaticano II retornou às fontes também com relação ao tema do “mistério”, como esta citação da SC 2. Além da *Sacrosanctum Concilium* está presente na *Dei Verbum* e na *Lumen Gentium*. Na *Dei Verbum*, o mistério relaciona as intervenções divinas com a história da salvação. Já na *Lumen Gentium* ele versa sobre a relação entre mistério e Igreja. E na dinâmica mistério, a liturgia é desenvolvida amplamente na *Sacrosanctum Concilium*, voltada para a reflexão paulina e patrística do séc. IV-V.

²⁶⁷ AUGÉ, M., Espiritualidade Litúrgica, p. 32.

na interiorização humana, na assimilação e apropriação subjetiva da salvação no tempo da Igreja.²⁶⁸ Portanto, o culto é a ritualização do mistério pascal de Cristo para que os homens participem desse mistério. Na celebração litúrgica da Igreja os fiéis tornam-se contemporâneos do evento da páscoa e dele retiram forças para o tempo presente.

Além do mais o culto cristão é universal, é o culto a céu aberto. Portanto, não é evento de uma comunidade que se encontra em um determinado lugar. Segundo J. Ratzinger: “A liturgia cristã não é, jamais, o evento de um determinado grupo, de um determinado círculo de pessoas, ou, também, de uma determinada Igreja local”.²⁶⁹ O ir ao alcance de Cristo implica no ir ao encontro da humanidade. É a dimensão horizontal e vertical tão bem representada na cruz de Cristo, a unicidade de Deus e a unidade da humanidade, a comunhão dos que adoram em espírito e verdade, andam juntas.

Importante também é a dimensão escatológica do culto cristão. Isto porque o culto cristão leva à perfeita realização o culto da Antiga Aliança, porque na oferta de Cristo na cruz está a oferenda de si mesmo, superior qualitativamente a qualquer outra oferta. Cristo por fidelidade e amor, obediente ao Pai e aos homens salva a humanidade. A fidelidade e amor, fruto da ação do Espírito Santo, tornam agradável o culto dos filhos a Deus. A liturgia da Igreja como memorial da obra de salvação termina na consumação dos tempos. Segundo A. Beckhäuser, “Ela (a Igreja) é, porém, antegozo da liturgia celeste, que se realiza eternamente. Será eternamente participação no sacerdócio de Cristo, que está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro”.²⁷⁰

A presença do Espírito, pós pentecostes, sobre todos os homens é o sinal de que chegaram os últimos tempos, o tempo da Aliança inscrita no coração dos homens. A morte de Jesus foi o princípio da efusão escatológica do Espírito. Por isso, o culto é perfeito e definitivo pela presença do Espírito Santo, na reunião dos fiéis, que transformam suas vidas em oferenda espiritual.²⁷¹ Segundo O. Casel “(...) por seu pneuma, pleno, animado e amadurecido pelo pneuma de Deus, a *Ecclesia*

²⁶⁸ MARTÍN, J. L., No Espírito e na verdade, p. 46.

²⁶⁹ RATZINGER, J., Teologia da Liturgia O fundamento sacramental da existência cristã, p. 57.

²⁷⁰ BACKHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium* Texto e comentário, p. 26.

²⁷¹ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p. 46-48.

se une ao sacrifício de Cristo. Ela oferece com ele o sacrifício total e espiritual de si mesma a Deus”.²⁷²

Pela liturgia celebrada na Igreja, o homem é introduzido no tempo sagrado, ou seja, na ação santificadora de Cristo. A liturgia é a ação pela qual Deus no Cristo entra em contato com os homens para emanar o seu amor e pode ser praticada realmente só por quem for movido pelo amor para com Deus. Afirmamos que a liturgia cristã não é um complexo de ritos que expressam a adoração do homem a Deus. É, pois um complexo de sinais que, inserindo-se em todos os seres humanos mediante o mistério de Cristo. Nesse sentido, através da liturgia, os homens são inseridos no tempo e na ação santificadora do tempo. Segundo S. Marsili, pela liturgia celebrada na Igreja, o homem é introduzido no tempo sagrado, ou seja, na ação santificadora de Cristo.²⁷³

No capítulo anterior, ao falarmos sobre a terceira etapa da história da salvação, tratamos do *ephápax* de nossa salvação em Cristo para apreciar até que ponto estamos vinculados aos sucessivos *kairós*, momentos de graça e de salvação da história pessoal do homem como pessoa e como povo de Deus. Há uma outra categoria temporal que surge neste ponto da pesquisa e precisa ser abordada para total compreensão do mistério pascal como fundamento da Igreja. É o *hosákis* uma categoria temporal, que segundo J. L. Martín “ (...) é o núcleo germinal de tudo o que liga o homem à salvação, ou seja, da evangelização e da liturgia. *Hosákis* não é na realidade, um conceito, mas uma partícula circunstancial como *ephápax*, que significa cada vez que”, “todas as vezes”.²⁷⁴ *Ephapáx* é evento que não se repete e por obra do Espírito Santo “cada vez, todas as vezes” que é celebrado o mistério pascal este é contactado por aquele sacramento que realiza a nossa salvação.

A explicação paulina para a continuidade da oferta da pessoa de Jesus e sua vida realizada uma vez por todas é anunciada na ação eucarística do partir o pão e beber o cálice do seu sangue tantas vezes quantas se fizer esse gesto em sua memória.²⁷⁵ Cada vez e todas as vezes, que celebramos o memorial do sacrifício de Jesus, realiza-se a obra de nossa salvação. Por isso, a celebração eucarística é o momento e o meio através do qual se produz um novo progresso da salvação. A

²⁷² CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 96.

²⁷³ MARSILI, S., A liturgia momento histórico da salvação, p. 128.

²⁷⁴ MARTÍN, J. L., No Espírito e na verdade, p. 169.

²⁷⁵ 1Cor 11,26.

liturgia se torna o momento no qual se realiza a nossa salvação enquanto peregrinos nesta terra aguardando a parusia. Em outras palavras, a liturgia retoma o lugar da “tradição”: a transmissão do mistério de Cristo através de um rito, que manifesta e realiza a salvação. Sobre o mistério de Cristo assim se expressa, a *Sacrosanctum Concilium*: “(...) se realiza a obra de nossa redenção, de maneira tal que por ela o mistério de Cristo e a mesma autêntica natureza da Igreja se exprimem na vida e se manifestam aos outros”.²⁷⁶

O aspecto atualizador da liturgia é enfatizado na *Sacrosanctum Concilium*: “(...) anunciamos o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, mas também para que realizassem a obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica”.²⁷⁷ Liturgia é a continuação da história da salvação narrada pelos hagiógrafos da Sagrada Escritura. Nela, misteriosamente a Palavra da Salvação extrapola seu tempo e se projeta na vida de quem a celebra em assembleia. Segundo S. Marsili, trata-se de um tempo da comunidade eclesial-cultural, por tornar possível o “hoje” perene da salvação no tempo e na vida da Igreja.²⁷⁸ A história da salvação se cumpre na páscoa, por isso, a páscoa de Cristo é o centro do rito litúrgico e rege todo o ciclo do ano litúrgico.

O rito litúrgico, segundo G. Boselli, se não é constantemente mantido unido ao evento histórico do qual nasceu e do qual é memorial, torna-se “mudo” e “inexpressivo”. Se assim for o rito litúrgico se torna uma imagem que não coloca mais em contato com o Senhor que salva na história, com o Senhor vivente”.²⁷⁹ Em todas as ações litúrgicas estão presentes os eventos de salvação narrados tanto pelo Antigo quanto pelo Novo Testamento. Nos ritos estão todos os eventos históricos e misteriosos da existência terrena de uma pessoa, Jesus Cristo. A liturgia celebra a salvação realizada por Jesus dentro do tempo histórico nas mesmas condições em que foram realizadas na irrepetível morte de cruz e ressurreição. Sem este ato real e concreto no aqui e agora da história dos homens toda o desígnio de salvação de Deus para os homens seria irreal ou mera ideia. Para essa recordação sagrada, ou memorial acontecer no tempo atual existem a liturgia e a Igreja.²⁸⁰ E a tradição patrística, que pelas catequeses mistagógicas introduziam os neófitos ao mistério, é

²⁷⁶ SC 2.

²⁷⁷ SC 6.

²⁷⁸ MARSILI, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p. 110-112.

²⁷⁹ BOSSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p. 29.

²⁸⁰ SC 102.

o modelo de reiteração mistagógica que pedagogicamente se mostrou eficiente. Sendo assim, a determinação dos dias e dos tempos litúrgicos é fruto da Tradição eclesial.

No mistério da liturgia o evento pascal de Cristo, cume e centro da realização do desígnio salvífico de Deus, se faz presente no tempo não segundo a dimensão histórica do acontecimento passado, mas na dimensão do mistério pelo qual se reapresenta e se atualiza a salvação. Não é nem passado nem futuro, mas é o nosso presente que está sempre conosco. O tempo sagrado aparece como o tempo que “retorna” ao centro a cada ano. É circular, assim, ao longo dos anos, continuam os momentos de manifestação e constituem um contínuo retorno. Para cumprir a forma circular os tempos litúrgicos são organizados para distribuir mistagologicamente os diversos aspectos do mistério de Cristo ao longo de um ano.

Para mantermos vivo este memorial salvífico da páscoa do Senhor, o tempo litúrgico se estrutura na liturgia de forma a levar a vivência do mistério pascal na experiência anual do tempo. O ano litúrgico é sinal de salvação e um modo de presença de Cristo no tempo dos homens. Ao celebrarmos o tempo litúrgico a Igreja faz memória dos mistérios da redenção, apresenta aos fiéis a riqueza das ações salvíficas de Cristo, torna-as presentes a todos os tempos, a fim de que os fiéis entrem em contato com elas e fiquem repletos da graça da salvação.²⁸¹ Ao celebrarmos a liturgia diárias nas celebrações eucarísticas somos enraizados em Cristo, e por isso, este louvor é por excelência a oração do seu corpo, da sua esposa e do seu povo que louva o Pai no Filho pela força do Espírito Santo.²⁸²

Da natureza da Igreja brotam as características da liturgia cristã a ação comunitária, a universalidade, a hierarquia continuadora da missão de Cristo, santificadora dos homens. Cristo glorioso é quem realiza o culto como mediador e pontífice da Nova Aliança. Por isso, a liturgia é sobrenatural, viva e dinâmica. A liturgia é algo de concreto diante do homem, algo que se mostra, se revela para indicar o caminho da existência humana.

4. O mistério pascal é a vocação cristã

4.1

A liturgia como celebração do mistério pascal

²⁸¹ SC 102.

²⁸² SC 83.

Na liturgia do Verbo encarnado que por obediência ao Pai ofereceu a sua vida em oblação, se cumpriu em definitivo os sacrifícios e ritos do Antigo Testamento.²⁸³ A relação com Deus expressada e vivenciada em Israel tem na encarnação do Verbo o ponto de chegada na continuidade, mas representa uma ruptura com as instituições caducas. A novidade pessoal é manifestada na pessoa de Jesus Cristo. J. Ratzinger explica esta continuidade:

Em conformidade com a leitura teológica do culto, o Novo Testamento é relacionado numa profunda consequência, com a Antiga Aliança. O Novo Testamento é a transmissão substancial, correspondente ao drama interior do Antigo Testamento, dos elementos inicialmente opostos, unidos na figura de Jesus Cristo, na sua cruz e ressurreição. Exatamente aquilo que, à primeira vista, parece ser uma fratura, revela-se como verdadeiro “cumprimento”, para o qual desembocam todos os caminhos precedentes.²⁸⁴

O Concílio Vaticano II centraliza o mistério pascal na vida do cristão e coloca esta doutrina como chave interpretativa da liturgia. Esta, por sua vez, passa a ser ação memorial do evento salvífico em Cristo, uma experiência vital dele. A finalidade da *Sacrosanctum Concilium* não foi modificar ritos e textos litúrgicos, mas promover a ação pastoral e uma espiritualidade que tem, como ápice e fonte, a Sagrada Liturgia.²⁸⁵ A espiritualidade litúrgica avança com o movimento, iniciado por Pio X e L. Beauduin-Malines.²⁸⁶ Este movimento alcançou seu grau mais expressivo no ensinamento de O. Casel, expresso na *Sacrosanctum Concilium*.²⁸⁷

²⁸³ Nesse sentido da novidade de Jesus como consumação da liturgia cristã, M. Augé ensina: “Só Jesus levou a cumprimento as instituições proféticas, conduzindo uma existência de total obediência ao Pai ‘até a morte e morte de cruz’ (Fl 2,8), com esta oblação Cristo ‘tronou perfeitos para sempre aqueles que são santificados’ (Hb 10,14). Tal é a natureza do único sacrifício que ‘aboluiu o primeiro sacrifício para estabelecer um novo’ (Hb 10,9). A transformação interior, que os sacrifícios antigos não conseguiam realizar, é medida pelo sacrifício de Cristo oferecido ‘uma vez por todas’ (Hb 10,10). A asserção concernente à superação do culto antigo torna-se, neste ponto, explícita. A vida de Jesus torna-se o novo e único modelo cultural”. AUGÉ, M., *Espiritualidade Litúrgica*, p. 28.

²⁸⁴ RATZINGER, J., *Introdução ao espírito da liturgia*, p. 28.

²⁸⁵ SC 10.

²⁸⁶ M. Augé define espiritualidade cristã como “(...) um itinerário de vida no Espírito, itinerário caracterizado por certas modalidades, de modo que existem, conforme as várias modalidades, espiritualidades diferentes dentro da mesma espiritualidade cristã, é evidente que estas modalidades não podem contrariar a aceitação global da proposta divina, como ela se revela no plano salvífico de Deus, revelado e realizado em Cristo Jesus”. AUGÉ, M., *Liturgia – história, celebração, teologia e espiritualidade*, p. 342.

²⁸⁷ A realização do mistério de Cristo penetrou na consciência da teologia contemporânea através de Odo Casel como explica Neunheuser: “(...) o mérito de Casel não reside apenas no fato de haver ele fornecido novos pontos de vista e induzido a verificar o patrimônio teológico-especulativo anterior. A sua importância decisiva está principalmente no seguinte: Casel expôs com segurança toda a realidade de Cristo em uma única visão unitária, em um conceito que sublinha o essencial e abrange ao mesmo tempo todos os detalhes. Tal conceito central é o de ‘*mystrion-sacramentum*’ que significa: o mistério anterior ao tempo da eterna vontade salvífica de Deus, cumprido

Portanto, a partir do Vaticano II, a espiritualidade litúrgica é a realização do mistério de Cristo na Igreja e na vida do cristão.

O aspecto positivo do Concílio Vaticano II foi o aprofundamento dos seus temas essenciais, doutrinários e pastorais em conexão com dados bíblico-teológicos fundamentais do mistério de Cristo e da história da salvação.²⁸⁸ A virada antropológica do Concílio foi no sentido de integrar a experiência cristã do mundo à liturgia, possibilitou uma mistagogia da celebração com espiritualidade centrada no mistério celebrado.²⁸⁹ Chegamos à autêntica teologia da liturgia, que aparece como o momento da história da salvação em ato, realização do mistério de Cristo, objeto de toda a revelação agora celebrado.

O mistério pascal é o centro da liturgia que atualiza sacramentalmente a salvação operada por Cristo. Os sacramentos pascais tornam presente e atualizam o acontecimento da morte e ressurreição de Cristo, centro da história da salvação. O rito batismal e da eucaristia significam e contêm a salvação realizada na páscoa de Cristo. O homem é incorporado ao mistério pascal pelo rito celebrado, o qual atualiza, nestas celebrações, a morte e ressurreição de Cristo redentora de todos os homens.²⁹⁰ Por isso, a *Sacrosanctum Concilium* ratifica que liturgia “(...) é o ponto mais alto para o qual tende a ação da Igreja e ao mesmo tempo a fonte da qual procede toda a sua força”.²⁹¹

A liturgia é, portanto, para os homens e para a sua salvação. Sendo assim, a finalidade da liturgia é a santificação dos homens, porque é através da santidade da vida que se dá glória a Deus.²⁹² Sendo assim, Deus é reverenciado, tal como Cristo fez durante toda sua vida: no amor filial para com o Pai, na proclamação de suas obras, na realização de sua missão, no louvor e na ação de graça. Cristo deixou para a Igreja o sacramento desse verdadeiro e definitivo culto no ato culminante de sua oblação ao Pai, para indicar o compromisso de não torná-lo em exterioridade ritual.

provisoriamente no mistério da história salvífica de Israel, realizado verdadeiramente no mistério pascal de Jesus Cristo, agora reapresentado no mistério da Igreja e nos mistérios do seu culto, na esperança da sua plena realização escatológica: tal mistério na sua totalidade, é a norma objetiva da construção individual, inteiramente pessoal, da nossa vida espiritual, de modo tal que ‘*mysterium paschale vivendo exprimatur*’”. NEUNHEUSER, B., “Espiritualidade litúrgica”, p. 373.

²⁸⁸ SC 16.

²⁸⁹ Para M. Sodi a catequese é indispensável à celebração prévia “(...) concomitante ou mistagógica, a sua presença não pode faltar, pois a iniciação ao mundo e à linguagem do sinal e do símbolo – e mais ainda do mistério – nunca se esgota”. SODI, M., “Celebração”, p. 194.

²⁹⁰ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 254-256.

²⁹¹ SC 10.

²⁹² BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 10-12.

O verdadeiro culto não é só a aproximação humana do divino, mas também o deslocar-se do ritualismo para a prática na vida concreta.²⁹³

O movimento litúrgico possibilitou que a teologia litúrgica redescobrisse a estrutura trinitária da oração litúrgica. A liturgia tem seu centro gravitacional no mistério do Deus Uno-Trino, a essência da espiritualidade cristã. Com a liturgia celebra-se no tempo e no espaço a obra redentora, o plano salvífico realizado pelo Pai em Cristo, por obra do Espírito Santo para a redenção dos homens. Por isso, podemos afirmar que nenhuma liturgia é possível sem o Espírito Santo. É por obra do Espírito Santo que se concebe e compreende a finalidade da liturgia, santificação dos homens e o culto em verdade e espírito.²⁹⁴

A liturgia, estrutura-se num movimento anabático e catabático da Trindade. Da parte dos homens, de forma anabática, sobem louvor, adoração, súplicas ao Pai pelo Filho, no Espírito Santo. Bem como o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, vem aos homens em um movimento descendente ou catabático de eleição, graça e salvação. Esta estrutura trinitária ascendente-descendente se dá num movimento ininterrupto de constante *kenoses*. O Pai esvazia-se da sua divindade para gerar seu Filho, este, ao encarnar-se como homem, assume a condição de escravo faz-se humano.²⁹⁵ Este diálogo anabático-catabático entre Deus e seu Filho no Espírito e os homens é a base da espiritualidade litúrgica.²⁹⁶ O culto é a aproximação entre o homem e Deus.

A instrução Geral sobre a Liturgia das Horas ressalta o papel do Espírito Santo na oração, ao afirmar: “(...) não pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo, que unifica a Igreja inteira levando-a pelo Filho ao Pai”.²⁹⁷ Não só a oração,

²⁹³ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 254-256.

²⁹⁴ TRIACCA, A.M., “Espírito Santo”, p. 359-361.

²⁹⁵ Fl 2,6-11.

²⁹⁶ Em sua obra intitulada *Mysterium Paschale*, Hans Urs von Balthasar, busca uma imagem do Deus Uno-Trino através do conceito grego ‘kenoses’. Para o autor, a relação intratrinitária é por essência quenótica, visto que há um esvaziamento eterno na Trindade. Esta quenose trinitária, para von Balthasar, constitui a pessoa do Pai e, ao mesmo tempo, do Filho e a do Espírito Santo. A Encarnação de Cristo para Balthasar continua sendo o expoente deste esvaziamento trinitário, como assevera a teologia neotestamentária. No entanto, o autor transborda a tradicional teologia paulina da carta aos Filipenses (Fl 2,6-11) às demais Pessoas da Trindade. Na verdade, von Balthasar, mais do que aplicar à Trindade o conceito de “esvaziamento”, faz deste, a essência e o caminho teológico para adentrar no mistério da Trindade, contemplando o Mistério do Cristo. BALTHASAR, H. U. V., O mistério pascal, p. 354-380.

²⁹⁷ Segundo M. Auge, a Liturgia das Horas e o Lecionário são os principais livros de meditação e de oração propostos à comunidade dos fiéis, além de serem anúncios permanentes da salvação presente e atuante do mistério litúrgico. AUGÉ, M., Liturgia – história, celebração, teologia e espiritualidade, p. 347. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS., IGLH, 8.

mas a Palavra e os sacramentos estão envolvidos pela ação do Espírito Santo entre Cristo e a Igreja. A sua ação é de cooperação, sinergia com a Igreja e seus ministros. O homem colabora com esta ação com liberdade e docilidade à ação santificante do Espírito.²⁹⁸ O Catecismo da Igreja Católica assevera:

Na liturgia o Espírito Santo é o pedagogo da fé do povo de Deus, o artífice das “obras primas de Deus”, que são os sacramentos da Nova Aliança. O desejo e a obra do Espírito no coração da Igreja é que vivamos da vida de Cristo ressuscitado. Quando encontra em nós a resposta de fé que ele mesmo suscitou, então realiza-se uma verdadeira cooperação. Por meio dela a liturgia torna-se a obra comum do Espírito Santo e da Igreja.²⁹⁹

Importa destacar que o mistério cristão precede e contempla toda a liturgia da Igreja, por meio do Espírito Santo, o qual acompanha e atua no mistério da salvação. A liturgia da palavra quer seja proclamada quer seja ouvida, está penetrada por sua ação, uma vez que ele se faz presente nas assembleias, nos ministros e no povo. O culto cristão é suscitado por esse mesmo Espírito que o faz chegar ao Pai.

Ademais, o Espírito Santo coloca todos os fiéis e todas as diversidades de carismas em comunhão com o Senhor Jesus e juntos formam um corpo, que como membros, unem-se à cabeça, Jesus Cristo. Numa comunhão na semelhança a Jesus, vivem o sacerdócio e o culto espiritual na vida cotidiana, numa grande missão.³⁰⁰ A união cristã é em virtude de nossa comunhão à presença real do corpo sacramental do verdadeiro cordeiro. A Igreja é um corpo todo sacerdotal composto de batizados e confirmados, sendo a sua parte mais nobre a Cabeça, a causa da qualidade do corpo. Tudo que se passa na Igreja tem a mediação de Cristo e a recapitulação em Jesus Cristo. Ele é a origem de todo sacerdócio.³⁰¹

O Espírito Santo, memória viva da Igreja, realiza a *anamnese* do mistério de Cristo e atualiza-o como ensina o Catecismo: “(...) em cada celebração, em cada uma delas sobrevém a efusão do Espírito Santo que atualiza o único mistério”.³⁰² A memória de toda a vida de Cristo, mas especialmente seu mistério pascal, emerge toda vez que “parte o pão e bebe o cálice”, anunciando a morte do Senhor. Por isso, o mistério pascal é o centro da liturgia, a qual consiste na atualização sacramental da salvação efetuada por Cristo na sua morte redentora.

²⁹⁸ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 194-198.

²⁹⁹ CEC 1091.

³⁰⁰ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 198-199.

³⁰¹ TORREL, J-P., Um povo sacerdotal, p. 29-30.

³⁰² CEC 1099.1104.

Nas orações eucarísticas, uma invocação do Espírito Santo, ou seja, uma epíclese, precede a consagração do pão e do vinho, para que tudo se realize com a força da palavra de Cristo e a ação de seu Espírito, revelando o mistério Cristão. Para Martín J. L. a invocação epiclética é:

(...) o reconhecimento (*petimus, supplices*) explícito de que tanto a memória eficaz do mistério de salvação como a oferta sacrificial que a Igreja faz da vítima santa, com a qual ela própria se identifica, não é possível sem o poder de Deus, que plenifica o pão e o vinho, como plenifica os céus e a terra com sua glória.³⁰³

O valor da liturgia na vida eclesial faz com que a mesma seja o ponto de referência obrigatório de qualquer autêntica experiência espiritual. A liturgia é o lugar da epifania do mistério de Jesus Cristo, portanto ela é o ponto comum para onde convergem as “escolas de espiritualidade cristã”. Nessa perspectiva de escola de espiritualidade todas as “espiritualidades” encontram balizas e discernimento, na celebração, composta de palavra e sacramento, é o alicerce gerador da própria experiência.³⁰⁴

Segundo J. Castellano: “(...) a liturgia é a escola da vida espiritual da Igreja”.³⁰⁵ A Igreja faz dela a sua espiritualidade. Entretanto, a espiritualidade litúrgica não pode ser entendida como concorrente das demais escolas de espiritualidade. M. Augé ratifica esta afirmação: “espiritualidade litúrgica não deve ser interpretada como oposição ou concorrência com outras espiritualidades, mas sim como o substrato comum de toda a espiritualidade cristã, da forma como ele é revelado pela Igreja na sua liturgia”.³⁰⁶

³⁰³ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p. 365. Para R. Gerardi, epíclese; “trata-se de uma dimensão fundamental de toda celebração litúrgica. Como o Espírito Santo está presente e age na vida de Cristo, do mesmo modo a sua presença e ação é exigida pela vida dos membros do Corpo de Cristo, especialmente, onde a vida se constrói, cresce e se desenvolve, quer dizer, na ação litúrgico-sacramental. GERARDI, R., “Epíclese”, p. 235.

³⁰⁴ AUGÉ, M., Liturgia – história, celebração, teologia e espiritualidade, p. 338-339. O autor explica que, na experiência religiosa cristã, é evidente a inseparabilidade entre elementos objetivos (que podem se recompor com a tradição cristã) e elementos subjetivos (que podem se recompor com a experiência religiosa individual). Por isso, a liturgia é baliza e discernimento. Assim expressa o autor “(...) na origem da integração subjetivo-objetiva se encontra a obediência da verdadeira essência da própria alma, das coisas, da comunidade, do mundo, de Deus. Neste contexto percebe-se a função estabilizadora e moderadora da liturgia. Nela a subjetividade se transforma segundo o modelo objetivo da graça. Por esta razão a linguagem litúrgica é rigorosamente estilizada. Embora se ressinta de dois milênios de adaptações e de criatividade, ela mantém, de sua parte, o peso objetivo da tradição”. AUGÉ, M., Liturgia – história, celebração, teologia e espiritualidade, p. 341.

³⁰⁵ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 17.

³⁰⁶ AUGÉ, M., Liturgia – história, celebração, teologia e espiritualidade, p. 339.

Segundo M. Augé, a celebração litúrgica é “(...) um ambiente concreto de experiência espiritual cristã, uma espiritualidade concreta (...)”.³⁰⁷ Assim, é na forma ordinária da celebração litúrgica que o cristão incute a espiritualidade, a reatualiza e dela alimenta. A concreta experiência vivida na celebração é repetição, mas no caminho diversificado e personalizado do ano litúrgico o mistério de Cristo é reatualizado a cada dia. Por isso, a liturgia é um itinerário espiritual crescente e dinâmico que permite maturidade na experiência cristã com vistas à transformação do mundo, a qual só acontecerá quando for Deus em todos.

O substrato comum da espiritualidade cristã está fundado na Palavra de Deus, o qual prepara e alicerça a ação litúrgica que anuncia, proclama, revela e realiza o mistério da salvação sempre num contexto de *anamnese*. Ao selecionar e ler a Escritura, na liturgia, aprofunda-se a centralidade cristológica, pessoal e vital da Palavra proclamada avançando assim na direção da plenitude da verdade divina.³⁰⁸ A ação do Espírito Santo faz com que a Palavra de Deus penetre no coração dos fiéis suscitando conversão, fé, louvor e a súplica como resposta eficaz na celebração e na vida.³⁰⁹

A espiritualidade litúrgica, partindo do mistério de Cristo celebrado na Igreja através dos mistérios da sacramentalidade litúrgica, propõe uma unidade anunciada no axioma *lex orandi, lex credendi*.³¹⁰ Por conseguinte, a liturgia sacramentaliza toda a vida cristã, os sacramentos, como acontecimentos salvíficos, são a epifania da Igreja.

4.2

A vocação pascal da Igreja

O Concílio Vaticano II, que a respeito dos sacramentos voltou às fontes patrísticas, ratifica Santo Agostinho: “Do lado aberto de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”.³¹¹ Os sacramentos têm sua origem

³⁰⁷ AUGÉ, M., Liturgia – história, celebração, teologia e espiritualidade, p. 339.

³⁰⁸ SC 8.

³⁰⁹ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p. 245-247.

³¹⁰ Com o termo axioma se designa uma sentença que goza de particular dignidade e autoridade. Enquanto princípio que não tem necessidade de ser demonstrado, ou princípio primeiro, é admitido por todos e, portanto, absoluto, normativo. Próspero de Aquitânia, compilador da obra *Indiculus de gratia* (Pequeno catálogo sobre a graça), no capítulo oitavo argumenta, a partir da liturgia, o itinerário espiritual do fiel pelo axioma “*lex orandi lex credendi*”. CORDEIRO, J., Antologia Litúrgica, p. 1191.

³¹¹ SC 5. Sobre o nascimento dos sacramentos da Igreja da água e sangue, Pié-Ninot cita a patrística ao interpretar Jo 19,34: “(...) é tradicional a fórmula que vê nessa cena a edificação da Igreja a partir

no seu próprio ser de Jesus. Ele é sacramento do Pai e a Igreja é sacramento de Jesus Cristo. Assim, a Igreja, sacramento universal, se reapresenta nos sete sacramentos instituídos por Cristo.³¹² Eles têm, portanto, sua origem em Jesus, como a Igreja mesma. A origem da Igreja e, com ela, dos sacramentos, é um ato vivencial de Jesus Cristo. O Senhor da Glória se torna sacramento e fica presente na Igreja, seu corpo místico, até o fim dos tempos. S. Marsili afirma, que a liturgia se situa, junto com Cristo, como o alfa e ômega, o princípio e o fim de toda a vida da Igreja.³¹³

O documento conciliar *Sacrosanctum Concilium*, também ressalta o papel da Liturgia, celebração comunitária da Igreja, ao afirmar: “(...) a Igreja não deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal: lendo o que a ele se refere em toda a Escritura, celebrando a eucaristia, na qual se tornam de novo presentes a vitória e o triunfo de sua morte (...)”.³¹⁴ O sujeito da liturgia é a Igreja no sentido de corpo de Cristo, de mistério-sacramento de Cristo, de povo de Deus. Dessa forma a Igreja participa sempre nas ações litúrgicas em sua plenitude de Corpo Místico porque “Cristo sempre associa a si a Igreja, sua esposa diletíssima”.³¹⁵

Na aprovação da *Sacrosanctum Concilium* Paulo VI assegurou, neste primeiro documento do Concílio Vaticano II, uma série de valores fundamentais que alinham a espiritualidade cristã com a espiritualidade da Igreja ao afirmar a liturgia como “(...) a primeira fonte da vida divina que nos é comunicada, a primeira escola de nossa vida espiritual, primeiro dom que podemos oferecer ao povo cristão que, juntamente conosco, crê e ora (...)”.³¹⁶

João Paulo II, na comemoração dos 40 anos da aprovação da *Sacrosanctum Concilium*, escreveu a Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa*. Na referida Carta, o

dos dois sacramentos simbolizados pela água – o batismo – e pelo sangue – a eucaristia – que brotaram do lado ferido de Jesus na cruz. Santo Agostinho resume bem o pensamento dos Padres: ‘Quando o Senhor dormia na cruz, a lança atravessou o seu lado e dele brotaram os sacramentos com os quais a Igreja foi criada. E é assim que a Igreja foi criada da costela de Adão’ (*In Ps.* 126, n. 7; *De civ.* 1,22 c. 17). Santo Tomás retoma o mesmo tema deste modo: ‘mediante os sacramentos brotados do lado de Cristo que pendia da cruz foi construída a Igreja’ (*S. Th.*, III, q. 64, a.2, ad 3). Essa interpretação, atestada já no Concílio de Vienne (DS 901), é apresentada também no Vaticano II quando fala da missão e da obra de Jesus Cristo no processo de fundação da Igreja (LG 3; LG 11,26,50; UR 2). PIÉ-NINOT, S., Introdução a Ecclesiologia, p. 59.

³¹² Os sete sacramentos instituídos por Cristo, são: o Batismo, a Confirmação, a Eucaristia, a Penitência, a Unção dos Enfermos, a Ordem e o Matrimônio.

³¹³ MARSILI, S., A liturgia momento histórico da salvação, p. 5.

³¹⁴ SC 6.

³¹⁵ SC 7.

³¹⁶ PAULO VI, Discurso, Sessão de encerramento da segunda sessão do Concílio Vaticano II, 4 de dezembro de 1963.

Pontífice reafirmou que ainda é preciso, depois de quatro décadas do Vaticano II, que se desenvolva uma espiritualidade litúrgica assentada nesta base:

(...) que leve as pessoas a tomarem consciência de Cristo como primeiro ‘liturgista’, que não cessa de agir na Igreja e no mundo, em virtude do Mistério pascal continuamente celebrado, e associa a si a Igreja, para louvor do Pai, na unidade do Espírito Santo.³¹⁷

O documento conciliar *Lumen Gentium* ressalta: “Aprova, no entanto, a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluído toda a relação entre os mesmos, mas formando com eles um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse em santidade”.³¹⁸ O mistério da Igreja, povo de Deus hierarquicamente constituído, determina, em parte, a natureza da liturgia como um ato comunitário e público, encarnado em cada uma das realizações da Igreja universal quer seja local ou particular. A visão comunitária da celebração não se opõe a vivência interpessoal com Cristo de cada fiel. A liturgia é composta também por essa dimensão pessoal do homem. Essa dimensão adquire força na vida e supõem um prolongamento existencial da liturgia.

A liturgia cristã afirma que a Igreja está onde o povo de Deus está reunido.³¹⁹ A assembleia litúrgica é epifania da Igreja que se concretiza numa comunidade que, em torno do altar – *Christus altare est* – celebra os louvores sacrificais e laudativos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.³²⁰ Entre Cristo, o Espírito Santo e a Igreja há um nexos indissolúvel na realização do mistério litúrgico.

A Instrução Geral da Liturgia das Horas afirma: “(...) a unidade da Igreja orante é obra do Espírito Santo, que é o mesmo em Cristo, em toda a Igreja e em cada batizado”.³²¹ Esta ação *ad extra* do Espírito Santo na Igreja é obra das três pessoas divinas. A presença e a ação do Espírito Santo, nas novas *Magnalia Dei*, realizadas na liturgia, insere-se na economia divina da salvação descendente-ascendente: cristológico-trinitária e eclesiológica.³²²

³¹⁷ *Spiritus et Sponsa*, 16.

³¹⁸ LG 9.

³¹⁹ Segundo Boselli G., à página 103 de sua obra citada “(...) o constituir-se dos cristãos em assembleia é a *actio liturgica* primordial”. BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p. 103-106

³²⁰ Ambrósio de Milão ao refletir sobre os sacramentos ensina: “As boas águias estão em torno do altar: de fato, ‘onde está o corpo, aí também estão as águias’ (Mt 24,28). O altar tem a forma do corpo e o corpo de Cristo está no altar. (...)”. AMBRÓSIO DE MILÃO, Explicação do símbolo, IV Livro, 2. 7, p. 54.

³²¹ ADALZÁBAL, J., Instrução Geral sobre a liturgia das horas, p. 35.

³²² *Magnalia Dei* são as maravilhas de Deus em Jesus Cristo e no poder do Espírito Santo. L. F. R. Santana ensina que o acontecimento pascal, fundamento e raiz da ação memorial marca fortemente

Na oração, a iniciativa é de Deus, que se manifesta no seio da comunidade reunida. Na proposta de aliança com seu povo, revela seu rosto e o seu projeto de comunhão. A santificação e salvação vem de Deus num movimento descendente, num movimento ascendente, de resposta, o fiel dá graças e louvores, essa correspondência de movimentos é essencial à Igreja. Por esses movimentos entramos em comunhão com Deus, vivemos sua vida divina e humana, tornamo-nos contemplativos dos mistérios de sua vida que celebramos na ação litúrgica.³²³ Somente assim, comunitariamente na comunhão com a Igreja orante, o homem é fundamentalmente autêntico e vive em comunidade.

As celebrações também têm dimensão eclesial e comunitária. Liturgicamente, isso se manifesta de modo pleno por meio das orações e dos sinais litúrgicos: somos uma comunidade, um corpo, uma família. A celebração litúrgica da Igreja é o elo entre a comunhão do homem e o corpo de Cristo. C. Duchesneau, afirma que este vínculo entre a liturgia e a vida existe se, a celebração for tempo de comunhão orientada para Deus. Por isso, para o autor, não existe vida cristã sem celebração pois uma vida não pode ser orientada para Deus se não existir a comunhão com o Senhor.³²⁴

A reunião cultural da comunidade em torno da mesa eucarística é resultado da alegria pela páscoa de Cristo no domingo, por isso, a sua celebração exige *ecclesia*, assembleia, segundo a *Sacrosanctum Concilium* “(...) aqueles que olham com fé para Jesus, autor da salvação e princípio de unidade e de paz”.³²⁵ A reunião dos

a Igreja desde Israel: “(...) Era na celebração anamnética, então que a comunidade dos fiéis tomava consciência da garantia e da constante atualização das *Magnalia Dei*, rememoradas e atualizadas. No memorial cúllico, portanto, o próprio ‘Deus se recorda sempre de sua aliança’ e se autocomunica como Aquele que é fiel por excelência”. SANTANA, L. F. R., A Liturgia das Horas como memorial de Cristo e santificação do tempo, p. 4.

³²³ O Catecismo da Igreja Católica diz que todo tipo de oração encontra seu sentido e sua razão na liturgia, vejamos: “a liturgia é também participação da oração de Cristo, dirigida ao Pai no Espírito Santo. Nela, toda oração cristã encontra sua fonte e seu termo. Pela liturgia, o ser humano interior é enraizado e fundado no “grande amor com o qual o Pai nos amou” (Ef 2,4) em seu Filho bem-amado. É a mesma “maravilha de Deus” que é vivida e interiorizada por toda oração, “em todo tempo, no Espírito” (Ef 6,18)”. CEC, 1073.

³²⁴ DUCHESNEAU, C., A celebração na vida cristã, p. 114.

³²⁵ SC 9. O autor J. Castellano identifica três significados para a palavra *ekklesia*: “Da ressurreição de Jesus nasce a comunidade cristã, chamada pelo próprio Jesus: *ekklesia*. Esta comunidade reúne-se, convocada pela palavra dos apóstolos (At 2,44-47 e paralelos). A aplicação do termo *ekklesia* nos escritos do NT oscila entre vários significados vinculados e complementares: a) o conjunto de todos os fiéis redimidos por Cristo, toda a comunidade de salvação (1Cor 12,28; Ef 1,22; 3,10-21); b) a comunidade de todos os fiéis redimidos por Cristo, toda a comunidade de salvação (At 8,1; 11,22; 1Cr 16,1; 16,19); c) a reunião dos fiéis ou Igreja doméstica (Rm 16,5; 1Cor 11,18; 14,5). Temos assim, o tríplice significado da palavra (Igreja universal, Igreja local ou particular, assembleia litúrgica) entrelaçado em uma interdependência, enquanto a comunidade reunida para o culto é a

fiéis em assembleia é, pois o que há de mais significativo para a liturgia cristã. Uma vez que é toda a assembleia que celebra, todos “concelebram” com o Cristo, principal celebrante. O trabalho apostólico está ordenado para que todos, mediante a fé e o batismo, se reúnam em assembleia, louvem a Deus na Igreja e participem do sacrifício e da mesa eucarística do Senhor.³²⁶

O mistério eucarístico é o ápice de toda a vida da Igreja, inclusive da sua ação litúrgica e fonte de todas as graças, fonte do poder sobrenatural da Igreja. M. Augé aponta que “(...) a eucaristia pertence à liturgia, não somente de forma substancial e não acidental, mas a tal ponto que ela é o coração ou a sua parte determinante em relação aos outros elementos”. A eucaristia faz a Igreja, porque é o sacramento comunitário pelo qual a Igreja se torna comunidade. Como sacramento por excelência do mistério pascal, a encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, de João Paulo II afirma: “A Eucaristia (...) está colocada no centro da vida eclesial” e, ainda: “A Eucaristia é o centro e o vértice da vida da Igreja”.³²⁷ Isto significa, segundo o Pontífice que “a Eucaristia edifica a Igreja e [que] a Igreja faz a Eucaristia”.³²⁸

A Igreja é convocada pela Palavra de Deus proclamada na ação litúrgica que edifica a Igreja. A páscoa do Senhor é um acontecimento que exige proclamação pública e solene. Celebra-se o dia da redenção e renova-se sacramentalmente a comunhão com Deus e com irmãos. O domingo possui um valor pascal porque é uma passagem da divisão operada pelo pecado para união com Deus e os irmãos que culmina em caridade autêntica e operante em palavras e gestos de amizade e fraternidade.³²⁹

A participação na liturgia, em sua dimensão eclesial, apresenta exigências de uma espiritualidade dominical comunitária. Segundo J. Castellano “(...) a liturgia tem que desempenhar papel fontal e culminante, e ao mesmo tempo, pedagógico para dar concreção e valor a esta espiritualidade comunitária”.³³⁰ Nesse sentido, a liturgia é: “A primeira e indispensável fonte do espírito cristão”.³³¹ A liturgia é o

verdadeira expressão da Igreja local e a realização concreta da comunidade da salvação.

CASTELLANO, J., *Liturgia e vida espiritual*, p. 229.

³²⁶ SC 10.

³²⁷ EE 3, 31.

³²⁸ EE 26.

³²⁹ BRANDOLINI, L., “Domingo”, p. 313-315.

³³⁰ CASTELLANO, J., *Liturgia e vida espiritual*, p. 256.

³³¹ SC 14.

ponto mais elevado (*culmen*) ao qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é como o manancial (*fons*) do qual derivam toda a sua energia.

A liturgia manifesta a Igreja, a Igreja por sua vez se constrói e se desenvolve plenamente na ação litúrgica. Desde os primórdios, a Igreja sente que o conteúdo de sua oração está em estreita relação com sua fé, quando ela reza, expressa aquilo que acredita. A fé da Igreja é anterior à fé do fiel, que é chamado a aderir a sua causa. A Igreja crê como reza, cada celebração eucarística é uma profissão de fé. Cremos naquilo que a Igreja católica crê, tudo aquilo que exprime em suas orações eucarísticas.³³² Próspero de Aquitânia argumenta, a partir da liturgia, o itinerário espiritual do fiel pelo axioma “*lex orandi lex credendi*”:

(...) os mistérios das orações sacerdotais ensinados pelos Apóstolos são celebrados uniformemente no mundo inteiro e em toda a Igreja católica, para que a lei da oração estabeleça a lei da fé. (...) que essas coisas não de modo superficial e inutilmente, mostra-o a própria experiência, pois, efetivamente, Deus digna-Se atrair muitíssimos de todo o gênero de erros e, arrancando-os ao poder das trevas, transfere-os para o Reino do Filho do Seu amor(...).³³³

A *lex orandi*, sob o ponto de vista litúrgico, significa que não deve se limitar a ser lei da fé, mas também a lei do ser e do agir da Igreja. Sendo assim, o axioma permanece com outro acento: como a Igreja reza estabelece como a Igreja é, e isso é dar testemunho daquilo que se pratica e acredita. São João Paulo II, na carta *Dominicae Ceneae*, reconhece que “(...) existe um vínculo estreitíssimo e orgânico entre a renovação da liturgia e a renovação de toda a vida da Igreja. A Igreja não só age, mas também se exprime na liturgia, vive da liturgia e da liturgia haure a força para a vida”.³³⁴

A *lex orandi* torna-se o lugar privilegiado da Espiritualidade Ecclesial. A Igreja faz da Liturgia sua espiritualidade. A liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja, e, ao mesmo tempo, compromete e implica integralmente a vida do ser humano que faz a experiência de Deus. Vista dessa forma a liturgia expressa-se e

³³² Para G. Boselli o missal testemunha o vínculo entre “*lex orandi* e *lex credendi*”, assim, ele o expressa: o missal é o conjunto daqueles textos nos quais a Igreja reconhece sua fé e com os quais se identifica. (...). Nesse sentido, se pode afirmar que o missal é o livro que testemunha o vínculo entre *lex orandi* e *lex credendi*. É isso, enquanto é lugar normativo e canônico daquela oração da Igreja que atesta a fé da Igreja”. BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p. 135.

³³³ CORDEIRO, J., Antologia Litúrgica, p. 1191.

³³⁴ DC 13. R. Cantalamessa relembra a interdependência viva e eficaz, entre Igreja e o Espírito Santo, operante na e pela liturgia. Assim se expressa o autor “(...) a eficácia que faz Jesus presente no altar não vem da Igreja, mas não acontece sem a Igreja. Ela é o instrumento vivente através do qual e junto do qual opera o Espírito Santo”. CANTALAMESSA, R., O mistério da ceia, p. 110.

revela-se como fonte de salvação, cuja dimensão fundamental é precisamente a celebração da fé em seu conteúdo de mistério.

A liturgia é a escola da vida espiritual da Igreja, por isso, é preciso celebrá-la, viver o perdão invocado, a Palavra de Deus escutada, a ação de graças elevada e, também, a Eucaristia recebida em comunhão. Esta é a liturgia-fonte, que emana energias espirituais para uma vida em comunhão com o Pai. A grande tradição cristã sempre considerou a liturgia como o seio fecundo da Igreja, no qual o cristão é gerado para a vida de salvação.³³⁵ A passagem da celebração para a vida é fundamental, para que se complete a obra celebrada na Igreja.

4.3

A existência cristã como expressão do mistério celebrado

O Concílio Vaticano II centraliza o mistério pascal na vida do cristão e coloca esta doutrina como chave interpretativa da liturgia, a qual passa a ser entendida como ação memorial do evento salvífico em Cristo e como experiência vital dele. A finalidade da *Sacrosanctum Concilium* não foi modificar ritos e textos litúrgicos, mas promover ação pastoral e espiritualidade cujo ápice e fonte, seja a Sagrada Liturgia. Assim, a espiritualidade cristã deve se concentrar na vivência do Mistério Pascal para a edificação da Igreja, para a santificação dos homens e de todo o povo de Deus na conformação de suas vidas com o Crucificado e Ressuscitado.

A espiritualidade cristã é rigorosamente cristológica, de modo que o Senhor é o ponto de referência, pois ele é o sol nascente da história do povo. Para C. Duchesneau, o sentido da vida cristã “(...) não é propriamente a vida concreta que devemos celebrar, mas nela, a presença do Cristo Salvador”.³³⁶ A liturgia tem a finalidade de reunir o todo e a todos em Cristo. Daqui deriva que a ação litúrgica da Igreja reapresenta e atualiza a salvação divina nos seres humanos, reatualiza o mistério de Cristo no tempo.

Em chave litúrgica, na pessoa de Jesus e na sua existência, realiza-se o ápice do diálogo cultural entre Deus e seu povo. Para J. Castellano, em Jesus de Nazaré “(...) está presente Deus que fala, age, comunica a seu povo levando à culminância a dimensão descendente de amizade, benevolência, familiaridade, misericórdia em

³³⁵ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 9-10.

³³⁶ DUCHESNEAU, C., A celebração na vida cristã, p. 23.

palavras e obras; nele, em seus milagres, culminam as *mirabilia Dei*”.³³⁷ Em Jesus de Nazaré culmina o verdadeiro culto, a resposta total, a entrega filial na obediência, a perfeita oferenda sacrificial ao Pai.³³⁸

Jesus Cristo, em pessoa, é aquele que exercita o culto e reúne em si todas as estruturas culturais anteriores.³³⁹ Por isso, podemos resumir de acordo com M. Augé: “(...) o verdadeiro culto é a vida cristã concreta, como a vida de Jesus”.³⁴⁰ A vida torna-se liturgia, culto espiritual. Isto é o que acontece nos sacramentos, que são mistérios culturais nos quais a presença salvífica de Cristo se dá através dos sinais de sua ação na Igreja. Pela ação de Cristo nos sacramentos os homens são feitos à imagem de Cristo vivo. Nessa dimensão de culto espiritual vivo, São Paulo nos exorta: “ (...) irmãos pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual”.³⁴¹

O novo culto, Cristo, abarca toda a existência dos cristãos, porque não são apenas ritos materiais, mas sacrifícios reais e espirituais, os quais foram substituídos pelo culto da plena obediência à Aliança, à Palavra. A oração, a fé e o agir são três aspectos da existência cristã fundamentalmente unidos e inter-relacionados. Isso significa vida em Cristo, enraizada na comunhão sacramental com o Senhor, sendo esse movimento não só a busca pela espiritualidade, mas também o cumprimento da perfeição cristã, a santidade. J. Castellano, explica a profundidade dos termos “espiritualidade”, “vida espiritual”:

(...) trata-se da vida da pessoa humana, guiada pela parte mais nobre de si mesma: o espírito (*nous*). No sentido mais estritamente cristão é a vida ‘no Espírito’ (*pneuma*); nela o Espírito torna-se princípio vital da existência da pessoa redimida (todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14). A vida espiritual é a vida no Espírito e segundo o Espírito.³⁴²

³³⁷ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 69.

³³⁸ O Catecismo da Igreja Católica ensina: “Se é verdade que Cristo nos ressuscitará ‘no último dia’, também é verdade que, de certo modo, já ressuscitamos com Cristo. Pois, graças ao Espírito Santo, a vida cristã é, já agora na terra, uma participação na morte e ressurreição de Cristo (...)”. CEC 1002.

³³⁹ J. Castellano explica o uso do vocábulo “culto” a partir do Novo Testamento: “(...) o termo culto refere-se à vida de Cristo, especialmente à sua passagem da morte à glória, e também à vida dos cristãos. Os termos técnicos do culto – sacerdócio, sacrifício, liturgia, culto, vítima, libação etc – aplicam-se a existência concreta dos cristãos: a caridade fraterna, a esmola, a oração, o ministério da pregação, o trabalho quotidiano realizado na fé. (...)”. CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 62-63.

³⁴⁰ AUGÉ, M., Espiritualidade Litúrgica, p. 27.

³⁴¹ Rm 12,1.

³⁴² CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 31.

A finalidade da Liturgia é a vida cristã, que deve impregnar-se da vida pascal de Cristo, já desde a primeira instrução pós-conciliar, em 1964, a *Inter Œcumenici* ensina que a Igreja recomenda que “(...) a atividade pastoral, conduzida para a liturgia, tem sua força no ser uma experiência viva do mistério pascal (*ut mysterium paschale vivendo exprimatur*) (...)”.³⁴³ O sentido cristão de celebrar o mistério não consiste apenas em prestar culto a Deus, mas acolher o Cristo ressuscitado na celebração litúrgica e viver o advento de sua salvação em nossa vida pessoal e comunitária.³⁴⁴

A liturgia da Igreja presente nas celebrações tem sentido vital, capaz de nos levar à vivência da fé, que é celebrada, festejada e assumida quotidianamente. O lugar do culto é a vida concreta, essencialmente, rememorando a existência de Cristo, assim como a comunhão de vida com Ele e, ainda, a apropriação de suas atitudes existenciais na vida dos fiéis. Ao partir dessa perspectiva, J. Ratzinger ensina que:

(...) rezamos a fim de que o Logos, o Cristo mesmo, que é o verdadeiro sacrifício, nos envolva no ato de oferecer-se, que nos torne conforme ao Logos, conforme a sua palavra, que nos torne verdadeiramente razoáveis, de modo que o seu sacrifício se torne o nosso e possa ser acolhido por Deus como nosso, imputado a nós. Rezamos que a sua presença nos leve consigo, de modo que nos tornemos um só corpo e um só espírito com Ele.³⁴⁵

Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, conclama: “(...) a Boa Nova há de ser proclamada pelo testemunho”.³⁴⁶ O gesto da oração cristã é o sinal da cruz, ao persignar-se o cristão testemunha a fé em Cristo crucificado: “escândalo para judeus e loucura para os gentios. Mas, para os eleitos é o poder e a sabedoria de Deus”.³⁴⁷ Persignar-se é transformar o sinal da morte em sinal de esperança e do amor de Deus, revelado pela paixão e pela cruz. A cruz mostra-nos o caminho da vida – o seguimento de Cristo. Ao responder ao chamado de Cristo com acolhida consciente e comprometida, o cristão guia sua vida com a conversão à Palavra de Deus, a luta contra o pecado, o cumprimento da vontade de Deus, a perfeição no amor e a imitação de Cristo.

³⁴³ IE, 6.

³⁴⁴ DUCHESNEAU, C., A celebração na vida cristã, p. 91-93.

³⁴⁵ RATZINGER, J., Teologia da liturgia, p. 397.

³⁴⁶ EN 21.

³⁴⁷ 1Cor 1,23-24.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* assegura: “(...) uma santidade é cultivada (...) e guiada pelo Espírito de Deus e, obedecendo à voz do Pai e adorando-o em espírito e verdade, seguem a Cristo pobre, humilde e carregado com a cruz”.³⁴⁸ Todos são chamados à santidade, cada um conforme a vocação e o dom recebido do Espírito, mas todas manifestam o único mistério cristão. Por isso, o ponto de partida do programa de vida espiritual de cada cristão não pode ser outro senão participar plenamente do mistério Pascal. Somos chamados à adesão ao mistério de Cristo.³⁴⁹ Esta deve ser a centralidade na vida dos crentes: contemplar o mistério na unidade e complexidade no mundo em que vive. Eis a dimensão comum e comunitária da vida espiritual, segundo J. Castellano, “(...) uma ‘microrealização’ da história da salvação em cada um de nós (...) em dimensão trinitária”.³⁵⁰

A Exortação *Vita consecrata* conclui: “(...) neste harmonioso conjunto de dons, a cada um dos fundamentais estados de vida é confiada a tarefa de exprimir, em sua própria ordem, uma ou outra dimensão do único mistério de Cristo”.³⁵¹ Esta é a dimensão pessoal, mantidas as características e as diversas circunstâncias próprias de cada um, somos chamados a especial vocação e missão na Igreja, com compromisso concreto na realidade que nos cerca. Para M. Augé “(...) a experiência cristã consiste em realizar na vida o mistério celebrado nos sacramentos”.³⁵²

Pelos sacramentos, a força do Espírito Santo permanece no cristão e transforma a sua vida, uma vez que o evento litúrgico é epifania de Deus, revelado em Cristo que atrai a si e converte a Ele, através de celebração bem contextualizada, participativa e aberta à ação do Espírito. A liturgia torna-se, assim, uma experiência válida e dá união de amor ao mistério de Cristo que é íntima e progressiva inserção na realidade de Jesus. A celebração é o caminho de conformação-configuração a Cristo.³⁵³

Pelo batismo e pela confirmação, em quem o Espírito Santo habita, o cristão é chamado para concelebrar a eucaristia e unir-se comunitariamente³⁵⁴ na escutada Palavra, na oração e no louvor. Tais sacramentos iniciáticos da vida em Cristo, são

³⁴⁸ LG 41.

³⁴⁹ VC 31, 93, 33.

³⁵⁰ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 32.

³⁵¹ VC 32

³⁵² AUGÉ, M., Espiritualidade litúrgica, p. 44-46.

³⁵³ AUGÉ, M., Espiritualidade litúrgica, p. 84-85.

³⁵⁴ Sobre ações comunitária, Castellano J. enfatiza: “a liturgia é celebração da comunidade sacerdotal, sêgue-se seu caráter comunitário e a preferência pelas celebrações comunitárias, como expressão de todo corpo sacerdotal”. CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 251.

fonte e causa da vida no tempo da Igreja, tempo de missão. Enquanto se celebra e testemunha esses mistérios, recorda-se da redenção e aguarda-se com esperança o retorno no Senhor. João Paulo II, na Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, enaltece o papel da Eucaristia na tensão escatológica: “É neste mundo que tem de brilhar a esperança cristã! Foi também para isso que o Senhor quis ficar conosco na eucaristia, inserindo nesta presença sacrificial e comensal a promessa duma humanidade renovada pelo seu amor”.³⁵⁵

É a eucaristia que o cristão deve celebrar a memória de Jesus para que sejam inseridos nesse gesto de dom da vida pelos irmãos. Até que o tempo entre a morte/ressurreição de Jesus e sua vinda na glória chegue, será na celebração eucarística que os crentes serão moldados como discípulos e difundirão o seu legado.³⁵⁶ A liturgia da celebração eucarística é, então, um modo diferente de antecipação, um exercício preliminar: prelúdio da vida futura, da vida eterna.³⁵⁷

Nesse sentido da identificação da Igreja com a vítima, por obra do Espírito Santo que atua nos dons eucarísticos, J. L. Martín ensina que “(...) é o cume do processo de incorporação e de assimilação a Cristo”.³⁵⁸ Pelo batismo e confirmação, o cristão é conformado ao Filho, à máxima aceitação dessa relação paterna-filial é “(...) oferecer nossos corpos como hóstia viva, santa, agradável a Deus, este é o vosso culto espiritual”.³⁵⁹ Pelo seguimento de Cristo, *sequela Christi*, centro de toda a ação litúrgica, o orante testemunha a assimilação da sua vida com a vida de Cristo.

Segundo M. Augé, o mistério pascal “(...) anunciado, celebrado, vivido e testemunhado” na Igreja.³⁶⁰ Por isso, afirmamos que o mistério pascal é o núcleo do qual se desenvolve toda a experiência da vida cristã que é “(...) assinalada pelo

³⁵⁵ EE 20.

³⁵⁶ HÄRING, B. ao escrever sobre a liturgia como participação no mistério salvífico de Cristo faz um grande alerta aos cristãos: “(...) ao celebrarmos a eucaristia, e à luz desta, os outros sacramentos, entramos misteriosamente no mistério salvífico de Cristo, participamos do (entramos em comunhão com o) mistério pascal da morte e glorificação de Cristo, no qual atinge o seu ápice o mistério da encarnação e é antecipada a parusia. Na liturgia, a Igreja experimenta com gratidão que é como que a esposa que recebeu de Cristo riquíssimos dons, como o “corpo de Cristo”: ela vive totalmente por força da graça de Cristo; ela pertence a ele plenamente; na fé doa-se continuamente a ele e nele ao Pai, e continuará fazendo isto até chegar à plena realização final. Mas a graça significa também tarefa, dever, obrigação: nos sacramentos, a igreja experimenta a lei da própria vida, o sentido da própria existência, que é o de se conformar radicalmente a Cristo. Tal lei da existência é experimentada e afirmada até por cada fiel que celebra do modo devido a liturgia. HÄRING, B., “Existência cristã e liturgia”, p. 437.

³⁵⁷ SC 6. RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 32-33.

³⁵⁸ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p. 365.

³⁵⁹ Rm 12,1.

³⁶⁰ AUGÉ, M., Espiritualidade litúrgica, p. 42.

já e ainda-não que caracteriza a salvação e a sua celebração na liturgia”.³⁶¹ É a eucaristia que o cristão deve celebrar a memória de Jesus para que sejam inseridos nesse gesto de dom da vida pelos irmãos. Até que o tempo entre a morte/ressurreição de Jesus e sua vinda na glória chegue, será na celebração eucarística que os crentes serão moldados como discípulos e difundirão o seu legado.³⁶² A liturgia da celebração eucarística é, então, um modo diferente de antecipação, um exercício preliminar: prelúdio da vida futura, da vida eterna.³⁶³

A experiência pascal celebrada na vida nasce nos primórdios, na época apostólica, com a experiência de comunhão com Cristo que se faz presente na comunhão fraterna, no dom do Espírito, na Palavra vivificante. E de modo muito especial, na fração do pão eucarístico e na comunhão no cálice, que são, como São Paulo diz, “(...) comunhão com o sangue, comunhão com o Corpo de Cristo”.³⁶⁴ O sacrifício eucarístico perpetua pelos séculos o sacrifício da cruz, por isso, é o ápice e fonte de todo o culto e vida cristã. Pela cruz de Cristo é significada e se realiza a unidade do povo de Deus e completa a construção do Corpo de Cristo.

A missão dos apóstolos, como recorda a *Sacrosanctum Concilium*, não se esgota no anúncio do mistério de Cristo, mas sua comunicação através dos sacramentos atualizados e portadores da comunicação dessa misteriosa presença sacramental.³⁶⁵ A experiência dos sacramentos é, essencial, fonte de espiritualidade cristã. Nos sacramentos a fé encontra vigor e a vivência eclesial na dimensão comunitária.

A existência concreta dos cristãos está espelhada na vivência comunitária dos primeiros cristãos: a caridade fraterna, a esmola, a oração, o ministério da pregação, o trabalho quotidiano realizado na fé. Esse ideal de vida litúrgica, vivida pelas

³⁶¹ SORCI, P., Mistério pascal, p. 786.

³⁶² HÄRING, B. ao escrever sobre a liturgia como participação no mistério salvífico de Cristo faz um grande alerta aos cristãos: “(...) ao celebrarmos a eucaristia, e à luz desta, os outros sacramentos, entramos misteriosamente no mistério salvífico de Cristo, participamos do (entramos em comunhão com o) mistério pascal da morte e glorificação de Cristo, no qual atinge o seu ápice o mistério da encarnação e é antecipada a parusia. Na liturgia, a Igreja experimenta com gratidão que é como que a esposa que recebeu de Cristo riquíssimos dons, como o “corpo de Cristo”: ela vive totalmente por força da graça de Cristo; ela pertence a ele plenamente; na fé doa-se continuamente a ele e nele ao Pai, e continuará fazendo isto até chegar à plena realização final. Mas a graça significa também tarefa, dever, obrigação: nos sacramentos, a igreja experimenta a lei da própria vida, o sentido da própria existência, que é o de se conformar radicalmente a Cristo. Tal lei da existência é experimentada e afirmada até por cada fiel que celebra do modo devido a liturgia. HÄRING, B., “Existência cristã e liturgia”, p. 437.

³⁶³ SC 6. RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 32-33.

³⁶⁴ 1Cor 10,16.

³⁶⁵ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 140-143.

primeiras comunidades cristãs, exige uma transformação completa de vida. Francisco, na *Gaudete et Exsultate* afirma: “Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia onde cada um se encontra”.³⁶⁶ Estes elementos são a base do chamado à vocação universal à santidade como consta da *Lumen Gentium*:

Uma mesma santidade é cultivada por aqueles que, nos vários gêneros de vida e nas diferentes profissões, são guiados pelo Espírito de Deus e, obedecendo à voz do Pai e adorando-o em espírito e verdade, seguem a Cristo pobre, humilde e carregado com a cruz, para merecerem participar de sua glória.³⁶⁷

A ressurreição de Cristo é o início do novo templo: o corpo vivo de Jesus Cristo, perante Deus, torna-se o lugar de todo o culto, todos os homens são envolvidos em seu corpo místico. Segundo J. Ratzinger, “(...) a profecia da ressurreição é também uma profecia da Eucaristia: o segredo do sacrificado e, por isso, corpo vivo de Cristo, comunica-se-nos, levando assim à união real com Deus vivo”.³⁶⁸ O Senhor ressuscitado está vivo no meio de seus discípulos,³⁶⁹ mas não visivelmente presente. A eucaristia vive, em princípio, sob o regime da ausência física daquele que ela celebra, mas em uma misteriosa ausência que é presença eucarística.³⁷⁰

C. Duchesneau enfatiza que “(...) toda a vida cristã está globalmente situada neste tempo de ausência visível do Senhor. Toda a vida cristã se baseia no evento pascal, na passagem do Cristo da vida à morte, para crer na obra de ressurreição que se realiza nela, hoje”.³⁷¹ A eucaristia é o centro da existência cristã porque condensa a memória, a atualização e o anúncio. A celebração é e sempre será uma memória do evento pascal, no qual estão contidas a salvação e a profecia do reino que há de voltar. Por isso, o cristianismo é a religião de um acontecimento decisivo,

³⁶⁶ GE 14.

³⁶⁷ LG 41.

³⁶⁸ RATZINGER, J., Introdução ao espírito da liturgia, p. 33.

³⁶⁹ Ao comentar este mistério da presença que vem do Ressuscitado, São Leão Magno diz: “(...) o senhor elevando-se ao céu sob o olhar dos discípulos, pôs fim à sua presença corporal para ficar à direita do Pai. (...) o que era visível do nosso Redentor passou para os sacramentos”. LEÃO MAGNO, Sermões, 74,2: PL 54, 358, p. 55.

³⁷⁰ R. Cantalamessa retorna a Trento para ensinar: “O Concílio de Trento precisou melhor este modo de conceber a presença real usando três advérbios: *vere*, *realiter*, *substantialiter*. Jesus está presente verdadeiramente, não só em imagem ou figura; está presente realmente, não só subjetivamente para a fé dos fiéis; está presente substancialmente, isto é, segundo a sua realidade profunda que é invisível aos sentidos, e não segundo as aparências, que são as do pão e do vinho”. CANTALAMESSA, R., O mistério da ceia, p. 110.

³⁷¹ DUCHESNEAU, C., A celebração na vida cristã, p. 101.

a páscoa de Cristo. Na eucaristia Jesus se dá aos homens, que se tornam membros do seu Corpo e se tornam eucaristia e, com isso, coração e amor pela Igreja.

O Código de Direito Canônico, Título III da Santíssima Eucaristia define a eucaristia como “Augustíssimo Sacramento, na qual se contém, se oferece e se recebe o próprio Cristo Senhor e pela qual continuamente vive e cresce a Igreja”.³⁷² Esta afirmação ratifica nossa fé na presença real do Senhor na Eucaristia; no sacrifício do Cristo Senhor e na comunhão do corpo místico com a Esposa. A Eucaristia é presença atuante do mistério de Cristo.³⁷³ Além de ser um mistério fundamental do encontro entre o homem e Deus, é tão rica de significação que nunca poderemos compreendê-la plenamente.

O cristianismo é a religião da esperança eucarística do pão e do vinho neste tempo de missão e caminho de fé. João Paulo II, na Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, assegura a presença eucarística:

A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante da promessa: “Eu estarei sempre convosco, até o fim do mundo” (Mt 28,20). (...) pela conversão do pão e do vinho no corpo e sangue do Senhor, goza desta presença, com uma intensidade sem par.³⁷⁴

A *Sacrosanctum Concilium* assevera que a eucaristia lança os fiéis no anúncio e realização do evangelho, pois “(...) a renovação da aliança do Senhor com os homens na eucaristia acende nos fiéis a caridade de Cristo que urge”.³⁷⁵ A celebração transforma os elementos eucarísticos em oração de louvor e os derrama para a vida. Na unidade mística de súplica e louvor a Igreja reconhece a presença do sacrifício de Cristo, como mistério de sua fé. Reconhece também o mistério do culto, entre a paixão e cada vez que celebra o pão e o vinho e o louvor transformado em vida que celebra a caridade, a entrega ao próximo. A eucaristia é o *nutrimentum caritatis*, o alimento da caridade.³⁷⁶

³⁷² CIC, Cân 897.

³⁷³ O Catecismo da Igreja Católica, sobre a sacramentalidade da eucaristia, ensina que “ela é mais profunda que a dos outros sacramentos. Todo o mistério da salvação se faz presente e atuante nela. E é por isso também que todos os outros sacramentos se relacionam intimamente com a Eucaristia e a ela se ordenam. CEC 1324-1325.

³⁷⁴ EE 1.

³⁷⁵ SC 10.

³⁷⁶ CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Missal Romano p. 366.

O decreto *Presbyterorum ordinis*, também reafirma que a eucaristia “(...) deve conduzir tanto às várias obras de caridade e à ajuda mútua como à ação missionária e às várias formas de testemunho cristão”.³⁷⁷ A experiência da Eucaristia impele ao seguimento de Cristo e a compreender a revelação de seus mistérios também nos acontecimentos rotineiros da vida para levar o homem cristão ao testemunho da fé. A eucaristia é “(...) o fundamento permanente da vida dos cristãos, como a força que plasma a sua existência”.³⁷⁸

O documento conciliar *Sacrosanctum Concilium*, afirma a presença de Cristo no sacrifício da missa, “(...) tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz, quanto sobretudo sob as espécies eucarísticas”. A. Beckhäuser enfatiza que o parágrafo se refere às cinco presenças de Cristo na Igreja para realizar a perfeita reconciliação dos homens e a glorificação de Deus.³⁷⁹ Entretanto, destaca o autor, “(...) sendo uma delas real, não por exclusão das outras, mas por excelência (...) porque esta presença é substancial, por ela está presente de fato, Cristo completo Deus e homem. (...) presença de Cristo nas espécies eucarísticas”.³⁸⁰

A comunhão significa, portanto, uma fusão de duas existências; da mesma forma que, ao se alimentar, o corpo assimila matéria estranha que lhe permite viver, assim na comunhão eucarística também meu eu se “assimila” ao eu de Jesus, faz-se semelhante a ele, num intercâmbio que rompe, cada vez mais, as linhas divisórias entre: eu e o Tu e, entre eu e o outro. Para J. Ratzinger:

O mesmo acontece com todos aqueles que comungam: todos eles se assimilam a este “Pão” e se tornam um entre si – um só corpo. Desta forma, a comunhão constrói a Igreja, abrindo as muralhas de subjetividade e congregando-nos em uma comunidade existencial profunda. A Comunhão é o processo da “congregação” no qual o Senhor nos aproxima uns dos outros.³⁸¹

³⁷⁷ PO 6.

³⁷⁸ RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 381.

³⁷⁹ A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a renovação da Liturgia, em seu parágrafo 7, assim se expressa sobre as cinco formas de presença de Cristo na ação litúrgica: “Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – ‘O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz’ – quer e, sobretudo, sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: ‘Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles (Mt 18,20)’”. BECKEHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium* Texto e comentário, p. 24-25.

³⁸⁰ BECKEHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium* Texto e comentário, p. 24.

³⁸¹ RATZINGER J., Compreender a Igreja hoje, p. 21.

A eucaristia edifica a comunidade pascal, como ensina São Paulo: “(...) já que há um único pão, somos um só corpo embora muitos”.³⁸² A comunidade reunida faz a eucaristia, a eucaristia faz a igreja e vai amadurecendo-a como comunidade de fé. O decreto *Presbyterorum ordinis* ensina: “nenhuma comunidade cristã edifica-se, se não tem sua raiz e eixo na celebração da santíssima eucaristia”.³⁸³ Ao se alimentar da Eucaristia, memorial da páscoa de Cristo, o cristão torna-se lugar da memória daquele que morreu e ressuscitou pela humanidade. Assim, o culto especificamente cristão, que é o da Eucaristia, é inseparável da vida dos que creem. A imitação deriva do sacramento da eucaristia, assim como, o agir deriva do ser. Então, o cristão se torna memorial da páscoa de Cristo.

Ao celebrarmos a aliança salvífica com Cristo, estamos celebrando a comunhão com a humanidade. Então, a nossa salvação pessoal e fidelidade à aliança ficam ligadas à nossa solidariedade com todos os homens. Nesse sentido de comunhão Deus-homem que gera solidariedade, J. Ratzinger ratifica a união que se inicia na comunhão eucarística, mas alerta que essa união “(...) não se limita no momento da comunhão, mas inicia ali somente e se torna, pois, vida, carne e sangue no quotidiano de meu estar com os outros e próximo aos outros”.³⁸⁴

Nesse mesmo sentido de um só corpo, o Papa Francisco ressalta o valor do efeito místico e espiritual da eucaristia que nos une a Cristo, reflexão contida no *Angelus* de 14 de junho de 2020: “(...) o efeito é comunitário, isto é, da comunhão recíproca entre os que participam da Eucaristia, a ponto de se tornar um só corpo”. Em seguida, o Papa adverte:

Jesus está presente no sacramento da Eucaristia para ser o nosso nutrimento, para ser assimilado e se tornar força renovadora. Entretanto, isso requer o nosso consenso, a nossa disponibilidade para nos deixar transformar; do contrário as celebrações eucarísticas se reduzem a ritos vazios e formais.³⁸⁵

A vida do cristão é verdadeiro culto de obediência à vontade do Pai, em espírito e verdade, e prolongamento de seu amor misericordioso aos irmãos. Esta é a vida evangélica que se transforma em ética moral cristã. Vida de comunhão com

³⁸² 1Cor 10,17.

³⁸³ PO 6.

³⁸⁴ RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 407.

³⁸⁵ FRANCISCO, *Angelus* de 14 de junho de 2020.

Cristo e com seu Espírito, com a graça e a novidade do Evangelho pregado e vivido. Nesse sentido, M. Augé reforça que a experiência cristã não se atualiza sem referência à celebração (palavra e sacramento), mas não pode ser reduzida a uma simples experiência ritual, no sentido de que não é aprisionada no âmbito puramente celebrativo. Para o autor: “a celebração litúrgica poderá servir de fonte e cume da espiritual se a vida estiver presente na liturgia e a liturgia na vida”.³⁸⁶

“O axioma *lex orandi, lex credendi* não vale só para a Igreja em seu conjunto, mas é um princípio da vida de fé de cada cristão”, como ensina G. Boselli.³⁸⁷ Na liturgia cristã, o essencial é a memória da existência de Cristo, a comunhão de vida com Ele, a apropriação de suas atitudes existenciais na vida. Sendo assim, a *lex orandi, lex credendi* transbordam na moral cristã, *lex vivendi*. A existência cristã consiste em realizar no cotidiano da vida o mistério celebrado nos sacramentos. O cristão deve inserir na vida o que recebeu na Igreja à espera de que se realize e se cumpra a bem-aventurada esperança e de que venha o salvador.

A autêntica espiritualidade litúrgica se resume numa frase: “(...) conservem em sua vida o que receberam pela fé”.³⁸⁸ Francisco na exortação apostólica *Gaudete et exsultate* reforça que o critério de avaliação de nossa vida, é antes de mais nada, o que fizemos pelos outros. O pontífice assegura que “(...) o culto agrada a Deus, quando levamos para a vida os propósitos de viver com generosidade e quando deixamos que o dom lá recebido se manifeste na dedicação aos irmãos”.

5 Conclusão

Ao escrever a Introdução desta dissertação vislumbrei concluí-la à luz da mediação sacramental do cristão e da espiritualidade litúrgica contida na teologia da *Sacrosanctum Concilium*. Como leiga batizada a serviço da família há trinta e nove anos e da Igreja há treze anos, nas funções de catequista, coordenadora e tesoureira de comunidade, teóloga, formadora, membro da pastoral carcerária e juíza do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Cuiabá pretendo, neste capítulo conclusivo, associar o conhecimento teológico adquirido ao longo dos estudos com a vida cristã vivida cotidianamente numa comunhão pessoal com Cristo. Fundada

³⁸⁶ AUGÉ, M., Espiritualidade litúrgica, p. 96-97.

³⁸⁷ BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p. 12.

³⁸⁸ SC 10.

nas minhas vivências cristãs posso afirmar que aprendi, com esta pesquisa, que uma verdadeira experiência cristã é essencialmente uma experiência sacramental que propõe e repropõe ao leigo o mistério pascal a nível existencial. Certifiquei que esta experiência exige uma construção diária com o Senhor que seja vivida na fidelidade e na gratuidade fundamentada pela fé eclesial.

O documento conciliar, *Sacrosanctum Concilium*, repensa a espiritualidade litúrgica através do incremento do sacerdócio comum dos fiéis com a dimensão pastoral do culto. Como demonstra nosso estudo, no centro da liturgia não está o rito, mas o mistério pascal de Jesus Cristo que age na igreja pelos sacramentos. Esta fundamentação, apresentada pelos padres conciliares nos documentos, possibilitou que o Concílio Vaticano II incrementasse a renovação da forma litúrgica a partir do *mysterion* celebrado. Isto caracteriza a liturgia como verdadeira oração, memória viva de Cristo ressuscitado e, atualização da obra salvífica de Deus no meio do povo reunido em assembleia.

Vimos no decorrer da dissertação o axioma de Próspero de Aquitânia, *lex orandi, lex credendi*, e entendemos que a lei neste axioma não está no sentido legalista, mas como a expressão de adesão interior que envolve inteligência e vontade. Aquilo que cremos é para ser celebrado não com simples fórmulas, mas como expressão de adesão ao Mistério de Deus, em Cristo ressuscitado na Igreja. Este mistério é descortinado na liturgia e nela celebrado. Liturgia é anúncio e memória. Anuncia-se a Cristo em sua Palavra, sendo Ele próprio Palavra de Deus. Faz-se memória do seu desígnio salvífico, tornando-o presente na história humana.

Para bem concluir esta dissertação, primeiro é preciso voltar o olhar para os sacramentos da iniciação cristã, pois, com o batismo cada cristão é inserido no mistério de Cristo morto e ressuscitado. A partir deste sacramento batismal o cristão é chamado a seguir Jesus e plasmar sua vida à Dele. A vida nova comunicada no batismo exige uma vida renovada à imagem e semelhança de Cristo. Para alimentar e sustentar o batizado, na vida fundada em Cristo, nos é dado um alimento eucarístico: o corpo de Cristo. É na comunhão eucarística que se desenvolve e consolida a união com o Cristo pascal. Com efeito, é na eucaristia que cada cristão é chamado a viver em plenitude o mistério pascal de Cristo. A eucaristia leva o cristão a participar mais profundamente do mistério pascal e, por outro lado, a responder com gratidão o dom da vida divina infundida pelo batismo.

A resposta cristã ao dom que Cristo faz incessantemente da sua vida divina, encontra a máxima expressão quando o cristão faz a correspondência com o sacrifício de Cristo ao unir a sua própria vida na vida de Cristo, com o seu mistério pelo poder do Espírito Santo. Esta união com Cristo se atualiza pela imitação que nasce do sacramento. É por Cristo sacramento que chegamos a Cristo ressuscitado. A força do Espírito Santo, comunicada nos sacramentos, permanece em nós e transforma toda nossa vida, convertendo-nos a Cristo, tendo como centralidade sua paixão, morte, ressurreição e ascensão gloriosa. Sendo assim, podemos afirmar, com base nas páginas deste estudo, que a comunhão com Cristo se dá por meio da imitação de Cristo que nasce do sacramento; que o sacramento é ação salvífica de Cristo para o homem; que o testemunho cristão na vida é uma ação salvífica que se imita em Cristo e por Cristo.

Diante desta relação entre a realidade salvífica de Cristo e a vida do cristão e, por outro lado, a vida do cristão na realidade salvífica de Cristo podemos concluir que a celebração litúrgica se realiza plenamente ao se introduzir na vida, como uma experiência cristã no Espírito. Para que a realização da celebração litúrgica na vida cristã seja plena é preciso fé, atenção interior para perceber a presença operante de Cristo e, abrir-se à sua presença e progredir na inserção na realidade de Cristo. Por isso, podemos concluir que a separação, entre liturgia e vida, não pode existir pois ambas se enfraquecem, não se retroalimentam ficam apenas no ritualismo litúrgico, na obrigação e a vida cristã fica sem sentido. Além disso, se a celebração for uma forma de cumprir ritos e obrigações, deixará de ser espaço da salvação.

Outro destaque desta dissertação é a unidade progressiva das Escrituras que proporciona a manifestação das obras e ações de Deus na história da salvação como realidades significadas pelas palavras, através dos sacramentos. A liturgia narra esta história da salvação e anuncia o mistério de Jesus Cristo. O mistério pascal de Cristo é o centro desta narração litúrgica, celebrada no ano litúrgico que desdobra em dias todo o conjunto da obra de salvação desde o início na criação até a realização final. Em cada acontecimento celebrado, a liturgia torna o mistério de Cristo atual no tempo presente. A realidade última destas celebrações é a totalidade do único mistério de Cristo na vida dos cristãos.

A presença de Cristo é fundamental para que a obra da salvação seja realizada na liturgia. O estudo apontou o avanço teológico ao ressaltar a sacramentalidade da liturgia, pois toda ação litúrgica é mediadora da presença de Cristo. Assim como

Jesus de Nazaré era sacramento do Pai, quando o homem fala é o Pai quem fala, assim quando celebramos a liturgia, captamos pelos sentidos humanos os sinais dos ritos, mas é Cristo que fala e atua por meio da liturgia.

A ação pedagógica e pastoral do ano litúrgico exige que o cristão se mantenha em uma formação permanente para que eduque sua fé e proporcione crescimento vertiginoso da caridade e fraternidade aos irmãos. Estas são as exigências derivadas da participação batismal no mistério pascal da morte e ressurreição de Cristo. O caminho para o crescimento espiritual é o mistério pascal de Cristo confessado, celebrado e contemplado, todos os dias, nos ritmos dos ciclos litúrgicos. O alimento substancial vivido no mistério pascal dá frutos espiritual aos cristãos. Lembro aqui dos primeiros séculos da Igreja, nos quais homens e mulheres foram chamados a imitar a condição de servos do Verbo encarnado ao viverem uma vida radical no monaquismo. Lembro, também, do apóstolo Paulo que nos ensina ainda hoje que o autêntico conhecimento de Jesus Cristo não é aquele segundo a carne, mas aquele segundo o Espírito (Rm 1,3-4).

Não pode faltar nesta conclusão o evento da ressurreição de Cristo por obra do Pai e do Espírito Santo. É pelo Espírito Santo que a presença do Ressuscitado é mantida, atualizada, conservada na Igreja. É graças ao Espírito Santo, que atua na Igreja que cada homem e mulher encontra o Cristo morto e ressuscitado. Por isso, por obra do Espírito Santo, cada sacramento realiza no homem o que significa ao introduzir em seus corações a compreensão e comunhão com o mistério de Cristo. Desta forma, a história da salvação é perenemente atual, não é jamais passada ou realizada. Como vimos na dissertação, na celebração litúrgica o nosso tempo tem o valor de *kairós*, aquele momento de conteúdo histórico-salvífico em forma de rito. A obra da salvação, depois da ascensão de Cristo, continua na Igreja pela celebração da liturgia, momento último da história da salvação. Por um lado, podemos concluir que a liturgia, celebrada em comunidade eclesial, é a mediadora entre o mistério pascal e o cristão. Por outro lado, não é possível um seguimento de Jesus sem a celebração memorial Dele no rito da Igreja.

A espiritualidade litúrgica é uma espiritualidade existencial envolvida por um caminho litúrgico que não reduz todo o percurso apenas à liturgia, mas insere fundamentalmente a sua celebração na vida cotidiana este. Além disso, é importante destacar a consciência comunitária para celebrar, o ano litúrgico, como um caminho de fé e de vida dos cristãos. Por fim, recordamos a recomendação paulina estudada

nesta dissertação: o culto não pode ser separado de uma conduta verdadeiramente cristã, e muito menos do testemunho cristão porque a existência que se transforma em culto é a existência de Cristo. É no cotidiano concreto e nos fatos ordinários da vida que o cristão se torna sacerdote ao se oferecer em sacrifício e vítima porque oferece toda a sua corporeidade a serviço de Cristo.

A comunhão com o mistério de Cristo na liturgia é uma evolução dinâmica e contínua que requer do cristão o acolhimento da Verdade, como pessoa humana e como comunidade eclesial. O estudo apontou e a minha vivência cristã atestou que a participação e a comunicação do mistério pascal pelos ritmos e tempos celebrados, ao longo do ano litúrgico, são necessários para a evolução do mistério celebrado à vida cotidiana. O essencial que deve surgir dessa relação para a vida cristã é que ela seja memória viva e atuante do mistério de Cristo no mundo. E isto, nos remete ao título desta pesquisa: Liturgia, realização do mistério pascal.

Voltar ao tema central, mistério pascal, nos faz lembrar da importância da pregação querigmática para a liturgia. O mistério pascal é o núcleo desta pregação porque Cristo, o verdadeiro cordeiro, tirou o pecado do mundo, morrendo destruiu nossa morte e ressuscitando restaurou a nossa vida. Acolher o querigma significa abrir-se ao mistério de Cristo, Ele mesmo vem ao encontro da pessoa como Senhor e Salvador. A resposta e acolhida ao anúncio querigmático se expressa na conversão à Deus, implica uma adesão à pessoa de Jesus Cristo e na disposição de segui-lo. Homilia e catequese, exercício do sacerdócio ministerial e do sacerdócio comum, são anúncios do Reino de Deus, entre nós. O querigma propicia comunhão com Deus, conversão e o prolongamento da obra salvífica de Deus na história humana até a parusia. Por isso, a celebração e a participação dos fiéis são critérios que unem a hierarquia e a comunidade em torno do mistério pascal de Cristo.

Outro destaque apontado pelo estudo do mistério pascal, é a salvação de todos os homens como pedra fundamental do desígnio de Cristo. Esta obra de salvação continua na Igreja pela liturgia. A Igreja, desde os apóstolos anuncia que o Filho de Deus por seu mistério pascal faz-nos entrar no Reino do Pai. De Pentecostes à parusia, a Igreja continua a se reunir para celebrar o mistério pascal. Então, as ações de Cristo Ressuscitado em nossa história são ações litúrgicas. Isto acontece porque a liturgia, como mediadora, faz entrar o tempo terreno no tempo divino e, com isso, a história da salvação se converte em liturgia. Por isso, podemos concluir, com o Concílio Vaticano II, o centro da liturgia é o mistério pascal de Jesus Cristo.

6

Referência Bibliográfica

ABOUD, Páscoa. In: ABADIA DE MAREDSOUS (Org.). **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola: Paulus: Paulinas, 2013, p. 595-598.

AGOSTINHO, SANTO. Epístola 55, 1,2. In: LIÉBAERT, J. **Os Padres da Igreja: Séculos IV-VIII**. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 197-233.

ALDAZÁBAL, J. **Vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013.

ALDAZÁBAL, J., Domingo, dia do Senhor. In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja 3 – ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 67-91.

ALDAZÁBAL. **Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas**. Comentários. São Paulo: Paulinas, 2011.

ALIAGA, E. O tríduo Pascal. In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja 3 – ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 93-119.

AMBRÓSIO DE MILÃO. **Explicação do símbolo. Sobre os sacramentos. Sobre os mistérios. Sobre a penitência**. São Paulo: Paulus, 2015.

AUGÉ, M. **Liturgia: história, celebração, Teologia, espiritualidade**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.

AUGÉ, M. **Espiritualidade Litúrgica**: “Ofereceis vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus”. São Paulo: Editora Ave Maria, 2008.

AVRIL, A.C; MAISONNEUVE, D. **As festas judaicas**. Documentos do mundo da Bíblia -11. São Paulo: Paulus, 2005.

BALTHASAR, H. U. V. A volta para o Pai. In: FEINER, J.; LOEHRER, M. (Org.). **Mysterium Salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica**. Petrópolis: Vozes, 1974. v. III/6, p. 127-188.

BENTO XVI, PP. **A comunhão do tempo**. Audiência Geral, 26 abril 2006. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006.index.2.html>. Acesso em: 12 jul. 2020.

BENTO XVI, PP. **Discurso do Papa Bento XVI na apresentação dos votos de Natal aos Cardeais e aos Membros da Cúria Romana**, 22 dezembro 2005.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia.html. Acesso em: 24 fev 2022.

BENTO XVI, PP. **Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

BIANCHI, E. **Dar sentido ao tempo: as grandes festas cristãs**. São Paulo: Loyola, 2007.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampliada. 4 impr. São Paulo: Paulus, 2006.

BORTOLINI, J. **Os sacramentos em sua vida**. São Paulo: Paulinas, 1981.

BOSELLI, G. **O sentido espiritual da Liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

BROWN, R. E. **As Igrejas dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1986.

CANTALAMESSA, R. **Isto é meu corpo: A Eucaristia à luz do *Adoro te devote* e do *Ave verum***. Lisboa: Paulus, 2005.

CANTALAMESSA, R. **O mistério da ceia**. Aparecida: Santuário, 1993.

CANTALAMESSA, R. **O mistério da Páscoa: Na história, na liturgia, na vida**. Aparecida: Santuário, 2016.

CASEL, O. **O Mistério do Culto Cristão**. Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019.

CASEL, O. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Paulinas: Loyola, 2000.

CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequeses Mistagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

COCCINI, F. Catequese. In: GRINOMONT, J.; GROSSI, V. et al. **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 273-275.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **O *sensus fidei* na vida da Igreja**. Disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html. Acesso em: 20 fev. 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum ordinis*, Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html>. Acesso em: 08 set. 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium* sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Documentos de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. São Paulo: Paulus, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das Horas**. Petrópolis: Vozes, 1995. v. II.

CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. São Paulo: Paulus, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Manual de Liturgia IV: a celebração do mistério pascal**. São Paulo: Paulus, 2007.

CORBON, J. **Liturgia de fonte**. São Paulo: Paulinas, 1981.

CORDEIRO, J. M. Apresentação. In: CASEL, O. **O Mistério do Culto Cristão**. Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019, p. 9-11.

DE VAUX, R. **Instituições de Israel: no antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

DOTOLO C., Hermenêutica. In: PACOMINO, L.; MANCUSO, V. (Org).

Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico, São Paulo: Loyola, 2003, p. 334-335.

DROLET, G. **Compreender o Antigo Testamento:** um projeto que se tornou promessa. São Paulo: Paulus, 2008.

DUCHESNEAU, C. A **celebração na vida cristã**. São Paulo: Paulinas, 1977.

DUNN, J. D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2008.

DURRWELL, F-X. **Cristo nossa páscoa**. Aparecida: Santuário, 2006.

FEINER, J.; LOEHRER, M. Compêndio de Dogmática histórico-salvífica.

Mysterium Salutis: Revelação e Igreja. Petrópolis: Vozes, 1971. v. I/3.

FEINER, J.; LOEHRER, M. Compêndio de dogmática histórico-salvífica.

Mysterium Salutis: Revelação de Deus e resposta do homem. Petrópolis: Vozes, 1972. v. I/4.

FEINER, J.; LOEHRER, M. Compêndio de dogmática histórico-salvífica.

Mysterium Salutis: A história salvífica antes de Cristo. Petrópolis: Vozes, 1984. v. II/4.

FÍLON DE ALEXANDRIA, *De congressu quaerendae eruditionis gratia*, XXV,106. In: CANTALAMESSA, R. **O mistério da Páscoa:** Na história, na liturgia, na vida. Aparecida: Santuário, 2016.

FRANCISCO, PP. **Angelus de 14 de junho de 2020**. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-06/papa-francisco-angelus-eucaristia-uniao-cristo-proximo.html>. Acesso em: 08 set. de 2021.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*** sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANGIOTTI, R., Introdução. In: AMBRÓSIO DE MILÃO. **Explicação do símbolo. Sobre os sacramentos. Sobre os mistérios. Sobre a penitência**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 9-19.

GALILEA, S. **O caminho da espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1984.

GIRAUDO, C. **Theológica:** Num só corpo Tratado mistagógico sobre a eucaristia.. São Paulo: Loyola, 2014.

GREGÓRIO DE NISSA, O grande discurso catequético, 3,9.10. In: CORDEIRO, J. M. (Org.). **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio. Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 588-599.

GROSSI V., SESBOUÉ B., Pecado Original e pecado das origens: de Santo Agostinho ao fim da Idade Média. In: SESBOUÉ, B (Org.). **O Homem e sua salvação**: século V-XVII. Tomo 2. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 133-157.

GRUNDRY-VOLF, J. M. Expição, Propiciação, Propiciatório. In: HAWTHORNE G. F.; MARTIN, R. P.; REID D. G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008, p. 526-538.

HÄRING, B., Existência cristã e liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 2009, p. 436-441.

IMMARONE, G., “Ascensão”. In: PACOMINO, L.; MANCUSO, V. (Orgs.). **Lexicon**: Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003, p. 51-53.

INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Aux Philadelphiens*, 8,2. In: WOLINSKI, J. Mistério Pascal, fundamento de uma hermenêutica.. In: SESBOUÉ, B. **O Deus da salvação**: século I-VIII. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 122-124.

IRINEU DE LIÃO, Contra as heresias, V, 2.2. In: CORDEIRO, J. M. (Org.). **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio. Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 177-191.

JOÃO XXIII, **Discurso de Sua Santidade na abertura solene do SS. Concílio**, 11 de outubro de 1962. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html>. Acesso em: 19 out. 2021.

JOÃO CRISÓSTOMO, Catequese III, 17. In: CORDEIRO, J. M. (Org.). **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio. Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 697-755.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

JUSTINO. Diálogo com Trifão, 117. In: CORDEIRO, J. M. (Org.). **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio. Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 145-154.

KREITZER, L.J., Ressurreição. In: HAWTHORNE G. F.; MARTIN, R. P.; REID D. G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008, p. 1069-1077.

KUZMA, C. A. **O futuro de Deus na missão da esperança**: Uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014.

LAMBIASI, F., Espírito Santo. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Orgs.) **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 359-370.

LATOURELLE, R. **Teologia da Revelação**. São Paulo: Paulinas, 1972.

LEÃO MAGNO. **Sermões**. São Paulo: Paulus, 1996.

LIBANIO, J. B. **Teologia da Revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

LIÉBAERT, J. **Os Padres da Igreja: Séculos I-IV**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LIÉBAERT, J. **Os Padres da Igreja: Séculos IV-VIII**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LOI, V., Quartodecimanos. In: DI BERARDINO, A. (Org.), **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 1207.

LOPES, G. **Tipologia uma saudável leitura da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2013.

MAGGIANI, S. Ritos. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 1021-1028.

MARROU, H.-I. **Sobre o conhecimento histórico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MARROU, H.-I. **Teologia da História**: o sentido da caminhada da humanidade através da Temporalidade. Petrópolis: Vozes, 1989.

MARSILI, S. Sacramentos. In: GRINOMONT, J.; GROSSI, V. et al (Orgs.) **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 1241-1244.

MARSILI, S. A teologia da liturgia do Vaticano II. In: NEUNHEUSER, B et al. **Anámnese 1: A Liturgia momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 103-125.

MARSILI, S. Prefácio. In: CASEL, O. **O Mistério do Culto Cristão**. Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019, p. 13-27.

MARSILI, S. Sacramentos. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p.1058-1069.

MARSILI, S. Liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 638-651.

MARSILI, S. **Sinais do Mistério de Cristo: Teologia Litúrgica dos Sacramentos, Espiritualidade e Ano Litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARSILI, S. A liturgia, momento histórico da salvação. In: NEUNHEUSER, B. et al. **Anámnese 1: A Liturgia momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 95-102.

MARTÍN, J. López. Tempo sagrado, tempo litúrgico e mistério de Cristo. In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja: ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 31-55. v. 3.

MARTÍN, J. López. **No espírito e na verdade: Introdução teológica à Liturgia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTÍN, J. López. Liturgia e culto. In: PIKASA, X., M. DE O., SILANES, N. (Orgs.) **Dicionário teológico: O Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 770-771.

McGRATH, A. E. Justificação. In: HAWTHORNE G. F.; MARTIN, R. P.; REID D. G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008, p. 768-776.

MELITÃO DE SARDES. A Páscoa. In: CORDEIRO, J. de L. (Org.). **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio**. Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p.161-163.

MERCHADOUR, A., A Páscoa no Antigo Testamento. In: MERCHADOUR, A et al. **A Eucaristia na Bíblia**. Coleção: Cadernos Bíblicos,35. São Paulo: Paulus, 1989.

MORRIS, L. Sacrifício e oferenda. In: HAWTHORNE G. F.; MARTIN, R. P.; REID D. G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008, p. 1125-1127.

NEUNHEUSER, B., Apresentação. In: CASEL, O. **O Mistério do Culto Cristão.**

Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019, p. 29-48.

PAIGE, T., Espírito Santo. In: HAWTHORNE G. F.; MARTIN, R. P.; REID D. G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas.** São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008.

PASQUALETTI, G., Reforma Litúrgica. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.)

Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulus, 1992, p. 986-1001.

PAULO VI, PP. **Discurso no encerramento da segunda sessão do Concílio**

Vaticano

II.

Disponível

em:

<https://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/documents/ns_lit_doc_2003_1204_40-concilium_po.html>. Acesso em: 05 de set. 2021.

PIÉ-NINOT, S. **Eclesiología la sacramentalidad de la comunidad Cristiana.**

Salamanca: Ediciones Sígueme, 2007.

PIO XII, PP. **Mediator Dei.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html>. Acesso em 10 de junho 2021.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **Inspiração e verdade da Sagrada Escritura:** a palavra que vem de Deus e fala de Deus para a salvação do mundo. São Paulo: Paulinas, 2014.

PRÓSPERO DE AQUITÂNIA. Capítulo das Autoridades ou Indículo. In: **Antologia Litúrgica:** Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio. Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p.1191-1192.

QUEIRUGA, A. **A Revelação de Deus na realização humana.** São Paulus, 1995.

RAHNER, K. **Curso fundamental da fé.** São Paulo: Paulinas, 1989.

RATZINGER, J. **O novo povo de Deus.** São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré:** Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011.

RATZINGER, J. **Introdução ao espírito da liturgia.** São Paulo: Paulinas, 2006.

RATZINGER, J. **Teologia da Liturgia:** O Fundamento sacramental da existência cristã. Brasília: Edições CNBB, 2019.

RIBEIRO SANTANA, L. F. **A Palavra de Deus na Celebração Litúrgica**. In: DONDICI, G. Fecundidade pela Palavra, Comentários à Exortação Apostólica Verbum Domini. São Paulo: Paulus, 2014, p. 81-96.

RIBEIRO SANTANA, L.F. **A Liturgia das horas como memorial de Cristo e santificação do tempo**. Rio de Janeiro: *Lumen Christi*, 2001.

ROSSO, S. **Il Segno del Tempo nella liturgia**: Anno Liturgico e Liturgia delle ore. Turim: Elledice, 2004.

SALVATI, G. M. Alma. In: PACOMIO, L.; MANCUSO, V. (Orgs). **Lexicon** Dicionário: Teológico enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003, p. 14-15.

SARTORE, D., “Igreja e liturgia”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 572-580.

SARTORE, D., “Memorial”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 723-736.

SÃO BENTO, MONGE BENEDITINO. Regra Monástica. Disponível em: <https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/04800547,_Benedictus_Nursinus,_Regra_Monastica,_PT.pdf>. Acesso em: 13 de jun. de 2021.

SCHILLEBEECKX, E. **História humana**: Revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHILLEBEECKX, E. **Revelação e Teologia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.

SORCI P., Mistério Pascal. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 771-786.

SPANNEUT, M. **Os Padres da Igreja**: Séculos IV-VIII. São Paulo: Loyola, 2002.

STORNIOLO, I.; BALANCIN, E (Trad.). **DIDAQUÉ**: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. São Paulo: Paulus, 2007.

TAFT, R. **La Liturgia delle ore in oriente e occidente**: Le origin dell’ufficio e il suo sinificato per oggi. Roma: Lipa, 2001.

TERTULIANO. **O sacramento do batismo nas fontes cristãs**: teologia e pastoral do batismo segundo Tertuliano. Petrópolis: Vozes, 1981.

THEOBALD, C. O concílio e a “forma pastoral” da doutrina. In: : SESBOUÉ, B. (Org.). **A palavra da salvação (séculos XVIII-XX)**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 387-395. tomo 4.

TORRELL, J-P. **Um povo sacerdotal**. São Paulo: Paulinas, 2014.

TRIACCA, A. M. “Tempo e Liturgia”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 1163- 1174.

TRIACCA, A. M. “Mistério pascal”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 771-787.

TRIACCA, A. M. “Espírito Santo”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 359-370.

VON BALTHASAR, U. **O evento Cristo: Mysterium Paschale**. In: Compêndio de dogmática histórico-salvífica. Petrópolis: Vozes, 1974. v. III/6.

WIEDENHOFER, S. Ecclesiologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.) **Manual de Dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2012. v. II, p. 50-140.

WOLINSKI, J. Mistério Pascal fundamento da hermenêutica. In: SESBOUÉ, B. (Org.) **O Deus da salvação: século I-VIII**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 122. tomo I.

WOLINSKI, J., A economia trinitária da salvação (século II). In: SESBOUÉ, B. (Org.). **O Deus da salvação: século I-VIII**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 121-155. tomo I.